

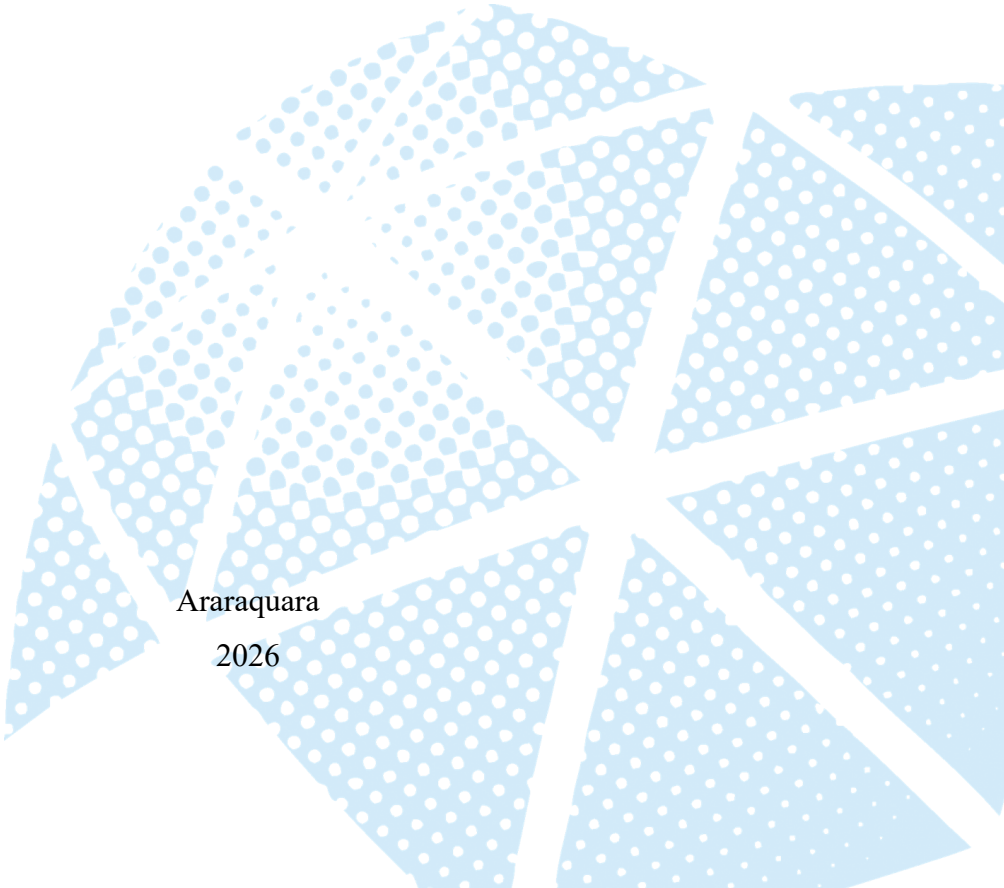
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

ANDERSON VANILDO JOSÉ ALVES MORIS

**TRADUÇÃO DIGITAL: *TREEBANKING* E ALINHAMENTO DE *SOBRE O*
INACREDITÁVEL DE HERÁCLITO**

Araraquara

2026



ANDERSON VANILDO JOSÉ ALVES MORIS

**TRADUÇÃO DIGITAL: *TREEBANKING* E ALINHAMENTO DE *SOBRE O
INACREDITÁVEL* DE HERÁCLITO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Ensino/Aprendizagem de Língua

Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

Araraquara

2026

M861t

Moris, Anderson Vanildo José Alves

Tradução digital : treebanking e alinhamento de Sobre o
Inacreditável de Heráclito / Anderson Vanildo José Alves Moris. --
Araraquara, 2026
93 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

1. Perí Apíston. 2. Heráclito. 3. tradução. 4. treebank. 5.
alinhamento. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta pesquisa, situada na área de Letras Clássicas Digitais, pode atuar como base para futuros estudos didáticos interessados na aplicação dos suportes digitais, o *treebank* e o alinhamento, ao ensino e aprendizado do grego antigo, e para estudos linguísticos que se ocupem em investigar o nível morfológico, sintático e semântico do seu corpus ou realizar comparações entre traduções. Além disso, espera-se que a tradução própria da obra *Peri Apístōn* (*Sobre o Inacreditável*) do Paradoxógrafo Heráclito, disponível neste trabalho, instigue mais estudos acerca da paradoxografia e estimule novos leitores que apreciam a mitologia grega, mas ainda não tiveram acesso ao livro.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research, situated within the area of Digital Classics, can serve as a foundation for future pedagogical studies interested in applying digital tools – such as treebanks and alignment – to the teaching and learning of Ancient Greek language, as well as for linguistic studies focused on investigating the morphological, syntactic, and semantic levels of the corpus or comparing translations. Furthermore, our translation of the book *Peri Apiston* (*On Unbelievable Things*) by Heraclitus the Paradoxographer, available in this work, is expected to spark further research on paradoxography and attract new readers who appreciate Greek mythology but have not yet had access to the book.

ANDERSON VANILDO JOSÉ ALVES MORIS

TRADUÇÃO DIGITAL: *TREEBANKING* E ALINHAMENTO DE *SOBRE O*
INACREDITÁVEL DE HERÁCLITO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Linha de Pesquisa: Ensino/Aprendizagem de Língua

Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

Data da defesa: 29/05/2026

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

UNESP - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Prof. Dr. Marco Aurélio Scarpino Rodrigues

UNESP - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Prof. Dr. Michel Ferreira dos Reis

UFAC - Universidade Federal do Acre

AGRADECIMENTOS

À minha família, minha mãe, meu pai e meu irmão mais velho, que desde a infância frisaram a importância dos estudos e a diversão do aprendizado.

À minha orientadora, Profa. Dra. Anise Ferreira, que me guia na vida acadêmica desde 2020, e que me inspirou, com o seu entusiasmo, a explorar o lado digital das Letras Clássicas.

Aos membros titulares da banca examinadora, Prof. Dr. Marco Rodrigues e Prof. Dr. Michel dos Reis, que também estiveram presentes em avaliações e debates de outros trabalhos meus.

Aos membros suplentes da banca examinadora, Prof. Dr. Emerson Cerdas e Prof. Dr. Lucas Dezotti, que aceitaram esse convite amigavelmente e sempre estabeleceram diálogos em eventos acadêmicos.

A todos os professores e a todas as professoras que fizeram parte da minha formação educacional, dando esperanças para se acreditar no processo de aprendizagem.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

O trabalho tem por objetivo elaborar uma tradução digital manual, isto é, uma tradução elaborada manualmente e publicada no meio digital, correspondente a 31 capítulos da obra *Perí Apistōn* (lit. *Sobre o Inacreditável*), do paradoxógrafo Heráclito (II d.C.). Essa tradução é feita manualmente com o apoio de dois suportes digitais: o *treebank*, também chamado de árvore sintática de dependências, que possibilita uma anotação dinâmica do nível morfológico, sintático e semântico do corpus linguístico; e o alinhamento de tradução, no nível da palavra, no qual o texto grego é alinhado à tradução para se verificar as correspondências entre as suas palavras. A partir de alinhamentos multilíngues, também propõe-se realizar uma comparação entre a tradução elaborada e traduções de outros autores (Pereira, 2016a; Stern, 2003; Guerra, 2009) que não utilizam os suportes digitais, de modo a averiguar quais são as suas diferenças e quais são as contribuições dessas ferramentas à tradução do texto antigo. O manuseio do *treebank* é fundamentado nos guias AGDT 1 (Bamman; Crane, 2008) e AGDT 2 (Celano, 2014), enquanto os alinhamentos seguem os critérios brasileiros de alinhamento de Ferreira e Reis (2022). As discussões acerca da tradução e do suporte digital baseiam-se em pesquisadores da área das Humanidades Digitais, como Yousef *et al.* (2022), Almas e Beaulieu (2016) e Palladino, Shamsian e Yousef (2022b), e em conceitos dos estudos da tradução, como a equivalência e a traduzibilidade nos trabalhos de Baker (1992) e de Pedro (1999). A partir dos suportes digitais, notou-se que as traduções tendem a se distinguir particularmente quando há ambiguidade gerada por conjugações verbais, como o particípio, mudança da classe de palavra, adaptações de estruturas sintáticas, acréscimos de palavras nas traduções e apagamentos de palavras da língua fonte. Além disso, os alinhamentos multilíngues revelaram que a classificação dos pares (1-1, 1-N, N-1, N-N) pode funcionar como um indicador de traduções e equivalências diferentes. Sugere-se que o suporte digital auxilie o tradutor a identificar as diferenças entre as traduções e a obter um melhor entendimento do texto grego para tomar as suas próprias decisões de tradução.

Palavras-chave: *Perí Apistōn*; Heráclito; tradução; *treebank*; alinhamento.

ABSTRACT

This work aims to write a manual digital translation – that is, a translation written by hand and published on the web – of 31 chapters from the book *Perí Apístōn* (*On Unbelievable Things*), by Heraclitus the Paradoxographer (2nd century AD). This translation is done manually with the support of two digital tools: the treebank, also known as a syntactic dependency tree, which enables a dynamic annotation of the morphological, syntactic, and semantic levels of the text corpus; and the translation alignment at word level, in which the Greek text is aligned with the translation to verify correspondences between their words. Based on multilingual alignments, we also propose a comparison between our translation and other authors' translations (Pereira, 2016a; Stern, 2003; Guerra, 2009) that do not use digital tools, in order to identify their differences and assess the contributions of these tools to the translation of ancient texts. The treebank usage is based on the guidelines called AGDT 1 (Bamman; Crane, 2008) and AGDT 2 (Celano, 2014), and the alignments follow the Brazilian alignment criteria established by Ferreira and Reis (2022). Discussions regarding translation and digital tools are inspired by researchers from the field of Digital Humanities, such as Yousef *et al.* (2022), Almas and Beaulieu (2016), and Palladino, Shamsian and Yousef (2022b), as well as by concepts from translation studies, such as equivalence and translatability explained by Baker (1992) and Pedro (1999). Analyzing the corpus through the digital tools, it was noted that translations tend to differ particularly when ambiguity arises from verb conjugations, such as participles, changes in part of speech, adaptations of syntactic structures, addition of words in the target language and omission of words from the source language. Furthermore, the multilingual alignments revealed that the pair classification (1-1, 1-N, N-1, N-N) can be an indicator of different translations and equivalences. It is suggested that digital tools assist translators in identifying differences between translations and gain a better understanding of Greek texts so that they can make their own translation decisions.

Keywords: *Perí Apístōn*; Heraclitus; translation; treebank; alignment.

Sumário

1. Introdução	11
2. <i>Sobre o Inacreditável e a paradoxografia</i>	15
2.1. Técnicas da paradoxografia: o racionalismo	17
2.2. Técnicas da paradoxografia: a etimologia	19
2.3. Técnicas da paradoxografia: o evemerismo	21
2.4. Técnicas da paradoxografia: a alegoria	23
3. Referencial teórico	25
3.1. Os suportes digitais: <i>treebank</i> e alinhamento	26
3.2. Estudos da tradução: o conceito de equivalência	28
4. Metodologia	33
5. Resultados obtidos: visualização das anotações	40
6. Tradução própria de <i>Περὶ Ἀπίστων (Perí Apístōn)</i> , de Heráclito	42
7. Análise dos <i>treebanks</i> e dos alinhamentos elaborados	56
7.1. Diferenças por ambiguidade	57
7.2. Diferenças por mudança da classe de palavra	64
7.3. Diferenças por adaptações na estrutura sintática	66
7.4. Diferenças por acréscimos	69
7.5. Diferenças por apagamentos	71
8. Análise comparativa com alinhamentos multilíngues	75
9. Considerações finais	87
Referências bibliográficas	90

Índice de Figuras

Figura 1: <i>treebank</i> inicial sem dependências	35
Figura 2: <i>treebank</i> final com dependências feitas manualmente.....	35
Figura 3: edição do alinhamento de tradução no Ugarit	36
Figura 4: alinhamento de tradução publicado no site Ugarit.....	37
Figura 5: alinhamento multilíngue no Alpheios Alignment Editor.....	38
Figura 6: <i>treebank</i> com participípios ambíguos como ATR	57
Figura 7: <i>treebank</i> com participípios ambíguos como ADV	59
Figura 8: <i>treebank</i> do capítulo 13 de Heráclito	65
Figura 9: <i>treebank</i> do capítulo 12 de Heráclito	67
Figura 10: alinhamento multilíngue do capítulo 28 de Heráclito	69
Figura 11: alinhamento multilíngue do capítulo 12 de Heráclito.....	72
Figura 12: alinhamento multilíngue do capítulo 18 de Heráclito	75
Figura 13: visualização entre o texto fonte e duas traduções alinhadas.....	78
Figura 14: alinhamento da tradução de Guerra (2009) do capítulo 17 de Heráclito	79
Figura 15: alinhamentos 1-1 e N-N de ἄφθορον διατηρῆσαι (<i>áphthoron diatērēsai</i>).....	83
Figura 16: alinhamento multilíngue do capítulo 4 de Heráclito	85

1. Introdução

Este trabalho, situado na área de Letras Clássicas Digitais e no campo das Humanidades Digitais, é uma continuidade do projeto PIBIC (1-2702) “Edição digital *Sobre o Inacreditável* (Περὶ Ἀπίστων) de Paléfato e Heráclito, com tradução alinhada e anotação em *treebank*”, no qual oito capítulos de Heráclito foram traduzidos e anotados em *treebank* e em alinhamento. No presente trabalho, propõe-se uma tradução dos 31 capítulos (cerca de 1400 *tokens*) restantes da obra de Heráclito. A tradução é elaborada manualmente a partir de uma anotação morfológica, sintática e semântica no *treebank*, também conhecido como árvore sintática de dependências, e é organizada em alinhamentos de tradução para que se verifique as correspondências entre as palavras do texto grego e as palavras da tradução.

O livro Περὶ Ἀπίστων (*Perí Apístōn*), lit. *Sobre o Inacreditável*, de Heráclito (II d.C.), é uma coletânea de 39 capítulos sobre a mitologia grega. A obra faz parte de um gênero literário chamado paradoxografia, que surgiu na Antiguidade Clássica, aproximadamente no século IV. a.C. Os paradoxógrafos, escritores de tal gênero, adotam uma visão crítica em relação aos mitos gregos, a fim de investigar suas origens e comprovar que não eram completamente verdadeiros, na medida que explicam como se deu o surgimento do mito a partir de fatos históricos ou de questões etimológicas.

Dentre os estudiosos da paradoxografia, pode-se citar Hawes (2014), que descreve desde as origens do gênero literário até as suas características específicas, como o uso das técnicas de racionalismo, evemerismo, etimologia e alegoria, e detalha as histórias dos três paradoxógrafos que, curiosamente, escreveram obras com o mesmo título, *Sobre o Inacreditável*: Paléfato, Heráclito e um autor anônimo, do qual se tem poucas informações. Outros estudos semelhantes são os de Pereira (2016a), Stern (2003; 1996) e Guerra (2009), os quais, além de uma introdução teórica sobre o gênero, apresentam uma tradução das obras com notas e explicações sobre algumas palavras difíceis de se traduzir, como *híppos*, que significa cavalo ou égua, mas, no sentido figurado, significa mulher promíscua (Stern, 2003).

Entretanto, percebe-se que os estudos já existentes tendem a uma abordagem voltada à área dos Estudos Literários, pois descrevem principalmente as características literárias da paradoxografia como um gênero literário, enquanto questões linguísticas aparecem somente em algumas seções, como análises da etimologia que os paradoxógrafos utilizavam para explicar os mitos, e em discussões acerca da retórica presente na escrita de Heráclito.

O número de pesquisas sobre a paradoxografia em português também é escasso. Pereira (2016b), a mesma autora que publicou a tradução portuguesa de Heráclito, escreveu um artigo intitulado *Poltergeist: quem tem medo de φαντασματα?*, no qual a obra *Perí Apístōn* é citada brevemente, pois o texto enfoca as aparições fantasmagóricas dos escritos de Flégon. A falta de tradução e de estudos acerca da paradoxografia é uma das lacunas de pesquisa que o presente projeto busca preencher com a proposta de tradução dos capítulos de Heráclito.

Nota-se que a paradoxografia é um texto antigo ainda pouco explorado, especialmente em português brasileiro. No momento, não foi publicada nenhuma tradução brasileira do livro *Sobre o Inacreditável*, e as traduções disponíveis em outras línguas também são poucas: português europeu (Pereira, 2016a); inglês (Stern, 2003; 1996); espanhol (Guerra, 2009); e italiano (Veludo, 1843). Além das traduções impressas, há uma tradução digital, em inglês, elaborada por Hawes *et al.* (2021) e disponível na biblioteca online Scaife Viewer¹.

A tradução própria realizada neste trabalho é a primeira tradução brasileira da obra *Περὶ Ἀπίστων* (*Perí Apístōn*), de Heráclito. Além disso, dentre as traduções estrangeiras consultadas, nenhum dos seus tradutores utiliza o suporte digital manuseado neste trabalho, isto é, o *treebank* ou o alinhamento de tradução. Assim, ao comparar as traduções, também foi possível analisar, com o apoio de estudos das Humanidades Digitais, de que forma esses métodos tecnológicos afetam o processo tradutório.

As Humanidades Digitais são estudos na área da linguística, literatura e ciências sociais, nos quais a metodologia é orientada por inovações computacionais; ou seja, é uma área interdisciplinar composta entre as Humanidades e as Ciências da Computação (Reis, 2021). A união dessas duas disciplinas explica-se pelas possibilidades e inovações que a informática oferece aos trabalhos que se ocupam da linguagem, como por exemplo, “[...] a criação e disseminação de repositórios ou acervos digitais” (Reis, 2021, p. 16), uma agilidade maior em trabalhos com obras extensas, pesquisas lexicais, desenvolvimento, treinamento de algoritmos, entre outros.

Mais especificamente, em estudos apoiados no *treebank* e no alinhamento, utilizados também como ferramentas didáticas para o ensino da língua grega, Reis (2021, p. 22) afirma que há um encadeamento entre quatro palavras-chaves: “*sharing* (compartilhamento),

¹ HERACLITUS, Paradoxographus. On Unbelievable Stories. tradução de HAWES, Greta; *et al.* Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2021. (Digital publication). Disponível em: <https://tinyurl.com/4pfvy76y>. Acesso em 20 abr. 2026.

teamwork (trabalho em equipe), *open access* (acesso aberto) e *digital methods* (métodos digitais)”. *Sharing* diz respeito ao compartilhamento e a geração de dados e de conhecimento pela internet. O trabalho em equipe é o contato entre profissionais da área, que se reúnem para resolver possíveis problemas de anotação. O acesso aberto é a etapa responsável por disponibilizar os dados online e gratuitamente com licenças abertas. E os três itens anteriores são alcançados a partir dos métodos digitais, que incluem o *treebank* e outros suportes digitais.

Crane *et al.* (2012) também mencionam essa característica cíclica das Humanidades Digitais ao explicarem que a pesquisa das humanidades com a tecnologia promove um “[...] ciclo virtuoso onde estudantes contribuem com dados à medida que aprendem e aprendem para contribuir com conhecimentos” (Crane *et al.*, 2012, p. 213, tradução própria)². Então, entende-se que a área possibilita uma produção e compartilhamento de dados e de conhecimento em um processo cíclico.

O *treebank* e o alinhamento de tradução, os dois suportes usados neste trabalho, cumprem com esse ciclo, já que implicam em um trabalho em equipe de revisão e discussão, um compartilhamento e a geração de dados pela internet com o produto obtido, no caso, a tradução final. Além disso, o manuseio dessas ferramentas pode gerar diversas contribuições aos estudos de textos antigos, assim como pesquisadores da área já atestaram.

Mambrini (2016), por exemplo, discorre sobre a utilidade da anotação sintática em *treebank* na sala de aula, uma vez que a ferramenta pode ser um forte aliado para os alunos visualizarem com mais clareza as dependências sintáticas que cada termo compartilha entre si na sentença. Por exemplo, os adjetivos recebem a etiqueta de atributo (ATR) e permanecem conectados abaixo dos substantivos que estão modificando, e os substantivos são conectados aos verbos com a etiqueta de sujeito (SBJ) ou objeto (OBJ).

Crane *et al.* (2023) também destacam essa vantagem visual e didática do *treebank*, pois relembram que as línguas clássicas possuem uma estrutura sintática complexa e muito distinta das línguas modernas, o que causa dificuldade no aprendizado de línguas como o latim e o grego. Já Almas e Beaulieu (2016) apontam a sua capacidade de oferecer um extenso acervo de dados produzido a partir das anotações de diversos usuários na internet, já que a plataforma é gratuita e acessível a qualquer pessoa online.

² Do original em inglês: “[...] a virtuous cycle where students contribute data as they learn and learn in order to contribute knowledge (Crane *et al.*, 2012, p. 213).

Em relação ao alinhamento, Yousef *et al.* (2022) estudam a plataforma de alinhamentos Ugarit³ e elegem alguns propósitos para se alinhar uma língua fonte a uma língua alvo: desenvolvimento de uma tradução automática estatística, extração automática de léxico bilíngue, acervo de corpus linguístico, aprendizagem de línguas e projeção de anotação multilíngue. Quanto ao aprendizado de línguas antigas como o grego e o latim, Palladino, Foradi e Yousef (2021) consideram o alinhamento como um método para refletir sobre os possíveis significados das palavras, uma vez que o Ugarit registra todos os pares de palavras já alinhados no site, o que permite o usuário consultar o significado de uma palavra grega em diversas línguas e contextos diferentes.

Sobretudo, um dos pontos mais interessantes do alinhamento é poder “[...] descobrir diferenças nas estratégias de tradução” (Palladino; Foradi; Yousef, 2021, p. 7, tradução própria)⁴. A partir do alinhamento, pode-se analisar as traduções com mais detalhes, observando o conjunto de palavras traduzidas, a quais palavras foram alinhadas, e quais adaptações morfológicas, sintáticas ou semânticas foram feitas. De acordo com os autores, esse processo de observação comparativa ajuda o estudante a encontrar sua voz de tradutor, pois, através da análise, ele constrói as suas próprias escolhas de tradução, sendo capaz de discernir qual tradução funciona melhor no alinhamento, qual delas usa o termo mais fácil de se entender na língua alvo, e qual possui mais correspondências com o texto original.

Portanto, tendo em vista as possibilidades e os auxílios que o *treebank* e o alinhamento oferecem ao campo de estudo de línguas clássicas, este trabalho propõe traduzir *Perí Apístōn* (*Sobre o Inacreditável*) de Heráclito, com base na árvore sintática de dependências e nos alinhamentos entre o texto grego e as traduções. Por fim, busca-se desenvolver uma análise comparativa entre a tradução elaborada e as seguintes traduções: Pereira (2016a) em português europeu, Stern (2003) em inglês, e Guerra (2009) em espanhol, também com o intuito de verificar os efeitos do suporte digital nas decisões de tradução e no entendimento do texto grego.

³ Disponível em: <https://www.ugarit.ialigner.com/index.php>. Acesso em 10 ago. 2025.

⁴ Do original em inglês: “[...] to discover differences in translation strategies in a very complex and rhetorically skilful literary work” (Palladino; Foradi; Yousef, 2021, p. 7).

2. Sobre o Inacreditável e a paradoxografia

A obra *Περὶ Ἀπίστων* (*Perí Apístōn*), lit. *Sobre o Inacreditável*), do paradoxógrafo Heráclito, que foi traduzida manualmente neste trabalho advém da edição publicada por Festa (1902). O livro é uma coletânea de capítulos escritos por três autores diferentes: Paléfato (séc. IV. a.C.) com 52 capítulos, Heráclito (séc. II a I d.C.) com 39 capítulos, e Excerpta Vaticana (Anônimo Vaticano) com 23 capítulos. O título é o mesmo para os três conjuntos de capítulos, mas, segundo Stern (2003), é provável que Heráclito e Excerpta Vaticana não haviam intitulado suas obras; então, um epitomador as reuniu e, como abarcavam o mesmo tema, atribuiu-lhes o título que Paléfato, o mais conhecido dentre os três, havia atribuído ao seu texto.

Em relação à pessoa Heráclito há uma escassez de informações históricas, como afirma Stern (2003, p. 51, tradução própria) diretamente: “Do autor nada se sabe, embora pareça pertencer ao final do século I d.C. ou ao século II d.C.”⁵. Como Heráclito viveu entre II a I d.C., uma época de ênfase na educação retórica e nas práticas de interpretação textual, supõe-se que a sua obra, *Sobre o Inacreditável*, originalmente exerceu a função de um material didático tradicional para o aprendizado de retórica (Hawes, 2014). Essa suposição também está vinculada à maneira sucinta e didática com que Heráclito escrevia os seus capítulos.

Além disso, esse Heráclito não está relacionado a outros autores de mesmo nome, como o filósofo de Éfeso, nascido em um período diferente (séc. VI e V a.C.), ou o autor da obra *Questões Homéricas* (*Homeric Problems*)⁶, na qual são interpretadas as alegorias que Homero elaborou na *Iliada* e na *Odisseia* – apesar do tema próximo, assume-se que o seu autor não é o Heráclito de *Sobre o Inacreditável* porque há uma grande discrepância no estilo de escrita (Stern, 2003). Hawes (2014) explica que, para evitar equívocos entre os nomes, o Heráclito em questão passou a ser chamado pelos teóricos de Heráclito Paradoxógrafo (*Heraclitus Paradoxographus*), uma referência ao gênero literário de seu texto.

Os capítulos de *Sobre o Inacreditável* fazem parte da paradoxografia, um gênero literário em que os escritores buscam averiguar as verdades e as mentiras presentes nos mitos gregos. Segundo Pereira (2016a), a paradoxografia surgiu no século III a.C., e as suas publicações continuaram até o final do Império Romano (27 a.C. – 565 d.C.). É válido destacar

⁵ Do original em inglês: “Of the author nothing is known, although he appears to belong to the late 1st or 2nd century A.D.” (Stern, 2003, p. 51).

⁶ Heraclitus, Allegoriae (=Quaestiones Homericae), texto original disponível para visualização no Scaife Viewer: <https://scaife.perseus.org/reader/urn:cts:greekLit:tlg1414.tlg001.1st1K-grc1:1-5/>.

os aspectos específicos da paradoxografia, uma vez que as discussões à frente retomam alguns pontos importantes desse gênero.

O contexto desse gênero literário foi influenciado pelo século IV a. C., marcado pelas conquistas de Alexandre Magno, as quais proporcionaram aos povos novos estudos da natureza, como a etnografia, a meteorologia, a filosofia, etc. (Pereira, 2016a). Fowler (2011) explica que o estudo interpretativo dos mitos se deu pela ascensão desse racionalismo na Grécia Antiga. O autor diz que essa época se assemelha ao período iluminista europeu, pois marcou um grande avanço nos estudos científicos realizados pelos gregos.

Uma vez que a civilização grega se centrava na mitologia, com numerosos escritos a seu respeito, como os textos de Homero e de Hesíodo, os mitos se tornaram alvo principal da ascensão racionalista na época (Fowler, 2011). No caso da paradoxografia, os escritores analisavam os mitos, separando-os em duas partes: *mythos* e *lógos*. Ambos os termos se referem à produção da fala ou da escrita, mas com conotações distintas. Enquanto *mythos* é um discurso narrativo, semelhante a um rumor ou uma lenda, *lógos* é um discurso da faculdade do raciocínio, como um argumento ou um fato histórico. Fowler (2011, p. 58, tradução própria) compara a oposição de *mythos* e *lógos* à “[...] imaginação e ficção em oposição ao argumento racional”⁷.

Desse modo, os paradoxógrafos investigavam essas histórias pelas suas partes que julgavam ser factuais/reais (*lógos*) e das que lhes pareciam ser fictícias/irreais (*mythos*), e assim refutavam os mitos. Por exemplo, o mito a respeito de Medusa conta que ela era uma mulher de cabelos serpentinados que petrificavam quem a olhasse (Graves, 2018). Já o Heráclito Paradoxógrafo, em seu primeiro capítulo intitulado “Sobre a Medusa”, reconhece que havia, realmente, uma mulher chamada Medusa, mas ela não petrificava as pessoas, apenas deixava-as estonteadas (no original: ἔκπληκτον, *ékplēkton*) por ser uma cortesã demasiadamente bela.

Assim, ele aponta o fato histórico do mito (a existência da mulher), à medida que nega a ficção por trás dele (o poder de petrificação). É nessa dicotomia entre o factual e o fictício que se constrói a refutação dos mitos na paradoxografia. Ainda em relação às características desse gênero literário, é interessante mencionar as principais técnicas que os paradoxógrafos utilizavam para investigar os pontos refutáveis da mitologia grega: o racionalismo, a etimologia, o evemerismo e a alegoria.

⁷ Do original em inglês: “[...] imagination and fiction as opposed to reasoned argument” (Fowler, 2011, p.58).

2.1. Técnicas da paradoxografia: o racionalismo

De acordo com Osmun (1956), a data do racionalismo ainda é incerta, pressupõe-se que inicialmente foi usado por alguns filósofos, poetas e historiadores do século VI a.C., os quais já haviam duvidado da veracidade dos mitos e começaram a tratar a mitologia como uma ciência digna de ser estudada.

Na paradoxografia, o racionalismo é um procedimento utilizado para questionar a sua veracidade, semelhante ao método da verossimilhança. O paradoxógrafo, primeiro, refuta o mito a partir de fatos históricos e, por fim, cria a sua interpretação a respeito dele. Hawes (2014) também propõe o termo “interpretação racionalista” (*rationalistic interpretation*), para se referir ao racionalismo, pois esse é apenas mais uma ferramenta de interpretação dentre o evemerismo, a etimologia e a alegoria, assim como também afirma Stern (2003).

A interpretação racionalista é usada com mais frequência nos textos de Paléfato; afinal, o próprio autor, em seu prefácio, diz que viajou por todas as regiões helênicas para conhecer mais profundamente a origem de cada mito. Porém, também há argumentos racionais nos textos de Heráclito, como acontece no capítulo “Sobre os centauros”. O paradoxógrafo nega a existência dos centauros, criaturas mitológicas que seriam metade homem, metade cavalo, dizendo que não há como duas criaturas sobreviverem em um mesmo corpo: “Afinal, é impossível que duas naturezas diferentes, se reunidas em um único ser vivo, venham ao mundo e cresçam” (Heráclito, 1902, p. 75, tradução própria)⁸.

Além disso, Heráclito atribui a origem do mito a um mal-entendido. Segundo ele, as pessoas que viram os primeiros cavaleiros da civilização pensaram que a figura do homem em cima do cavalo seria uma criatura só: “[...] para aqueles que inicialmente os viram de longe, deram a impressão de que eram compostos de duas naturezas” (Heráclito, 1902, p. 75, tradução própria)⁹. Logo, essa falsa impressão teria passado de geração a geração, dando origem ao mito de que havia uma criatura metade homem, metade cavalo.

Stern (2003) explica que essa técnica racionalista entende o mito como um equívoco histórico. Heráclito faz isso ao explicar o mito a partir de um evento do passado: os cidadãos experienciaram uma espécie de ilusão de ótica ao testemunhar, pela primeira vez, os centauros

⁸ Do original em grego: δύο γὰρ διηλλαγμέναι φύσεις εἰς ἓν συνελθούσας ἀδύνατον ζῶγονηθῆναι καὶ τραφῆναι (Heráclito, 1902, p. 75)

⁹ Do original em grego: φαντασίαν τε ἀπετέλεσαν τοῖς πρώτως θεασαμένοις μακρόθεν, ὥς ἐκ δυοῖν εἰσι γεγονότες φύσεων (Heráclito, 1902, p. 75).

montados em seus cavalos. Assim, Heráclito racionaliza o mito na medida que cria uma explicação lógica e histórica para os seus acontecimentos do passado.

Sobretudo, apesar do posicionamento crítico e racionalista dos paradoxógrafos contra os mitos, a paradoxografia em si não se coloca como uma oposição à existência do mito. Pelo contrário, esse gênero literário é interpretado como apenas mais uma dentre as muitas versões dessas histórias (Hawes, 2014). Em outras palavras, assim como o mito não anula a paradoxografia, essa também não o anula:

Talvez seja melhor pensarmos a racionalização não como uma ameaça externa à mitologia grega, mas como um método revisionista que, na verdade, atuou **ao lado** de outras formas de narrativa, **dentro dos** limites da tradição mítica grega, com toda a sua diversidade e contradições (Hawes, 2014, p. 19, tradução própria, grifos da autora)¹⁰.

Portanto, o racionalismo do gênero paradoxográfico, sucintamente, nada mais é que um novo tipo de interpretação dos mitos que faz uso da razão e da verossimilhança para criar hipóteses sobre o que realmente teria acontecido no passado. Heráclito, no capítulo “Sobre os centauros”, como se constatou, não nega a história acerca dos centauros que foram vistos por outros povos, o autor apenas refuta o aspecto sobrenatural do mito, isto é, a junção da fisionomia de duas criaturas, o homem e o cavalo, em um único corpo.

¹⁰ Do original em inglês: “We might be best to think of rationalization not as an external threat to Greek mythology, but as a revisionist mode which actually functioned alongside other forms of storytelling and within the bounds of the Greek mythic tradition, with all its diversity and contradictions” (Hawes, 2014, p. 19, grifos da autora).

2.2. Técnicas da paradoxografia: a etimologia

A etimologia é uma das quatro principais ferramentas utilizadas pelos paradoxógrafos para averiguar a veracidade do mito. A partir da etimologia, os escritores conseguem identificar os equívocos dos boatos populares e criar uma versão do mito com base nas palavras homônimas e ambíguas que causaram tal mal-entendido (Stern, 2003).

Heráclito utiliza da etimologia no capítulo “Sobre a Medusa”, no qual supõe que a Medusa não tinha poderes petrificantes, pois, na verdade, ela não petrificava os homens, mas os deixava estonteados, imóveis por causa de sua grande beleza: “Ela era uma linda cortesã, por isso, quem a observava ficava **estonteado**, ou melhor, **petrificado** (Heráclito, 1902, p. 73, tradução própria, grifo próprio)¹¹.

Nesse caso, a ambiguidade é semântica, já que por “ficarem estonteados” os gregos entenderam “tornar-se pedra”, devido ao sentido de imobilidade que a expressão “ficar estonteado” contém em si. Por causa desse sentido ambíguo, surgiu o mito de que a Medusa seria um monstro sobrenatural que petrificava todos que a viam.

No mesmo capítulo, Heráclito explica o nascimento de Pégaso, um cavalo alado que, segundo o mito, teria nascido da cabeça de Medusa, após ela ser decapitada pelo herói Perseu (Graves, 2018). O paradoxógrafo faz proveito do duplo sentido da palavra “cavalo” em grego, ἵππος (*hippos*¹²), criando a expressão ἵππου γῆρας (*hippou gêras*), literalmente “uma velhice de cavalo”. O substantivo *hippos* significa cavalo ou égua, mas também possui um uso figurado e pejorativo, especialmente em relação à figura feminina: mulher promíscua, ou algo ruim, mau.

Logo, o segundo equívoco do mito de Medusa surgiu a partir dessa ambiguidade lexical: um cavalo (*hippos*) não nasceu de sua cabeça; na verdade, a sua juventude e os seus bens esgotaram-se, e assim Medusa sofreu uma velhice ruim, de mulher promíscua (*hippos*): “Então, tendo perdido a juventude e os pertences, ela teve uma velhice de mulher promíscua” (Heráclito, 1902, p. 73, tradução própria)¹³. Desse modo, Heráclito apaga do mito a figura mitológica de

¹¹ Do original em grego: αὕτη ἐταίρα καλὴ ἐγένετο ὥς τὸν ἰδόντα αὐτὴν ἔκπληκτον γενόμενον οἶον ἀπολιθοῦσθαι (Heráclito, 1902, p. 73, grifo próprio).

¹² Verbete disponível no Dicionário Digital Grego-Português em: <http://hipatia.fclar.unesp.br/3x/gword/19416>. Acesso em 10 out. 2025.

¹³ Do original em grego: ἀπολέσασα δὲ τὴν ἡλικίαν καὶ τὰ ὑπάρχοντα ἵππου γῆρας ἐγήρασεν. (Heráclito, 1902, p. 73).

um cavalo alado surgindo a partir da cabeça de uma mulher, tratando o termo como um simples atributo que definiria a qualidade da vida de um dos personagens do mito.

A fim de preservar o sentido original, Stern (2003, p. 73) cria um neologismo em inglês, “whorse”, um trocadilho que combina os termos *horse* (cavalo) e *whore* (prostituta): “And when she had lost these — her youth and her possessions — she suffered a ‘whorse’ old age”. O tradutor ressalta, em suas notas, que o prefixo ἵππο- (*hippo-*) carrega o sentido de grosseiro e vulgar. Nota-se também que o neologismo *whorse* relembra o adjetivo *worse* (pior), o que elucida qual a qualidade da velhice vivida pela Medusa.

No português, seria difícil recriar o mesmo trocadilho, uma vez que não há uma proximidade sonora entre as palavras cavalo, ruim e cortesã, como há entre *horse*, *worse* e *whore*. A tradução própria deste trabalho, em sua versão final, optou pela expressão “velhice de mulher promíscua”, de modo a retomar o que Heráclito, no capítulo, conta sobre Medusa ser uma cortesã, e a preservar o sentido implícito de que essa seria uma velhice ruim. Uma outra solução possível, seguindo o exemplo de Stern (2003), seria traduzir ἵππου γῆρας (*hippou gēras*) como “uma velhice de égua”, mantendo o sentido concreto de *híppos* (cavalo ou égua), e o seu sentido figurado (ruim).

2.3. Técnicas da paradoxografia: o evemerismo

Segundo Stern (2003), o evemerismo é um tipo de racionalismo que busca a racionalização das figuras divinas e heroicas. Evêmero, o criador da teoria evemerista no século IV a.C., supôs que os deuses eram seres humanos grandiosos, que prezaram pela humanidade e que, por isso, eram respeitados por todos (Pereira, 2016a). Heráclito trabalha com o evemerismo para escrever sobre as divindades, especialmente sobre Zeus, que é tratado como um rei grego na maioria da sua paradoxografia.

Uma dessas abordagens está presente no capítulo 34, “Sobre a Lâmia”¹⁴, no qual Heráclito explica que Zeus era simplesmente um rei que se apaixonou por Lâmia, uma bela jovem. Hera, furiosa, descobriu a traição e arrancou os olhos de Lâmia, abandonando-a nas montanhas, onde a mulher viveu em meio à sujeira e à selvageria, a ponto de se parecer com um animal selvagem. Nas palavras do escritor:

O Zeus, que era um rei, envolveu-se com Lâmia, que era linda, mas Hera a capturou, arrancou os seus olhos e a abandonou nas montanhas. Então, como ela era suja e malcuidada, vivendo na solidão, parecia ser um animal selvagem. (Heráclito, 1902, p. 85, tradução própria)¹⁵.

Dessa maneira, Heráclito refuta o caráter fictício do mito, no qual Hera transforma Lâmia em um monstro horrendo, pois explica que, como um rei e uma rainha humanos, nem Zeus, nem Hera, possuiriam poderes sobrenaturais para metamorfosear um ser humano em um animal. Portanto, Lâmia não foi transformada em um monstro, ela apenas vivia nas montanhas e, por isso, obteve uma aparência descuidada, semelhante aos animais das montanhas, como répteis e outros. Ao fazer uso do evemerismo, o paradoxógrafo refuta o mito por meio da exclusão da imagem sobrenatural que as divindades, Zeus e Hera nesse caso, carregam de acordo com os mitos.

Essa técnica está presente em vários capítulos de Heráclito e não se limita apenas à imagem dos deuses, como também de monstros e mortais com poderes sobrenaturais. Os capítulos 1, 2, 8, 14, 16, por exemplo, respondem mitos acerca de figuras femininas, como a

¹⁴ Lâmia era filha de Belo e rainha da Líbia; teve relações sexuais com Zeus, dando à luz diversos filhos, mas todos, com exceção de Cila, foram mortos por Hera após ela descobrir a traição de Zeus. Como vingança, Lâmia começou a matar crianças, agindo de forma tão cruel que seu rosto ficou desfigurado, semelhante a um monstro (Graves, 2018). Contudo, segundo a versão do mito contada por Heráclito, foi Hera que diretamente havia transformado Lâmia em uma criatura horrenda.

¹⁵ Do original em grego: καλὴ αὐτῇ οὖσῃ ὁ Ζεὺς ἐπλησίασε βασιλεύων, Ἥρα δὲ συναρπάξουσα αὐτήν, τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐξώρυξε καὶ εἰς τὰ ὄρη ἔρριπεν. διὰ δὲ τὸ ὑπὸ ταῖς ἐρημίαις καταγινομένην αὐτὴν ἄλουτον καὶ ἀθεράπευτον εἶναι, ἐδόκει θηρίον ὑπάρχειν. (Heráclito, 1902, p. 85).

Medusa e as Harpias, e consideram que todas eram mulheres comuns, sem poderes ou fisionomias surreais, e trabalhavam como cortesãs. Já os capítulos 3, 4, 5, 6, 9, 10, entre outros, tratam de figuras masculinas; o nono capítulo, por exemplo, explica que Perseu não tinha o poder de voar com asas em seus pés, ele simplesmente era rápido demais, por isso, as pessoas falavam da sua velocidade utilizando a expressão: ἔπτη (*éptē*, “ele voou”).

2.4. Técnicas da paradoxografia: a alegoria

A alegoria na paradoxografia é definida por Hawes (2014) como uma alegoria realista, pois é racional e procura, de modo estruturalista, os sentidos implícitos do próprio texto. É com base nos pequenos significados internos do texto que os paradoxógrafos constroem uma interpretação final do mito em casos de alegoria.

A interpretação alegórica se difere da interpretação racionalista porque possuem propósitos distintos: “[...] a racionalização se encontra nos textos históricos e pretende descobrir verdades históricas, enquanto a alegoria é usada por filósofos para descobrir verdades filosóficas” (Hawes, 2014, p. 29, tradução própria)¹⁶. A alegoria, portanto, possui um aspecto filosófico, e o paradoxógrafo chega ao sentido oculto dos mitos a partir de uma reflexão sobre os seus elementos textuais.

Apesar desse caráter interpretativo, que associa a alegoria à filosofia, Heráclito não usa esse tipo de interpretação com o objetivo de criar debates filosóficos no final de seus textos. O autor racionalista não usa a alegoria pelo seu caráter poético, mas sim pelo seu potencial de interpretação e refutação do mito, o qual guiará o escritor a decifrar a sua verdade. Dentre os paradoxógrafos, Heráclito é um dos poucos que usam a técnica de alegoria (Stern, 2003).

Como já explicado, “Sobre a Medusa” é um dos capítulos de Heráclito que utilizam a etimologia como um artifício para refutar o mito. Porém, no mesmo capítulo, também há uma interpretação alegórica do paradoxógrafo. Heráclito assume que Perseu, na verdade, não decapitou Medusa; ele fez com que a mulher gastasse todos os seus bens, passasse a vida na miséria e perdesse a sua juventude. O autor encerra o capítulo dizendo que “Afinal, a cabeça é a flor da juventude, a qual Perseu tirou de Medusa” (Heráclito, 1902, p. 73, tradução própria)¹⁷.

Para compreender essa interpretação alegórica de Heráclito, é preciso conhecer a ideia de juventude na Antiguidade Clássica. A palavra grega que corresponde a juventude é *ἡλικία* (*hēlikía*), que possui vários significados: idade, a força da idade, maturidade, idade fecunda, velhice, idade avançada, geração, contemporâneo, entre outros¹⁸. No contexto do capítulo em questão, *hēlikía* se refere à idade fecunda da vida, isto é, a idade juvenil.

¹⁶ Do original em inglês: “[...] rationalization is found in historical texts and aims to uncover historical truths, whereas allegory is used by philosophers to uncover philosophical truths” (Hawes, 2014, p. 29).

¹⁷ Do original: ἡ γὰρ κεφαλὴ τὸ τῆς ἡλικίας ἄνθος ἐστίν, ὃ ἀφείλεν αὐτῆς ὁ Περσεύς (Heráclito, 1902, p. 73).

¹⁸ Os verbetes de *ἡλικία* (*hēlikía*) podem ser conferidos no Dicionário Digital Grego-Português (DDGP), disponível em: <http://hipatia.fclar.unesp.br/3x/gword/17780>. Acesso em 20 abr. 2026.

De acordo com Vernant (1978), a juventude detém uma grande representatividade e status para o povo heleno porque significa poder, capacidade física, a melhor época da vida e beleza. Também se acreditava que os cabelos eram a própria flor da juventude, a qual, na velhice, murchava, simbolizando os cabelos grisalhos e escassos dos anciões. Assim, associava-se fortemente a ideia da juventude à cabeça, e Heráclito se baseia justamente nessa crença popular. Como Perseu, sem intenção, arrancou de Medusa a melhor época de sua vida, a juventude, o povo grego havia entendido que ele teria a decapitado, porque, como o paradoxógrafo explica, a cabeça é a flor da juventude.

Logo, nesse caso, foi uma crença popular que contribuiu para o mal-entendido, o mito de que Medusa teve sua cabeça decapitada por Perseu. Heráclito construiu sua alegoria a partir das informações do próprio mito: o fato de Perseu decapitar Medusa, e interpretou essa parte com base na crença grega de que a cabeça é a juventude. Em outras palavras, para Heráclito, a cabeça seria uma alegoria para juventude.

3. Referencial teórico

Este trabalho é embasado em pesquisas de duas áreas: as Humanidades Digitais, que orientaram as análises dos *treebanks* e alinhamentos de tradução elaborados, e os estudos da tradução, referenciados durante a análise comparativa entre as traduções estrangeiras consultadas (Pereira, 2016a; Stern, 2003; Guerra, 2009).

Nas Humanidades Digitais, autores como Bamman e Crane (2011), Yousef *et al.* (2022), Palladino (2020), ocupam-se em investigar os propósitos e as funções das ferramentas digitais, especialmente a árvore sintática de dependências e o alinhamento de traduções. O manuseio das plataformas segue as instruções e os critérios de anotações elaborados por pesquisadores da área (Bamman; Crane, 2008; Celano, 2014; Ferreira; Reis, 2022).

Quanto aos estudos tradutológicos, Baker (1992), Panou (2013), Pedro (1999), entre outros estudiosos, são bases às discussões acerca dos processos e das escolhas de tradução que podem estar associadas às questões da área dos estudos da tradução, como os conceitos de equivalência e de traduzibilidade.

Além do suporte digital, a tradução própria deste trabalho é amparada na consulta de materiais referentes à língua grega, como os dicionários grego-português de Malhadas, Dezotti e Neves (2006), o dicionário online *Dicionário Digital Grego-Português* (2021), os dicionários grego-inglês de Diggle (2021) e de Liddel & Scott (1996), o qual pode ser acessado online pelos sites *Perseus Digital Library*¹⁹ e *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG)²⁰, e as gramáticas de Ragon (2012) e de Boas *et al.* (2019).

¹⁹ Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/>. Acesso em 10 ago. 2025.

²⁰ Disponível em: <https://stephanus.tlg.uci.edu/>. Acesso em 10 ago. 2025.

3.1. Os suportes digitais: *treebank* e alinhamento

Na área das Humanidades Digitais, o *treebank*, ou árvore sintática de dependências, é definido como “[...] uma grande coleção de sentenças na qual a relação sintática de cada palavra é feita explícita” (Bamman; Crane, 2011, p. 80, tradução própria)²¹. Em outras palavras, trata-se de uma etiquetagem de dependências sintáticas no formato de árvore, a partir da qual pode-se obter uma interpretação textual mais visível e compreensível. Essa visualização textual é vista como uma das maiores contribuições da ferramenta às pesquisas de corpus e ao aprendizado da língua grega.

Mambrini (2016), por exemplo, considera o *treebank* como um método didático para explicitar as funções e as dependências sintáticas da sentença a partir dos galhos da árvore. O autor também ressalta que o usuário é livre para modificar a sua anotação conforme a sua interpretação do texto, desde que essa seja possível dentro das regras gramaticais da língua grega. Um exemplo de anotação impossível seria um termo conjugado no nominativo, o caso que sempre desempenha papel de sujeito, etiquetado como objeto ou advérbio.

Quanto a essa função didática da ferramenta, Almas e Beaulieu (2016) dizem que o *treebank* “[...] é um método efetivo não apenas para ganhar um entendimento da língua, mas também para mostrar o seu entendimento de uma sentença, ou grupo de sentenças, e justificar interpretações”²². Assim, ao elaborar a anotação sintática, o tradutor está justificando a sua decisão de tradução, isto é, está evidenciando, através das dependências, de que forma fez a sua interpretação do texto. Essa função de justificar traduções não cabe apenas aos aprendizes da língua grega, como também aos pesquisadores mais avançados da área.

O alinhamento, por sua vez, é definido como “[...] a operação de comparar dois ou mais textos para que se encontre correspondências entre unidades textuais” (Yousef *et al.*, 2022, p. 5894, tradução própria)²³. No alinhamento, as palavras correspondentes formam pares, que recebem uma identificação dependendo do número das palavras alinhadas: uma palavra grega com uma palavra na tradução (1-1); mais de uma palavra grega com mais de uma palavra na

²¹ Do original em inglês: “A *treebank* is a large collection of sentences in which the syntactic relation for every word is made explicit” (Bamman; Crane, 2011, p. 80).

²² Do original em inglês: “[...] an effective method not only to gain understanding of language, but also, to display one’s understanding of a sentence or group of sentences and justify interpretations. (Almas; Beaulieu, 2016, p. 179).

²³ Do original em inglês: “[...] the operation of comparing two or more texts in order to find correspondences between their textual units” (Yousef *et al.*, 2022, p. 5894).

tradução (N-N); uma palavra grega com mais de uma palavra na tradução (1-N), e o vice-versa (N-1) (Yousef *et al.*, 2022).

Tanto o *treebank* quanto o alinhamento são métodos utilizados em pesquisas de corpus linguístico, como a de Bushnell (2021), que analisa as ocorrências dos diferentes tipos de pares nos alinhamentos da tradução da obra *Eneida* por Gavin Douglas, e verifica que o tradutor modifica o seu estilo de escrita do começo ao final do texto. Para a autora, o alinhamento de tradução permite discernir os diferentes estilos que um mesmo texto pode carregar.

As contribuições didáticas desses suportes digitais ao aprendizado de línguas também são marcantes em trabalhos como o de Palladino (2020), que descreve as suas experiências ao utilizar o alinhamento para incentivar os seus alunos a comparar traduções e a refletirem sobre as suas diferenças e sobre as escolhas de tradução. Palladino (2020) diz que a abordagem do texto grego a partir do meio digital é importante para o aprendizado contemporâneo, visto que, hoje, a tecnologia se faz presente em diversos campos.

Já Palladino, Shamsian e Yousef (2022b) utilizam o alinhamento para verificar indicadores quantitativos da proximidade das traduções em relação ao texto fonte. Com base na porcentagem de palavras alinhadas e não alinhadas, os autores assumem que: a) quando há um número alto de palavras não alinhadas nas duas línguas, pode haver uma falta de justaposição entre as línguas; b) quando há muitas palavras não alinhadas em grego, pode haver uma tendência a omissões; c) quando há muitas palavras não alinhadas na língua alvo, pode haver uma tendência a expansões ou paráfrases.

3.2. Estudos da tradução: o conceito de equivalência

A área dos estudos da tradução abarca diferentes tipos de pesquisas, como aquelas que se ocupam em classificar os métodos de tradução, averiguar a traduzibilidade de certos termos, ou discutir escolhas de estilo para um determinado contexto. James S. Holmes, um pioneiro da área, realizou o discurso *The Name and Nature of Translation Studies* em um congresso de 1972, no qual o autor inventou a expressão “estudos da tradução” (*translation studies*), para designar a ciência, ou melhor, os estudos centrados em qualquer elemento tradutológico. Isso porque, segundo ele, a palavra “estudos” permite uma maior abertura de interpretação do que “ciência”, um termo mais específico.

Os estudos da tradução são, sem exceção, disciplinas empíricas, e têm dois objetivos principais: “[...] (1) descrever os fenômenos da tradução e as traduções assim como elas se manifestam no mundo da nossa experiência, e (2) estabelecer princípios gerais por meio dos quais esse fenômeno pode ser explicado e previsto (Holmes, 1972, p. 71, tradução própria)²⁴. Em outras palavras, esses estudos buscam apontar os fenômenos referentes ao ato de se traduzir um texto e criar teorias que expliquem por que tais fenômenos ocorrem.

Holmes (1972) ainda explica que há três ramos de tradução: a) os estudos descritivos da tradução (*Descriptive translation studies*, DTS) ou descrição da tradução; b) estudos teóricos da tradução (*Theoretical translation studies*, ThTs) ou teoria da tradução; c) estudos aplicados da tradução. O autor considera os dois primeiros ramos como ramos puros.

Os estudos descritivos (DTS) são focados totalmente no aspecto empírico. Se são orientadas pelo produto, podem descrever traduções já existentes, geralmente a partir de várias traduções de várias línguas, com o objetivo final de criar uma história geral das traduções. Quando são orientadas pela função, descrevem a função das traduções em relação à situação sociocultural, com foco no contexto, não no texto. Se são orientados pelo processo, voltam-se à figura do tradutor, isto é, aos processos que ocorrem na mente do tradutor.

Já os estudos teóricos (ThTs) usam os resultados dos estudos descritivos para combiná-los às informações de outros campos e, assim, criar princípios, teorias e modelos na área. Esse campo abrange teorias acerca de traduções feitas por humanos, de traduções feitas por computador ou de traduções feitas pelos dois em conjunto. Além disso, ocupa-se de outros

²⁴ Do original em inglês: “[...] (1) to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience, and (2) to establish general principles by means of which these phenomena can be explaining to and predicted” (Holmes, 1972, p.71).

problemas específicos, como as questões referentes à equivalência de tradução, chamada por Holmes (1972) de correspondência de tradução (*translation matching*).

Por último, os estudos aplicados analisam o uso e a prática de tradução, contribuindo às pesquisas de métodos de ensino, técnicas de tradução e planejamento de currículo. Esse ramo também incorpora questões de normas e críticas sobre traduções, uma vez que ainda havia, na época, uma falta de discussões entre pesquisadores da área. Ressalta-se que, apesar da divisão, os três ramos não são unilaterais, a relação entre eles é dialética, dependente um do outro, pois compartilham entre si os seus resultados obtidos, produzindo novos resultados.

A equivalência, mencionada por Holmes (1972), é um termo comum em pesquisas da área. Esse conceito surgiu entre a década de 60 e 70, indicando que o texto fonte (TF) e o texto alvo (TA) compartilham uma semelhança entre si. Os seus estudos começaram a ganhar enfoque para que se verificasse de que modo e até que ponto os textos são semelhantes (Panou, 2013).

Os teóricos da área discutem sobre a equivalência, geralmente, separando-a em dois tipos: (1) a equivalência que se preocupa em manter o corpo, o estilo, as palavras do texto original, e (2) a equivalência focada em transmitir a mensagem, sendo mais flexível a mudanças para que o texto seja mais acessível a um leitor de determinado contexto.

Panou (2013) cita alguns exemplos de autores que realizam essa divisão respectivamente, como Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet com o conceito de tradução direta e a oblíqua; Eugene Nida e os grupos da equivalência formal e da equivalência dinâmica; e Peter Newmark, que fala da tradução semântica e da comunicativa, enfatizando que ambas podem ser usadas paralelamente.

Já Mona Baker (1992), em seu livro *In Other Words: a coursebook on translation*, divide a equivalência pelos diversos níveis do discurso: no nível da palavra, acima do nível da palavra, gramatical, textual e pragmático. Apesar da divisão, a autora ressalta que esse ainda é um conceito debatido na teoria da tradução, pois a equivalência entre a língua fonte e a língua alvo só pode ser adquirida até certo grau, e sempre será relativa porque é influenciada por fatores linguísticos e culturais.

Além disso, na *Enciclopédia dos Estudos de Tradução*, organizada por Baker e Saldanha (2009, p. 96, tradução própria), o verbete de equivalência apresenta a história dos estudos sobre o termo, assim como a sua definição: “[...] uma relação entre dois textos: um texto fonte (TF) e

um texto alvo (TA)”²⁵, a qual é próxima à ideia concebida por Holmes (1972). Tal relação entre os textos não necessariamente é por completo, pois pode ser entre partes deles. No entanto, o verbete salienta que ainda não foi criada uma definição capaz de satisfazer todos os estudiosos, uma vez que alguns refutam-no, acreditando que se trata da ideia de que a tradução poderia transmitir exatamente o mesmo significado do original.

A enciclopédia também indica uma tipologia a partir da comparação entre o número de palavras entre os textos: a) equivalência um-para-um (one-to-one equivalence), uma expressão na língua alvo (LA) x uma expressão na língua fonte (LF); b) equivalência um-para-muitos (one-to-many equivalence), mais de uma expressão na LA x uma expressão na LF; c) equivalência um-para-parte-de-um (one-to-part-of-one equivalence), uma expressão da tradução que cobre parte de um conceito correspondente a uma expressão do original; d) equivalência nula (nil equivalence), nenhuma expressão na LA x uma expressão na LF.

Segundo Panou (2013), a subdivisão das equivalências elaborada por esses teóricos foi importante para se chegar à conclusão de que, além do texto em seu nível linguístico, é necessário refletir sobre o seu contexto histórico-sociocultural. Por ser possível, ocasionalmente, dar preferência à equivalência formal ou à equivalência dinâmica, a questão da equivalência ainda é um pivô para qualquer tradução. Essa distinção auxiliaria o tradutor a reconhecer quando deve priorizar a equivalência do texto original ou quando deve priorizar a comunicabilidade da tradução, ou seja, a equivalência de sentido e de contexto.

Em paralelo à questão da equivalência, Pedro (1999) discute os termos de traduzibilidade e intraduzibilidade. Esses conceitos surgiram no século XIX com estudos de teóricos como von Humboldt, Schlegel e Schleiermacher, que estavam analisando “[...] a possibilidade ou a impossibilidade de elaborar conceitos em uma língua diferente daquela na qual eles foram concebidos” (Pedro, 1999, p. 543, tradução própria)²⁶. A autora ressalta que, apesar de várias teorias defenderem a traduzibilidade e outras, a intraduzibilidade, ainda não há uma teoria suficientemente satisfatória. Para Pedro (1999), a intraduzibilidade estaria relacionada à cultura, que, a princípio, não poderia ser traduzida.

²⁵ Do original: “[...] a relationship between two texts: a source text (ST) and a target text (TT)” (Baker; Saldanha, 2009, p. 96).

²⁶ Do original em inglês: “[...] analysis of the the possibility or impossibility of elaborating concepts in a language different from that in which they were conceived” (Pedro, 1999, p. 543).

Essa questão de poder ou não traduzir certos elementos do texto já estava presente em uma carta que Humboldt enviou a Schlegel em julho de 1796. O tradutor alemão fez menção a um dilema que surge a partir dos aspectos traduzíveis e intraduzíveis do texto fonte:

Todo tradutor está destinado a ser abatido por um de dois obstáculos: ou ele ficará muito próximo do original, a custo de seu gosto e da língua de sua nação, ou ele se manterá muito próximo das características peculiares à sua nação, a custo do original (Wilss, 1982, p. 35, *apud* Pedro, 1999, p. 547, tradução própria)²⁷.

Ambos os obstáculos também apareceram durante processo de tradução de *Sobre o Inacreditável*, do paradoxógrafo Heráclito. Além das diferenças culturais, a língua grega carrega certo nível de complexidade morfológica e sintática inexistente nas línguas modernas, como a declinação em caso (nominativo, vocativo, acusativo, dativo e genitivo) e os possíveis usos do particípio, como o particípio absoluto. O tradutor, nessas ocasiões, deve escolher entre uma tradução literal, próxima do original, ou uma tradução adaptada, próxima da língua alvo.

O conceito da traduzibilidade parece se correlacionar ao da equivalência, já que a escolha feita pelo tradutor também está relacionada ao tipo de equivalência a ser criada entre o original e a tradução. Se a estrutura textual e o estilo do original forem mantidos, haverá mais equivalências formais; se o original sofrer mudanças para se tornar mais acessível ao contexto do leitor, haverá mais equivalências dinâmicas.

Além disso, assim como a equivalência, a traduzibilidade é refutada por certos autores. Alguns entendem que pode haver uma não correspondência entre certas línguas, mas isso não seria suficiente para se negar o conceito de traduzibilidade; outros defendem que há uma intraduzibilidade em textos relativos a costumes e culturas de falantes de diferentes línguas. Pedro (1999) aponta que, apesar de alguns estudiosos defenderem a traduzibilidade e outros, a intraduzibilidade, ainda não há uma teoria completa sobre o assunto. Para ela, não existiria intraduzibilidade absoluta, seja ela linguística ou cultural, mas também não existiria uma tradução perfeita, isto é, aquela que não tenha perdas do texto original.

As discussões do presente trabalho identificam-se com os três ramos de tradução elencados por Holmes (1972), estudos descritivos, teóricos e aplicados, com destaque aos estudos teóricos, visto que as questões referentes à equivalência e à traduzibilidade receberam maior atenção nas análises entre as traduções consultadas. A tradução própria proposta, em meio

²⁷ Do original em inglês: “Every translator is doomed to be done in by one of two stumbling blocks: he will either stay too close to the original, at the cost of taste and the language of his nation, or he will adhere too closely to the characteristics peculiar to his nation, at the cost of the original” (Wilss, 1982, p. 35, *apud* Pedro, 1999, p. 547).

às categorias de equivalência, voltou-se mais às equivalências formais, gramaticais e um-para-um, na tentativa de se preservar, na medida do possível, o estilo do texto fonte em grego. A equivalência dinâmica, isto é, traduções mais adaptadas, que tendem a modificar o original e criar equivalências um-para-muitos, dentre outras, foi priorizada somente em casos de termos e de estruturas sintáticas consideravelmente incompreensíveis aos falantes da língua alvo.

4. Metodologia

A metodologia deste trabalho é baseada no manuseio de dois suportes digitais, o *treebank*, também chamado de árvore sintática de dependências, e o alinhamento de tradução. Ambos estão disponíveis gratuitamente online, respectivamente na plataforma Perseids e nos sites Ugarit e Alpheios Alignment Editor, explanados ainda neste capítulo. Os procedimentos realizados estão enumerados abaixo.

- a) Inserção dos excertos digitalizados da obra *Περὶ Ἀπίστων* (*Peri Apístōn*), advindos da edição crítica de Festa (1902), no *treebank* criado pela aba “new treebank annotation” da plataforma Perseids.
- b) Anotação dos excertos em *treebank* com base no AGDT 1 (Bamman; Crane, 2008) e no AGDT 2 (Celano, 2014). Nessa etapa, é feita a análise morfológica, sintática e semântica das sentenças nas respectivas seções da plataforma, *morph*, *relation* e SG. Como a etiquetagem em cada seção guia o tradutor no entendimento do texto e nas decisões de tradução, a tradução própria foi elaborada conforme o avanço da anotação do corpus em *treebank*.
- c) Anotação do corpus em alinhamentos entre o texto grego e as traduções no Ugarit e no Alpheios Alignment Editor, seguindo os critérios de Ferreira e Reis (2022) e Palladino, Shamsian e Yousef (2022a), para que se verifique a correspondência entre as palavras.
- d) Análise comparativa entre a tradução baseada em *treebank* e as traduções estrangeiras (Pereira, 2016a; Stern, 2003; Guerra, 2009) a partir de suas diferenças e semelhanças visíveis nos dois suportes digitais. A análise é amparada nos estudos das Humanidades Digitais que utilizam as mesmas ferramentas (Almas; Beaulieu, 2016; Palladino, 2020; Bushnell, 2021; entre outros), e os seus resultados são qualitativos e quantitativos.
- e) Publicação da tradução em meio digital, como os sites Github²⁸ e Ugarit.

²⁸ Disponível em: <https://github.com/>. Acesso em 10 ago. 2025.

A ferramenta de *treebanking* utilizada neste trabalho advém do editor manual Arethusa, desenvolvido a partir do projeto Alpheios²⁹, e disponível na plataforma online Perseids³⁰, na qual o login é feito a partir de contas Google. O editor dispõe das etiquetas do *tagset* de dependência sintática, chamado de AGDT (Ancient Greek Dependency Treebank)³¹, e gera arquivos XML e XHTML para compor a base de dados. Esse *tagset* é um conjunto de etiquetas que reúne as funções sintáticas em abreviaturas, como SBJ (sujeito), OBJ (objeto), ATR (atributo), e PRED (predicado). Além de *treebanks*, alinhamentos também podem ser feitos pela aba “new text alignment” da plataforma.

A plataforma Perseids também possui *boards*, comunidades de pesquisadores que podem compartilhar *treebanks* e alinhamentos entre si. A lista de *boards* registrados na Perseids fica disponível na aba *Overview*, e as anotações são compartilhadas ao clicar na opção *Submit to boards*. No presente trabalho, os *treebanks* e os alinhamentos elaborados foram submetidos ao *board* atribuído ao projeto do orientador, pelo qual o conteúdo é revisto e devolvido ao usuário até ser aprovado.

Depois de corrigido e aprovado, o *treebank*, ou o alinhamento, é submetido à base de dados geral que compõe o repositório da biblioteca digital, obtendo assim uma identificação única de publicação. A publicação das produções fica disponível preliminarmente no repositório do site Github, sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual (CC BY- NC-AS), a qual pode ser reutilizada em outros serviços na web.

Inicialmente, ao inserir os excertos dos textos gregos na plataforma Perseids, obtém-se um *treebank* sem etiquetas e dependências sintáticas, apenas com a raiz (*ROOT*) e o ponto final da frase, que automaticamente recebe a etiqueta AuxK, no centro da árvore. Esse é o caso da árvore abaixo, cujo excerto é do capítulo 15 de Heráclito: “Porém, a verdade teria ocorrido assim” (Heráclito, 1902, p. 77, tradução própria)³².

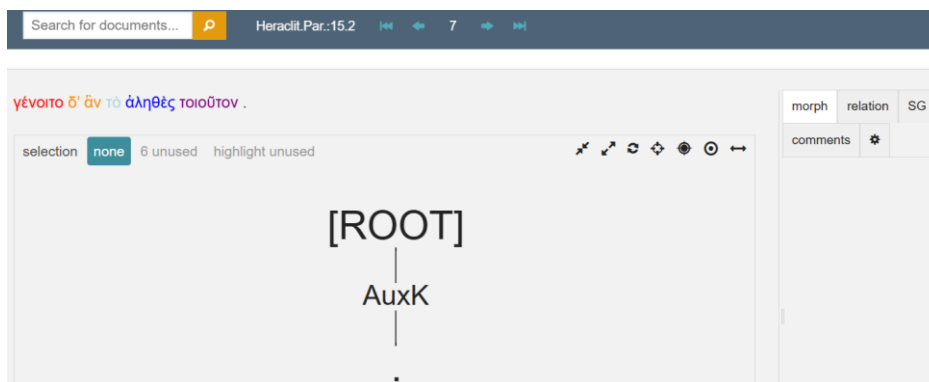
²⁹ Disponível: <https://alpheios.net/>. Acesso em 10 ago. 2025.

³⁰ Disponível em: <https://www.perseids.org/perseids-platform/>. Acesso em 10 ago. 2025.

³¹ O *tagset* AGDT, descrito nas guidelines de Bamman e Crane (2008), teve como modelo a gramática de dependência do Treebank de Dependência de Praga (Prague Dependency Treebank), usada em línguas com flexões de caso e sem posições fixas das palavras.

³² Do original em grego: γένοιτο δ' ἄν τὸ ἀληθὲς τοιοῦτον (Heráclito, 1902, p. 77).

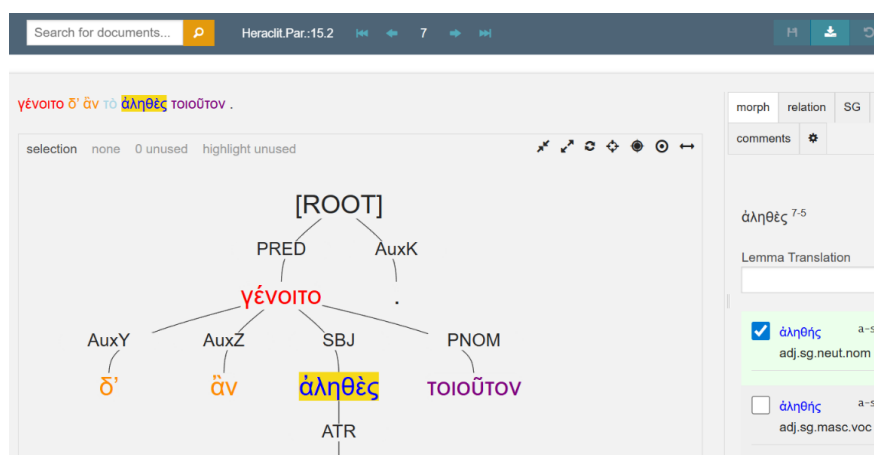
Figura 1: *treebank* inicial sem dependências



Fonte: elaboração própria na plataforma Perseids.

Em seguida, o usuário, com o apoio das *guidelines* AGDT, anota o nível morfológico, sintático e semântico, a partir das abas à direita da árvore (*morph*, *relation* e *SG*), de modo a atribuir etiquetas referentes à função sintática de cada uma das palavras (PRED, SBJ, PNOM, etc.). Após o trabalho manual, o *treebank* do mesmo excerto da Figura 1 ganha forma, uma estrutura de dependências que relembram os galhos de uma árvore, como na Figura 2.

Figura 2: *treebank* final com dependências feitas manualmente



Fonte: elaboração própria na plataforma Perseids.

Por exemplo, ἀληθὲς (*alēthēs*, verdade) na frase da Figura 2 é um adjetivo substantivado e declinado no caso nominativo, que atua como o sujeito da sentença, logo, sua etiqueta será SBJ (sujeito), e a sua dependência está conectada a γένοιτο (*génoito*), o verbo principal da frase. Dessa forma, declinações, concordâncias nominais, dependências sintáticas e outros elementos linguísticos, que podem passar despercebidos pelo tradutor, permanecem dispostos visualmente no *treebank*, contribuindo a uma melhor compreensão textual das línguas clássicas.

Esse processo de etiquetagem manual é baseado nos *guidelines* AGDT 1, criado por Bamman e Crane (2008), e o AGDT 2, organizado por Celano (2014). Ambos reúnem todas as

etiquetas (SBJ, ADV, OBJ, ATR, entre outras) disponíveis no *treebank* da plataforma Perseids. O AGDT 2, em suma, é um aperfeiçoamento da primeira versão, com novas soluções de anotações e outras variações, como por exemplo, mudanças na maneira de se anotar apostos.

Quanto aos alinhamentos de tradução, os bilíngues foram elaborados no site Ugarit³³ e os multilíngues no site Alpheios Alignment Editor³⁴. O processo é semelhante à anotação em *treebank*. Após inserir o excerto grego e a sua respectiva tradução na plataforma digital, os dois textos são dispostos lado a lado, sem palavras alinhadas. Em seguida, o usuário deve alinhar termo por termo, seguindo os critérios de alinhamentos da respectiva língua alvo da tradução alinhada, os quais estão disponíveis na aba *Alignment Guidelines* do Ugarit. Os alinhamentos deste trabalho seguiram duas *guidelines* de critérios: grego-inglês (Palladino; Shamsian; Yousef, 2022a) e grego-português (Ferreira; Reis, 2022).

No Ugarit, durante a edição do alinhamento, as palavras são alinhadas após o usuário selecioná-las e clicar no ícone de salvar, sinalizado por uma imagem de disquete no canto superior do alinhamento. Como se vê na Figura 3 abaixo, os termos selecionados, Μεδοῦσης (*Medoúsēs*) e “Medusa”, estão grifados em verde.

Figura 3: edição do alinhamento de tradução no Ugarit



Fonte: elaboração própria no site Ugarit.

Na Figura 3, a lista de pares já alinhados pode ser conferida no canto direito da tela, sendo o termo da língua fonte grifado em verde, e o da língua alvo em azul. No texto, as palavras em preto indicam os pares que já foram alinhados, enquanto as palavras em cinza são aquelas

³³ Disponível em: <https://www.ugarit.ialigner.com/index.php>. Acesso em 10 ago. 2025.

³⁴ Disponível em: <https://alignment.alpheios.net/>. Acesso em 10 ago. 2025.

que ainda não foram alinhadas. Por fim, a barra em vermelho acima do texto mede a porcentagem de palavras alinhadas, que pode ser conferida quando o alinhamento é finalizado e salvo pelo botão *Save* em azul, localizado acima do texto.

Após finalizar a edição do alinhamento, esse estará disponível para visualização; o usuário proprietário do alinhamento pode configurar a visualização como publicamente visível ou não. Nesse modo de visualização, as palavras alinhadas aparecem em azul e as não alinhadas, em vermelho. A seguir, a Figura 4 ilustra o alinhamento do primeiro capítulo de Heráclito, “Sobre a Medusa”, editado e publicado no Ugarit.

Figura 4: alinhamento de tradução publicado no site Ugarit



Fonte: elaboração própria no site Ugarit.

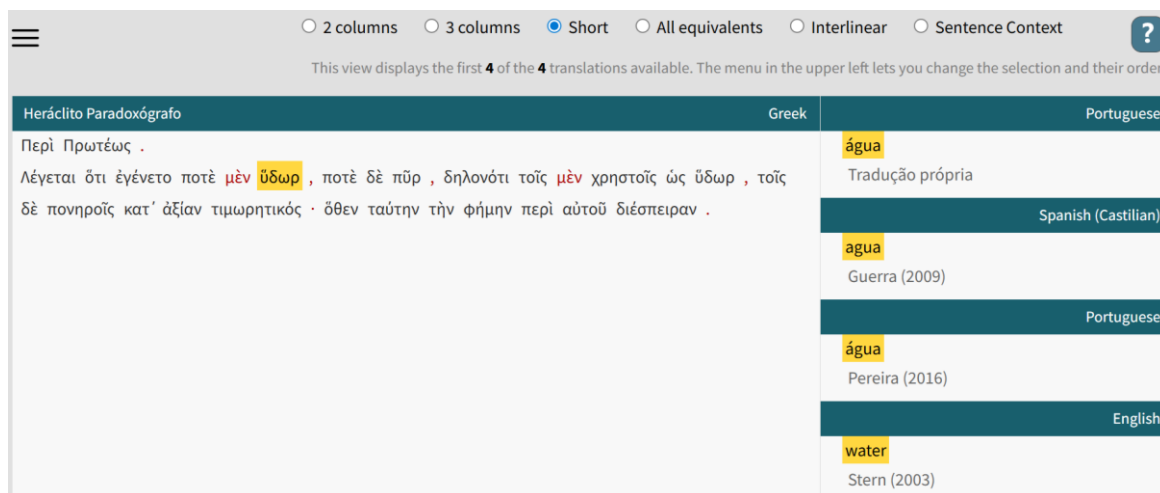
No Ugarit, o usuário pode passar o mouse pelas palavras para verificar os seus pares, grifados em vermelho-escuro como ilustra a Figura 4 no caso de “nós” e ἡμεῖς (*hēmeis*), clicar em uma palavra para pesquisar o seu sentido em diferentes línguas, e checar a porcentagem de palavras alinhadas através da barra verde e vermelha no final da página. O site permite alinhamentos entre dois ou até três textos, incluindo o texto fonte.

Além disso, na tela de edição do alinhamento, o download do arquivo pode ser feito no formato XML, e os seus pares podem ser exportados em formato CSV. Já na tela de visualização pública do alinhamento, a opção “show translation pairs” mostra a frequência numérica dos pares feitos, e “alignment statistics” cria um gráfico da quantidade de cada tipo de par, 1-1, N-N, 1-N e N-1 (Yousef *et al.*, 2022).

O Alpheios Alignment Editor, por sua vez, permite alinhamentos multilíngues, entre mais de cinco línguas. No site, as palavras alinhadas aparecem na cor cinza, e o seu par correspondente é indicado por um grifo amarelo quando o cursor passa pela palavra alinhada.

As palavras não alinhadas, assim como no Ugarit, são marcadas em vermelho. No modo edição, é possível efetuar modificações no texto mesmo após encerrado o alinhamento, exportar somente as palavras alinhadas, e baixar o documento nos formatos JSON, HTML e CSV. No modo visualização, demonstrado na Figura 5 abaixo, há configurações que alteram a disposição dos textos alinhados.

Figura 5: alinhamento multilíngue no Alpheios Alignment Editor



Elaboração própria no site Alpheios Alignment Editor.

Nas três barras à esquerda da página, pode-se selecionar quais traduções devem aparecer na tela. No canto superior, há seis modos de visualização: *2 columns* (texto fonte e texto alvo); *3 columns* (texto fonte e mais de um texto alvo), *Short* (texto fonte e os pares alinhados do texto alvo), *All equivalents* (texto fonte e as todas as palavras do texto alvo que traduzem um mesmo termo), *Interlinear* (texto fonte e pares do texto alvo listados) *Sentence Context* (texto fonte e sentenças do texto alvo). Em alguns modos, é preciso passar o cursor do mouse pelo texto fonte para se visualizar o texto alvo, como o modo *Short* visto na Figura 5, em que os pares das traduções aparecem somente quando é selecionado o seu par grego, ὔδωρ (*hýdōr*, “água”).

Em relação ao processo c), descrito no início deste capítulo, ressalta-se que, no Ugarit, foram realizados os alinhamentos somente entre o texto grego e a tradução própria, e no Alpheios Alignment Editor, foram elaborados alinhamentos multilíngues, que incluem o original, a tradução própria e as traduções estrangeiras de Pereira (2016a), Stern (2003) e Guerra (2009).

A adoção de duas plataformas de alinhamento deve-se ao fato de que o Ugarit, apesar de proporcionar uma visualização pública imediata, não permite alinhamentos com mais de três textos. Em contraponto, no Alpheios Alignment Editor, é possível alinhar o texto grego com

uma dezena de textos de diferentes línguas, separadamente, visualizar os dados de formas diferentes, em colunas, em linhas, por contexto, por palavra, etc.

Além disso, no Ugarit, não é possível editar o texto fonte e a tradução após ser iniciado o alinhamento; já no Alpheios Alignment Editor, qualquer palavra do alinhamento pode ser editada sempre que necessário, até mesmo depois de salvar o arquivo. Assim, para manusear uma maior quantidade de textos e corrigir possíveis erros ortográficos, o Alpheios Alignment Editor mostrou-se mais versátil ao usuário.

Assim como o Ugarit, a plataforma Perseids também apresenta algumas limitações. A ferramenta pode não reconhecer automaticamente a morfologia de algumas declinações raras de certas palavras; nesses casos, o usuário deve inserir a sua forma de dicionário e a sua morfologia manualmente na aba *morph*. Isso ocorre porque o Morpheus³⁵, o analisador morfológico da plataforma, não é capaz de avaliar o contexto dos termos na frase, o que pode causar um reconhecimento equivocado de sua morfologia. O analisador é programado em linguagem C e não utiliza o aprendizado de máquina, sendo baseado em léxico, paradigmas flexionais e regras morfológicas e fonológicas.

Quanto à edição do texto já inserido nos *treebanks*, alguns termos compostos, como a conjunção οὔτε (*óute*, “nem”) precisam ser separados manualmente, por exemplo οὔ-τε (*óu-te*, “não” e “e”) para se fazer corretamente as dependências na árvore. Em casos de edições manuais como essa, é preciso modificar diretamente as palavras no arquivo XML, disponível na aba Edit XML, o que pode ser complexo para usuários iniciantes.

Por fim, ressalta-se que, nos alinhamentos multilíngues realizados no Alpheios Alignment Editor, foram mantidas a ortografia e a formatação original da edição das traduções estrangeiras consultadas, incluindo símbolos como colchetes ([]), aspas angulares (« »), e espaçamentos de parágrafos. Esses elementos não alteram o alinhamento porque, assim como as pontuações, não são alinhados ao texto fonte, ou seja, não há probabilidade de surgirem alinhamentos diferentes entre as traduções por conta disso.

³⁵ Mais informações acerca do analisador morfológico Morpheus estão presentes na aba Libraries and Tools (Bibliotecas e Ferramentas) da plataforma Perseids, disponível em: <https://www.perseids.org/libraries-tools/>. Acesso 27 jul. 2026.

5. Resultados obtidos: visualização das anotações

Este capítulo reúne as formas de visualização dos *treebanks*, alinhamentos e da tradução própria elaborados neste trabalho. Nos suportes digitais, como um identificador de cada um dos capítulos da obra *Περὶ Ἀπίστων* (*Perí Apístōn*, lit. *Sobre o Inacreditável*), foi utilizada a abreviação Heraclit.Par., que corresponde a Heráclito Paradoxógrafo, seguido do número do seu respectivo capítulo. Então, a nomenclatura “Heraclit.Par.5”, por exemplo, indica o quinto capítulo do livro de Heráclito.

Os *treebanks* manuais dos 31 capítulos de *Sobre o Inacreditável* estão disponíveis para visualização online na plataforma Perseids. As anotações foram divididas nos três grupos listados abaixo, e o link para visualização das árvores está presente nas notas de rodapé de seus respectivos grupos. O usuário pode passar ou voltar de *treebank* a *treebank* ao clicar nas setas localizadas no canto superior da página da web, e ao selecionar alguma palavra grega, a sua morfologia, sintaxe e semântica podem ser conferidas nas abas *morph*, *relation* e *SG*.

- Grupo 1: capítulos 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13.³⁶
- Grupo 2: capítulos 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25.³⁷
- Grupo 3: capítulos 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38.³⁸

Quanto aos alinhamentos, foi criado um grupo de textos no Ugarit com o título: Heráclito Paradoxógrafo: *Perí Apístōn* (Περὶ Ἀπίστων)³⁹, disponível publicamente e online pelo link na respectiva nota de rodapé. Ao clicar no nome de um determinado alinhamento, o site direciona o usuário para a página de *preview*, na qual é possível visualizar o alinhamento completo, os pares e as suas classificações, como descrito na seção 4 do presente trabalho.

Os alinhamentos multilíngues realizados no Alpheios Alignment Editor foram exportados como arquivos HTML, disponibilizados em uma pasta compartilhada via Google Drive⁴⁰ pelo link na nota de rodapé. Para acessar os alinhamentos na plataforma é preciso seguir duas etapas: 1) na pasta, baixar o alinhamento em HTML; 2) no computador, encontrar o

³⁶ Grupo 1 de *treebanks* disponível em: <https://tinyurl.com/55dj62z3>. Acesso em 10 out. 2025.

³⁷ Grupo 2 de *treebanks* disponível em: <https://tinyurl.com/24w3zb2w>. Acesso em 10 out. 2025.

³⁸ Grupo 3 de *treebanks* disponível em: <https://tinyurl.com/yeyn5cvr>. Acesso em 10 out. 2025.

³⁹ Grupo de alinhamentos disponível no Ugarit em: <https://tinyurl.com/nhantd3s>. Acesso 27 abr. 2026.

⁴⁰ Pasta dos alinhamentos multilíngues disponível em: <https://tinyurl.com/5csp5r5c>. Acesso 27 abr. 2026.

arquivo e abri-lo com um navegador de internet. O Alpheios Alignment Editor funciona nos navegadores Google Chrome, Firefox, Brave e Safari, e o navegador pode ser escolhido pelo usuário ao clicar com o botão direito no arquivo HTML e selecionar a opção “Abrir com”.

Por último, a tradução própria pode ser conferida tanto nos alinhamentos do Ugarit, quanto nos alinhamentos multilíngues do Alpheios Alignment Editor. Além disso, na próxima seção deste trabalho, está inclusa a tradução própria completa de todos os 39 capítulos da obra *Sobre o Inacreditável*, de Heráclito, acompanhada do texto fonte e de notas de rodapé explicativas sobre certos mitos citados pelo paradoxógrafo na obra.

6. Tradução própria de Περὶ Ἀπίστων (*Perí Apístōn*), de Heráclito

A tradução corresponde aos 39 capítulos que compõem a obra *Perí Apístōn* (lit. *Sobre o Inacreditável*), do paradoxógrafo Heráclito. No presente trabalho, foram traduzidos 31 capítulos do livro; os demais oito capítulos já haviam sido traduzidos durante o projeto PIBIC (1-2702) intitulado “Edição digital *Sobre o Inacreditável* (Περὶ Ἀπίστων) de Paléfato e Heráclito, com tradução alinhada e anotação em *treebank*”. Ao lado da tradução de cada capítulo está o seu respectivo texto grego original, extraído da edição de Festa (1902).

No texto fonte, foram mantidos os caracteres presentes na edição original, como o uso de aspas, colchetes, parênteses e asteriscos que indicam comentários pessoais do editor acerca de alguns detalhes do texto, como possíveis lacunas do texto e sugestões de leitura.

1. Περὶ Μεδούσης.

Φασὶ ταύτην ἀπολιθοῦν τοὺς θεασαμένους αὐτήν, καὶ Περσέως ἀποτεμόντος αὐτῆς τὴν κεφαλὴν, ἐξελθεῖν ἵππον περωτόν. ἔχει δὲ οὕτω. αὕτη ἐταῖρα καλὴ ἐγένετο ὡς τὸν ἰδόντα αὐτήν ἐκπληκτον γενόμενον οἶον ἀπολιθοῦσθαι. λέγομεν δὲ καὶ ἡμεῖς „ιδὼν αὐτήν ἀπελιθώθη“. παραγενομένου δὲ Περσέως ἐν ἔρωτι γενομένη τὰ τε ὑπάρχοντα κατέφαγε καὶ τὴν ἑαυτῆς ἡλικίαν κατέφθειρεν· ἀπολέσασα δὲ τὴν ἡλικίαν καὶ τὰ ὑπάρχοντα ἵππου γῆρας ἐγήρασεν. ἡ γὰρ κεφαλὴ τὸ τῆς ἡλικίας ἄνθος ἐστίν, ὃ ἀφείλεν αὐτῆς ὁ Περσεύς.

1. Sobre a Medusa.

Dizem que a Medusa petrificava os que olhavam para ela, e que depois de Perseu ter decepado a cabeça dela, saiu de lá um cavalo alado⁴¹. Mas foi assim: ela era uma linda cortesã, por isso, quem a observava ficava estonteado, ou melhor, petrificado. E nós até mesmo dizemos: “Fulano se transformou em pedra porque olhou para ela”. No entanto, após Perseu chegar, Medusa se apaixonou, também gastou os seus pertences e destruiu a juventude dela mesma. Então, tendo perdido a juventude e os pertences, teve uma velhice de mulher promíscua. Afinal, a cabeça é a flor da juventude, a qual Perseu tirou de Medusa.

2. Περὶ Σκύλλης.

Λέγεται περὶ ταύτης ὅτι κατήσθιε τοὺς παραπλέοντας. ἦν δὲ αὕτη νησιῶτις καλὴ

2. Sobre a Cila.

Sobre essa é dito que devorava os que navegavam perto dela. Porém, ela era uma

⁴¹ Referência a Pégaso, cavalo alado que, junto do guerreiro Crisaor, nasceu do cadáver decapitado de Medusa. Ambos foram gerados em Medusa por Poseidon em algum templo de Atenas (Graves, 2018).

ἑταῖρα καὶ εἶχε παρασίτους λαιμούς τε καὶ κυνώδεις, μεθ' ὧν τοὺς ξένους κατήσθιεν, ἐν οἷς καὶ τοὺς Ὀδυσσέως ἑταίρους. αὐτὸν δὲ ὡς φρόνιμον οὐκ ἠδυνήθη.

3. Περὶ Καινέως.

Λέγεται τοῦτον πρότερον γυναῖκα γεγονέναι, εἴτα ὑπὸ Ποσειδῶνος γενέσθαι ἄνδρα ἄτρωτον χαλκῷ καὶ σιδήρῳ. οὗτος δὲ ὧν νέος ἐρώμενος ἐγένετο Ποσειδῶνος, ἀνδρωθεὶς δὲ μέγας κατὰ ψυχὴν ἐγένετο ὑπ' οὐδενὸς καταπονηθῆναι δυνάμενος οὐδὲ δώροις ἐξαλλαγῆναι χαλκοῦ καὶ σιδήρου· οὐπω γὰρ χρυσὸς καὶ ἄργυρος εὗρητο.

4. Περὶ Ἄτλαντος.

Οὗτος παραδέδοται φέρων οὐρανὸν ἐπὶ τῶν ὤμων, ὃ ἀδύνατον ὑπὸ οὐρανὸν καὶ αὐτὸν ὄντα. ἀνὴρ δὲ σοφὸς ὧν τὰ κατὰ ἀστρολογίαν πρῶτος κατώπτευσε, προλέγων δὲ χειμῶνας καὶ μεταβολὰς *** ἄστρον καὶ δύσεις ἐμυθεύθη φέρειν ἐν αὐτῷ τὸν κόσμον.

5. Περὶ Κενταύρων.

Λέγεται περὶ τὸ Πήλιον καὶ τὴν Φολόην γεγονέναι διφυεῖς, τὰ μὲν ἐπάνω τῶν λαγόνων ἀνδρῶν ἔχοντας, τὸ δ' ἀπὸ <τούτου> τοῦ μέρους πᾶν ἵππων. οὐκ

bela cortesã insular e tinha à disposição parasitas glutões e caninos, com quem devorava os estrangeiros, dentre os quais também os companheiros de Odisseu; mas com ele não obteve êxito porque era sensato.

3. Sobre Ceneu.

É dito que esse, antes, havia sido mulher, depois por Poseidon foi transformado em um homem invulnerável pelo bronze e pelo ferro. Porém, ele foi um amante de Poseidon quando era jovem e, após se tornar um homem adulto, cresceu grande em espírito, não podendo ser subjugado por ninguém e nem ser desviado com subornos de bronze ou de ferro. Afinal, o ouro e a prata ainda não haviam sido descobertos.

4. Sobre Atlas.

Conta a tradição que esse carrega o céu nas costas, o que é impossível, estando ele mesmo debaixo do céu também. Mas era um homem sábio, o primeiro a explorar as coisas referentes à astronomia e, como predizia tempestades, mudanças dos astros e ocasos, foi narrado que carregava em si mesmo o cosmo.

5. Sobre os centauros.

É dito que existiam seres de dupla natureza nos arredores do Monte Pélion e da vila Fóloe; acima dos seus flancos, tinham as formas de homens, mas, abaixo dessa parte,

ἀληθὲς δὲ τοῦτο. δύο γὰρ διηλλαγμένας φύσεις εἰς ἓν συνελθούσας ἀδύνατον ζωογονηθῆναι καὶ τραφῆναι. ἀλλ' ἔτι τῆς τῶν ἵππων χρήσεως οὔσης ἀγνώστου, πρῶτοι καθίσαντες ἐφ' ἵππων κατέτρεχον τὰ πεδία ληστεύοντες, φαντασίαν τε ἀπετέλεσαν τοῖς πρώτως θεασαμένοις μακρόθεν, ὥς ἐκ δυοῖν εἰσι γεγονότες φύσεων.

6. Περὶ Τειρεσίου.

Οὗτος μετασχεῖν λέγεται τῆς γυναικείας καὶ ἀνδρείας φύσεως, κατὰ τὴν αὐτὴν ὑπόληψιν ἣν ἐπὶ Καινέως ἐγράψαμεν.

7. Περὶ Πασιφάης.

Ταύτην φασὶν ἐρασθῆναι Ταύρου, οὐχ, ὥς πολλοὶ νομίζουσι, τοῦ κατὰ τὴν ἀγέλην ζώου (γελοῖον γὰρ ἀκοινωνήτου συνουσίας ὠρέχθαι τὴν βασιλίσσαν), ἐνὸς δὲ τινος τῶν ἐντοπίων, ᾧ Ταῦρος ἦν ὄνομα. συνεργῶ δὲ χρησαμένη πρὸς τὴν ἐπιθυμίαν Δαιδάλῳ καὶ γεγονυῖα ἔγγυος, ἐγέννησε καθ' ὁμοιότητα τοῦ Ταύρου <υῖόν>, ὃν οἱ πολλοὶ Μίνω μὲν ἐκάλουν, Ταύρω δὲ εἵκαζον· κατὰ δὲ σύνθεσιν Μινώταυρος ἐκλήθη.

tinham uma aparência inteira de cavalo. Porém, isso não é verdade. Afinal, é impossível que duas naturezas diferentes, se reunidas em um único ser, venham ao mundo e cresçam. Mas, quando a serventia dos cavalos ainda era desconhecida, os primeiros montados nos cavalos percorriam as planícies pilhando e, para aqueles que inicialmente os viram de longe, deram a impressão de que eram compostos de duas naturezas.

6. Sobre Tirésias.

É dito que esse partilha da natureza feminina e masculina, conforme a mesma suposição que escrevemos a respeito de Ceneu.

7. Sobre Pasífae.

Dizem que essa se apaixonou por um Touro⁴², não como muitos pensam, pelo animal do rebanho (afinal, seria risível a rainha se colocar em uma relação incompatível), mas por um homem qualquer dentre os nativos, cujo nome era Touro. Para a sua paixão tomou Dédalo como cúmplice, ficou grávida e deu à luz um filho com semelhança ao Touro, o qual muitos chamavam de Minos e comparavam ao

⁴² Em alguns capítulos, Heráclito utiliza os nomes de animais, Ταύρου (*Taúrou*, “touro”), em letra maiúscula, aparentemente para enfatizar a sua teoria de que, na verdade, essas criaturas mitológicas eram apenas humanos com nomes de animais; no caso desse capítulo, Touro seria o nome de um homem comum. Por isso, o nome do animal e a letra maiúscula foram mantidos na tradução, ao invés do uso de nomes próprios que também advém de animais, como Tauro, Drago e Leonte (PRIETO; PRIETO; PENA, 1995).

8. Περί Ἀρπυιῶν.

Ταύτας ὁ μῦθος παραδέδωκε γυναῖκας ὑποπτέρους τὸ τοῦ Φινέως δεῖπνον ἀρπαζούσας. ὑπολάβοι δ' ἄν τις ταύτας ἑταίρας καταφαγούσας τὴν τοῦ Φινέως οἰκίαν εἶναι, καὶ καταλιπούσας αὐτὸν καὶ τῆς ἀναγκαίας τροφῆς ἐνδεῇ κεχωρίσθαι ἀπ' αὐτοῦ, αἰεὶ δὲ ὅσα ἀνακτήσαιο παραγινομένας ἐσθίειν καὶ αὔθις χωρίζεσθαι, ὃ σὺνηθες ποιεῖν ταῖς ἑταίραις.

9. Περί Περσέως.

Τούτῳ ἱστορεῖται τὸν Ἑρμῆν πέδιλα πτερωτὰ δεδοκέναι. Ἑρμῆς γὰρ τὴν πρὸς δρόμον γυμνασίαν ἐπενόησεν, ἐν ᾗ εὐδόκιμος ἦν ὁ Περσεύς. οἱ γοῦν θεώμενοι, τὸ τάχος θαυμάζοντες, πτερὰ εἶπον προστεθεῖσθαι τοῖς ποσὶν αὐτοῦ, καθὼς εἰώθαμεν λέγειν ἐπὶ τῶν τάχεως τρεχόντων, ὅτι „ἔπτη“.

10. Περί Γλαύκου τοῦ θαλασσίου.

Οὗτος θαλάσσιος ἀναφέρεται μάντις. νῆσον γὰρ οὗτος οἰκῶν, αἰεὶ τοῖς παραπλέουσιν ἐσήμαινεν ὡς δεῖ ποιεῖσθαι τὸν πλοῦν, προλέγων τὰ συμβησόμενα.

11. Περί Κύκλωπος.

Touro. Então, por combinação, foi chamado de Minotauro.

8. Sobre as Harpias.

O mito transmite essas como mulheres aladas que roubam a refeição do Fineu. Mas alguém poderia pensar que elas são cortesãs que consumiram a casa do Fineu, que elas, tendo-o deixado em falta até mesmo da alimentação necessária, afastaram-se dele, e que, à medida que ele se recupera, elas sempre aparecem, devoram-no e se afastam novamente, o que é habitual das cortesãs fazerem.

9. Sobre Perseu.

É narrado que o Hermes deu sandálias aladas ao Perseu. É que Hermes concebeu a prática da corrida a pé, na qual o Perseu era estimado. Assim, os espectadores, admirando a sua velocidade, disseram que ele tinha colocado asas nos pés dele, assim como estamos acostumados a falar sobre os corredores velozes, que “ele voou”.

10. Sobre o Glauco do mar.

Esse é referido como um adivinho do mar. De fato, ele, que vivia numa ilha, sempre sinalizava aos que navegavam pela costa como era necessário fazer a navegação, predizendo as coisas que aconteceriam.

11. Sobre o Ciclope.

Τοῦτον ἄν τις ὑπολάβοι διαιτώμενον ἐπ' ἐρημιά νόμων ἄπειρον εἶναι, πεποιθέναι δὲ τῇ βίᾳ, μίαν αἴσθησιν ἔχοντα τὴν ἀπὸ τῆς ὀράσεως, λογισμῷ δὲ μηδὲν προβλέποντα· ὃν ὁ σοφὸς Ὀδυσσεὺς κατεπόνησε.

12. Περί Ἀταλάντης τῆς Σχοινέως καὶ Ἰππομένων.

Τούτους φασὶν ἀπολεοντωθῆναι ἐν τῷ ὄρει, τῆς περὶ αὐτῶν ὑπολήψεως τοιαύτης οὔσης. μεσημβρίας οὔσης εἰσῆλθον εἰς τι σπήλαιον γενέσθαι θέλοντες μετ' ἀλλήλων· κατὰ τύχην δὲλέοντες ὄντες ἐν τῷ σπηλαίῳ κατέφαγον αὐτούς· ὕστερον δὲ τῶν θηρίων ἐξελθόντων, ἐκείνων δὲ μὴ φαινομένων, μεταμορφωθῆναι ὑπέλαβον αὐτοὺς οἱ προσεδρεύοντες.

13. Περί Φορκίδων.

Ταύτας ὑφίστανται μῖα ὀράσει χρῆσθαι ἀεὶ πρὸς τὴν χρεῖαν μεταλαμβανούσας παρὰ τῆς ἐχούσης. εἰκὸς δέ ἐστι τρεῖς γυναῖκας τυφλωθείσας ὁδηγᾷ ἐνὶ χρῆσθαι πρὸς τὴν πορείαν. [ὀνόματα δὲ αὐτῶν Περφιδώ, Ἐνώ, Περσώ. ἐφύλαττον δὲ τὰ χρυσᾶ μῆλα].

14. Περί Σειρήνων.

Ταύτας διφυεῖς μυθολογοῦσι τὰ μὲν σκέλη ὀρνίθων, τὸ δὲ <λοιπὸν> σῶμα γυναικῶν ἐχούσας, ἀπολλύειν δὲ τοὺς παραπλέοντας.

Alguém pode acreditar que o Ciclope é ignorante acerca das leis porque vive em isolamento, e que confia na sua força porque tem só um sentido: o da visão, e não prevê nada com raciocínio. O engenhoso Odisseu o venceu pela fadiga.

12. Sobre Atalanta, filha de Esqueneu, e Hipómenes.

Dizem que esses foram transformados em leões na montanha, sendo esta uma suposição a respeito deles: quando deu meio-dia, entraram em alguma caverna porque queriam ficar em companhia um do outro. Porém, leões, que estavam por acaso na caverna, devoraram-nos. Depois, quando as feras saíram e aqueles não apareceram, os que estavam por perto pensaram que eles se tinham metamorfoseado.

13. Sobre as filhas de Fórcis.

Supõem que essas dispõem de um olho só e, por necessidade, sempre o tomam daquela que o possui. Mas é provável que três mulheres cegas dispunham de um único guia para viagem. [O nome delas era Pefredo, Enio, Perso, e elas guardavam as maçãs de ouro.]

14. Sobre as sereias.

O mito conta que essas são de dupla natureza, com as pernas de ave e o corpo restante de mulher, e que aniquilam os que

ἦσαν δὲ ἐταῖραι ἐκπρεπεῖς τῇ τε δι' ὀργάνων
μούσῃ καὶ γλυκυφωνίᾳ, κάλλισται, αἷς οἱ
προσερχόμενοι κατησθίοντο τὰς οὐσίας.
ὀρνίθων δὲ σκέλη ἐλέγοντο ἔχειν, ὅτι
ταχέως ἀπὸ τῶν ἀποβαλόντων τὰς οὐσίας
ἐχωρίζοντο.

15. Περὶ Χιμαίρας.

Ταύτην Ὅμηρος εἰκονογραφῶν φησι
πρόσθε λέων, ὅπιθεν δὲ δράκων, μέσση δὲ
χίμαιρα. γένοιτο δ' ἂν τὸ ἀληθὲς τοιοῦτον.
γυνὴ τῶν τόπων κρατοῦσα δύο πρὸς
ὑπηρεσίαν ἀδελφοὺς εἶχεν ὀνόματι Λέοντα
καὶ Δράκοντα. παράσπονδος δὲ οὔσα καὶ
ξενοκτόνος ἀνιέρθη ὑπὸ Βελλεροφόντου.

16. Περὶ Κίρκης.

Ταύτην ὁ μῦθος παρ<αδ>έδωκε ποτῶ
μεταμορφοῦσαν ἀνθρώπους. ἦν δὲ ἐταίρα,
καὶ κατακηλοῦσα τοὺς ξένους τὸ πρῶτον
ἄρεσκέα παντοδαπῇ ἐπεσπᾶτο πρὸς
εὖνοιαν, γενομένους δὲ ἐν προσπαθείᾳ
κατεῖχε ταῖς ἐπιθυμίαις ἀλογίστως
φερομένους πρὸς τὰς ἡδονάς. ἦττησε δὲ καὶ
ταύτην Ὀδυσσεύς.

17. Περὶ πυριπνόνων ταύρων.

navegam por perto. Mas elas eram cortesãs
belíssimas, notáveis pela música com
instrumentos e pela doce voz; os que se
relacionavam com essas tinham as suas
provisões devoradas. E diziam que elas
tinham pernas de aves porque rapidamente
se afastavam daqueles que perdiam os bens.

15. Sobre a Quimera.

Homero, ao descrever essa, fala: “na frente
um leão, atrás uma serpente, e no meio uma
cabra”⁴³. Porém, a verdade teria ocorrido
assim: uma mulher que governava certos
territórios tinha a seu serviço dois irmãos, de
nome Leão e Dragão. Por ser desleal e matar
estrangeiros, foi morta por Belerofonte.

16. Sobre Circe.

O mito transmite que essa metamorfoseia os
humanos com uma poção. Porém, ela era
uma cortesã: primeiro, encantando os
hóspedes com solicitude de todo tipo, atraía-
os por simpatia, mas, quando ficavam
afeiçoados, subjugava-os pelos desejos, já
que eram carregados irracionalmente aos
prazeres. E Odisseu venceu essa também.

17. Sobre os touros cospe-fogos⁴⁴.

⁴³ A citação corresponde exatamente ao verso 181 do sexto canto da obra *Iliada*, de Homero: “πρόσθε λέων, ὅπιθεν δὲ δράκων, μέσση δὲ χίμαιρα”, disponível na biblioteca digital Perseus Digital Library em: <https://tinyurl.com/t4rejt8d>. Acesso em 20 abr. 2026.

⁴⁴ O capítulo se refere aos touros de Eetes, filho de Hélios, que foram criados por Hefesto, exalavam fogo pela boca e tinham patas de bronze. Esses animais aparecem no mito de Jasão à procura do velocino de ouro, o qual Eetes promete lhe conceder somente se conseguir utilizar os touros para arear e semear o Campo de Ares (Graves, 2018).

Τίς ἂν ὑπολάβοι θνητὴν φύσιν πῦρ πνεῖν ἐξ αὐτῆς, ὃ πάντων ἐστὶν ἀναιρετικόν; ἄγριοι δὲ καὶ τραχεῖς ὄντες πρὸς τὴν ἀναίρεσιν τῶν ὀραθέντων ὅξεϊς ἦσαν. τὸ οὖν ἐν τάχει περὶ αὐτοὺς ἀναιρετικὸν εἰκάσθη πυρί.

18. Περὶ ὕδρας.

Πολυκέφαλον ἱστορεῖται θηρίον, οὐχ οὕτως ἔχοντος τάληθοῦς. εἰκὸς δὲ νεοσσοὺς αὐτὴν ἐσχηκέναι πολλοὺς, οἱ συνόντες αὐτῇ καὶ τεκούσῃ βοηθοῦντες τοὺς προσιόντας ἀπώλλουν μετ' αὐτῆς.

19. Περὶ τῶν Σπαρτῶν.

Τίς πιστεῦσαι δύναται ὅτι, τοῦ Κάδμου σπείραντος τοὺς δράκοντος ὀδόντας, ἔφυσαν ἔνοπλοι ἄνθρωποι; κρατήσας δὲ τῶν τόπων ὁ Κάδμος καὶ τὸ θηρίον ἀνελὼν δι' ὃ συνέβαιnen ἔρημον εἶναι τὸν τόπον, τοὺς σποράδην οἰκοῦντας εἰς ἓν συνήγαγεν, οἱ ὄντες ἔνοπλοι καὶ θηριώδεις διηνέχθησαν εὐθὺς πρὸς ἀλλήλους καὶ πλὴν ὀλίγων πάντες ἀπώλοντο.

20. Περὶ τῶν χρυσῶν μῆλων.

Δράκοντά φασι τὰ τῶν Ἑσπερίδων χρυσᾶ μῆλα φυλάττειν. ἀνὴρ δὲ ἐγένετο Δράκων, ὃς ἐκ τῆς ἐπιμελείας τῶν δένδρων πολὺν ἐσώρευσε χρυσόν. τοῦτον διαπρεπεῖς

Quem acreditaria que uma criatura mortal exala fogo dela mesma, algo que é destrutivo de tudo? Mas eles, sendo selvagens e agressivos, eram ágeis para a destruição daquilo que era avistado. Assim, a destrutividade deles em velocidade foi assemelhada ao fogo.

18. Sobre a Hidra.

Narra-se que é um monstro de muitas cabeças, mesmo não sendo assim a verdade. É provável que ela possuía vários filhotes, que conviviam com ela, socorriam quem tinha os parido, e junto dela aniquilavam os que se aproximavam.

19. Sobre os espartanos.

Quem consegue acreditar que, depois de o Cadmo semear os dentes de um dragão, brotaram homens armados? Na verdade, o Cadmo, após dominar os territórios e matar a fera por causa da qual a região acabou ficando abandonada, reuniu em uma unidade os habitantes dispersos, os quais, como estavam armados e eram brutos, logo discordaram uns dos outros e todos, com exceção de poucos, morreram.

20. Sobre as maçãs douradas.

Dizem que um dragão guarda as maçãs douradas das Hespérides. Porém, Dragão era um homem que, pela sua dedicação às árvores, acumulou muito ouro. Mulheres

ἐθήρευσαν γυναῖκες, καὶ ταῖς ἐρωτικάῃς ἐπιθυμίαις ἐνδήσασαι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ πρὸς τὸ λοιπὸν ὑπηρέτην ἔσχον καὶ φύλακα τοῦ κήπου.

21. Περὶ τῶν ἐν Ἅιδου.

Λέγεται ὡς Ἡρακλῆς κατελθὼν <εἰς Ἅιδου> ἀνῆλθεν ἀνάγων τὸν Κέρβερον, καὶ Ὀρφεὺς ὡσαύτως Εὐρυδίκη τὴν γυναῖκα. τὸ δ' ἀληθές, ὅτι ὀπηνίκα τις ἐκ μακρᾶς ἀποδημίας καὶ ἐπικινδύνου δια<ν>τλήσας ἐσώθη, ἔφασκον ἐξ Ἅιδου αὐτὸν διασεσῶσθαι. ὅθεν ἔτι καὶ νῦν τοὺς μακροὺς πόνους καὶ παραβόλους ὁδοὺς καὶ ἐπισφαλεῖς νόσους <δια>φεύγοντας φάσκομεν ἐξ Ἅιδου σεσῶσθαι.

22. Περὶ Φαέθοντος.

Οὗτος Ἥλιου ὢν υἱὸς ἐπεθύμησεν εἰς τὸ τοῦ πατρὸς ἄρμα ἀναβὰς διφρεῦσαι· ἀπείρως δὲ τοῦτο ποιοῦντος καὶ τῶν ἀνθρώπων ἀπολλυμένων ὑπὸ τοῦ καύματος, ὁ Ζεὺς αὐτὸν ἐκεραύνωσεν ***

23. Περὶ Ὀρφέως.

Οὗτος κινεῖν λέγεται καὶ πέτρας καὶ δένδρα καὶ θήρας οἰωνοὺς τε. εἶποι δ' ἄν τις ἀληθῶς ὅτι θηριώδεις ὄντας τοὺς ἀνθρώπους καὶ οὔτε ἔθνη οὔτε νόμους εἰδότας εἰς δεισιδαιμονίαν ἀγαγόν, καὶ ἐπὶ τὸ εὐσεβεῖν

ilustres cobiçaram esse homem e, tendo sujeitado a alma dele aos seus desejos amorosos, tomaram-no como servo e guardião do seu jardim daí em diante.

21. Sobre as pessoas no Hades.

É dito que Héracles, após descer ao Hades, retornou à superfície conduzindo o Cérbero, e que Orfeu fez o mesmo com Eurídice, a sua esposa. Porém, a verdade é que, quando alguém retornava são e salvo após suportar uma longa e perigosa viagem, acreditava-se que essa pessoa havia escapado do Hades. Por conta disso, até mesmo ainda hoje dizemos que os que escapam de trabalhos longos, de expedições arriscadas ou de doenças precárias, retornaram são e salvos do Hades.

22. Sobre Faetonte.

Esse, que era filho de Hélios, subiu no carro do pai e quis dirigi-lo. Mas, como fez isso desajeitadamente e os humanos foram mortos pelo seu calor ardente, Zeus o fulminou.

23. Sobre Orfeu.

É dito que esse move rochas, árvores, feras e aves. Porém, verdadeiramente, alguém poderia dizer que ele guiou ao sentimento religioso os humanos, que eram ferozes e não conheciam nem os costumes, nem as

παρακαλέσας πετρώδεις ὄντας καὶ
δενδρώδεις καὶ διὰ τῶν λόγων κηλήσας
ταύτης τῆς φήμης ἔτυχε.

24. Περί Ἑλλης καὶ Φρίξου.

Ἦνίκα τὴν Ἰνοῦς ἐπιβουλὴν μητρυιᾶς οὔσης
ἔφευγον Ἑλλη καὶ Φρίξος, ὁ παιδαγωγός, ὃς
ἦν Κριὸς ὄνομα, ἐπὶ πλοιαρίου μικροῦ
χειμῶνος ὄντος ἔφυγεν ἔχων αὐτούς. καὶ
συμβαίνει τὴν μὲν Ἑλλην ἐκπεσεῖν εἰς τὴν
θάλασσαν (ὅθεν ἐκλήθη Ἑλλήσποντος), τοῦ
δὲ Φρίξου σωθέντος ἐπιθυμητικῶς ἔχειν τὸν
Αἰήτην, τὸν δὲ Κριὸν διακωλύοντα καὶ
πειρώμενον ἄφθορον διατηρῆσαι τὸν
Φρίξον, ἀποδαρῆναι καὶ τὸ δέρμα αὐτοῦ
προσπασσαλευθῆναι, χρυσοῦν δὲ
προσαγορευθῆναι διὰ τὸ πιστότατον
<αὐτὸν> γεγενῆσθαι.

25. Περί Πανῶν καὶ Σατύρων.

*** ἐν ὄρεσι καταγινόμενοι καὶ γυναικῶν
ἀπωτέρω ὄντες, ὅταν τις παρεφάνη γυνή,
κοινῶς αὐτῇ ἐχρῶντο. [τράγων δὲ τρίχας καὶ
σκέλη ἐδόκουν ἔχειν διὰ τὴν περὶ τὰ λουτρὰ
ἀμέλειαν καὶ τὴν περὶ ταῦτα δυσσομίαν. καὶ
διὰ τοῦτο Διονύσου φίλοι· τὴν γὰρ ἐργασίαν
τῶν ἀμπέλων ἐποίουν]. καὶ νῦν δὲ ἔτι τὰς εἰς
πληθος γυναικας λέγομεν ὅτι „ἐπανεύομεν
αὐτάς“.

leis, exortou-os a demonstrar piedade,
mesmo sendo pétreos e arbóreos, encantou-
os através das palavras e obteve essa
reputação.

24. Sobre Hele e Frixo.

Enquanto Hele e Frixo escapavam da
conspiração de Ino, que era a sua madrasta,
o seu pedagogo, cujo nome era Carneiro,
fugiu com eles em um bote pequeno durante
uma tempestade. Acontece que a Hele caiu
no mar (razão pela qual foi chamado de
Helesponto), e o Eetes adquiriu atração pelo
Frixo, que tinha se salvado; mas o Carneiro,
impedindo-o e tentando manter puro o
Frixo, foi esfolado, e a sua pele foi pregada
e denominada como de ouro, visto que ele
era tão fiel.

25. Sobre Pãs e Sátiros.

Como moravam nas montanhas e estavam
mais longe das mulheres, assim que alguma
mulher aparecia, dispunham dela
coletivamente. E pareciam ter pelos e pernas
de bodes por causa da sua negligência aos
banhos e do seu mau odor relativo a isso.
Também por isso eram amigos de Dioniso;
afinal, faziam o cultivo das videiras. Até

mesmo ainda hoje, das mulheres do povo falamos que “as cercávamos⁴⁵”.

26. Περί Ἀσκληπιοῦ.

Λέγουσιν αὐτὸν κεκεραυνῶσθαι. εἶη δ' ἂν πιθανώτερον οὕτω. ἰατρικὴν κινήσας καὶ ὑψώσας αὐτὸς ὑπὸ πυρετοῦ φλεχθεὶς ὤλετο. ὅθεν διὰ τὴν φλεγμονὴν αὐτὸν κεραυνωθῆναι λέγουσιν.

26. Sobre Asclépio.

Dizem que ele foi fulminado por raio. Porém, seria mais plausível assim: ele, que desenvolveu e elevou a arte da medicina, foi inflamado por uma febre e sucumbiu. Daí, por causa do ardor, dizem que ele foi fulminado por raio.

27. Περί τῆς τοῦ Ἄιδου κυνῆς.

Ὅτι ὁ τὴν Ἄιδος κυνὴν, ὥς καὶ ὁ Περσεύς, περιθέμενος ἀόρατος ἐγίνετο. ἔστι δὲ κυνὴ Ἄιδος τὸ τέλος εἰς ὃ ἀπελθὼν ὁ τετελευτηκὼς ἀόρατος γίνεται.

27. Sobre o elmo do Hades.

É dito que aquele que vestia o elmo de Hades, como o Perseu também o fez, ficava invisível. Na verdade, o elmo de Hades é o desfecho da vida, para onde os mortos vão e se tornam invisíveis.

28. Περί Βορέου καὶ Ὠρειθυίας.

Λέγεται ὅτι Βορέας Ὠρείθυιαν ἥρπασεν. ἦν δὲ βασιλεὺς τῶν τόπων ἐκείνων. Ἡ δὲ αὐτὴ ὑπόληψις καὶ μέθοδος καὶ περὶ Διὸς καὶ Γανυμήδους. βασιλεύων γὰρ <ὁ Ζεὺς> ἀρπάζει τὸν Γανυμήδην, ἀετὸς γενέσθαι λεγόμενος, ὅτι καὶ τὸ ζῶον ἄλκιμον. ὁ δ' αὐτὸς τρόπος καὶ περὶ Ἡοῦς καὶ Τιθωνοῦ, καὶ Ἀγχίσου καὶ Ἀφροδίτης.

28. Sobre Bóreas e Oritia.

É dito que Bóreas raptou Oritia. Porém, ele era o rei daqueles territórios. E há a mesma suposição e método também em relação a Zeus e Ganimedes: pois o Zeus, que era um rei, raptou o Ganimedes, e é contado que se tornou em águia porque ela também é um ser forte. Há o mesmo procedimento também a

⁴⁵ No original, ἐπανεύομεν (*epaneúomen*, lit. “paníamos”), conjugação do que seria o verbo πανεύω (*paneúō*, lit. “paner”) na primeira pessoa do plural do imperfeito do indicativo, na voz ativa. No dicionário Liddell & Scott (1996), esse termo é traduzido como “treat after the manner of Pan” (“tratar à maneira de Pã”). Segundo Guerra (2009), Heráclito é o único autor que utilizou esse termo na literatura grega. Trata-se de um neologismo que associa o sufixo *pan-* (Pã) a uma ação feita por um grupo de pessoas, visto que, no capítulo, Heráclito assume que os Pãs juntos atacavam as mulheres que encontravam nas montanhas. Essa associação é feita a partir da reputação de Pã na mitologia grega. Acreditava-se que ele foi fruto de uma relação entre Hermes e a princesa Driopeia; assim que nasceu, já possuía barba, chifres, rabo e pés de bode. Vivía na Arcádia, cuidava de rebanhos, manadas e colmeias, e participava de orgias com as ninfas. Pã seduziu diversas mulheres mitológicas, como Eco e Selene, além de tentar violar Pítis e perseguir Siringe (Graves, 2018). O verbo πανεύω (*paneúō*), então, refere-se a essa insistência que Pã tinha em relação à figura feminina na mitologia.

respeito de Aurora e Titono, e de Anquises e Afrodite.

29. Περί Πρωτέως.

Λέγεται ὅτι ἐγένετο ποτὲ μὲν ὕδωρ, ποτὲ δὲ πῦρ, δηλονότι τοῖς μὲν χρηστοῖς ὡς ὕδωρ, τοῖς δὲ πονηροῖς κατ' ἀξίαν τιμωρητικός· ὅθεν ταύτην τὴν φήμην περὶ αὐτοῦ διέσπειραν.

29. Sobre Proteu.

É dito que às vezes se tornava em água, e às vezes em fogo; evidentemente, aos bondosos era como a água, e aos maus era vingativo conforme o merecido. Por isso, difundiram essa lenda sobre ele.

30. Περί τοῦ κυνὸς καὶ τῆς ἀλώπεκος.

Τῷ μὲν κυνὶ τοῦ Κεφάλου δεδομένον εἶναί φασιν γέρας ὃ ἂν ἴδῃ θηρίον καταλαμβάνειν, τῇ δὲ <Τευμησίᾳ> ἀλώπεκι ὑπὸ μηδενὸς καταλαμβάνεσθαι. διώκοντος οὖν τοῦ κυνὸς τὴν ἀλώπεκα, ἵνα μὴ λυθῇ τὸ πεπρωμένον, τοὺς δύο λίθους ὁ Ζεὺς ἐποίησεν. εἴη δ' ἂν τὸ τοιοῦτον πλάσμα παρὰ τὴν αὐτῶν ἀμφοτέρων κατὰ τὸν διωγμὸν πλάνην.

30. Sobre o cão e a raposa.

Dizem que ao cão do Céfalos⁴⁶ foi concedido o dom de capturar o animal que avistasse, e à raposa teumésia, o de não ser capturada por ninguém. Portanto, quando o cão perseguiu a raposa, Zeus transformou os dois em pedras, para que não fosse rompido o que estava destinado. Contudo, tal fábula poderia existir por causa da divagação deles dois durante a perseguição.

31. Περί τῶν Διομήδους ἵππων.

Φασὶ ταύτας ἀνθρωποφάγους εἶναι. ἄγριαι δὲ ἦσαν νομάδες. οὐ δυναμένου δέ τινος αὐτὰς ὑφ' ἄρμα ζεῦξαι, ὁ Ἡρακλῆς ἐξευξεν.

31. Sobre as éguas de Diomedes.

Dizem que essas eram andrófagas. Porém, eram um bando errante de éguas selvagens. Apesar de ninguém conseguir atrelá-las a um carro, Hércules as colocou sob o jugo.

32. Περί Καλυψοῦς καὶ Ὀδυσσέως.

32. Sobre Calipso e Odisseu.

⁴⁶ Céfalos, filho de Hermes e Herse, era um dos amantes de Aurora. A sua esposa, Prócris, era apaixonada por caça e foi presenteada por Minos, rei de Creta, com um cão sabujo, chamado de Lelaps, e um dardo que sempre atingia o seu alvo, os quais Céfalos também usava em suas caças. Quando Céfalos foi a Tebas, o rei anfitrião pediu emprestado o cão para caçar uma raposa teumésia, destinada pelos deuses a nunca ser capturada. Ambos foram petrificados por Zeus por conta do conflito que essa caça, contraditória ao destino, instaurou no Olimpo. Graves (2018) diz que essa raposa era o emblema da região de Messênia. Nota-se que, no capítulo, Heráclito não faz menção ao dardo presente no mito, atribuindo o dom da caça totalmente ao cão.

Ἄλογον θνητὸν ὄντα Ὀδυσσεά αὐτὴν ἐπαγγέλλεσθαι ποιήσιν ἀθάνατον, ἀλλὰ τὸ τὰ πρὸς τροφήν καὶ πρὸς βίου ἀπόλαυσιν ἄφθονα καὶ λαμπρὰ ἔξειν. ὅθεν καὶ ἡμεῖς, ὅταν πού κλιθῶμεν καὶ λαμπρῶς εὐωχώμεθα, ἐν θεοῖς φάμεν γεγονέναι.

33. Περί Κερβέρου.

Τοῦτ' ἂν εἴη ὁ καὶ περὶ τῆς Ὑδρας. οὗτος γὰρ εἶχε δύο σκύμους, ὧν ἀεὶ συμβαδίζόντων τῷ πατρὶ ἐφαίνετο εἶναι τρικέφαλος.

34. Περί Λαμίας.

Ἱστοροῦσιν ὅτι, Διὸς αὐτῇ συμμιγέντος, Ἥρα ἀπεθιρίωσεν αὐτήν, καὶ ὅτι ἡνίκα ἂν μανῇ, τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐξαιρεῖ καὶ εἰς κοτύλην βάλλει, καὶ ὅτι σαρκοφαγεῖ καὶ ἀνθρώπους ἐσθίει. εἴη δ' ἂν τάδε. καλῇ αὐτῇ οὔσῃ ὁ Ζεὺς ἐπλησίασε βασιλεύων, Ἥρα δὲ συναρπάζουσα αὐτήν, τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐξώρυξε καὶ εἰς τὰ ὄρη ἔρριπεν· ὅθεν ἐπιπόνως ἔζη ἐπικουρουμένη δὲ οὐδέν· <διὰ δὲ τὸ> ὑπὸ ταῖς ἐρημίαις καταγινομένην αὐτήν ἄλουτον καὶ ἀθεράπευτον εἶναι, ἐδόκει θηρίον ὑπάρχειν.

35. Περί Πρόκνης καὶ Φιλομήλας <καὶ Τηρέως>.

É improvável ela ter prometido que tornaria Odisseu, sendo mortal, em imortal, mas que ele teria a abundância e o esplendor referentes à alimentação e à fruição da vida. Por isso, nós também, quando nos deitamos em algum lugar e nos empanturramos esplendidamente, dizemos que estamos entre os deuses.

33. Sobre o Cérbero.

Esse seria o mesmo caso que o da Hidra. Cérbero certamente tinha dois filhotes e parecia ser tricéfalo porque eles sempre andavam com o pai.

34. Sobre Lâmia.

Relatam que, como Zeus se relacionou sexualmente com Lâmia, Hera a transformou em um monstro; que Lâmia, sempre que se irrita, retira os seus olhos e os coloca em uma taça; e que é carnívora e devora humanos. Porém, teria acontecido assim: o Zeus, que era um rei, envolveu-se com ela, que era linda, mas Hera a capturou, arrancou os seus olhos e a abandonou nas montanhas. Consequentemente, Lâmia vivia penosamente e não recebia ajuda em nada. Então, como ela era suja e malcuidada, vivendo na solidão, parecia ser um animal selvagem.

35. Sobre Procne, Filomela e Tereu.

Ἰστοροῦνται ὄρνιθες γενέσθαι, ἡ μὲν χελιδών, ἡ δὲ ἀηδών, ὁ δὲ ἔποψ. τοῦτο δ' ἂν ἔχοι οὕτως. ἀποκτείνασαι τὸν Ἴτυν καὶ πορθήσασαι τὸν οἶκον, εἰς τι πλοιάριον ἐμβᾶσαι ταχεῖαν τὴν φυγὴν ἐποιήσαντο. ὁ δὲ Τηρεύς, ἐπεὶ διώξας οὐ κατέλαβεν αὐτάς, αὐτὸν ἀναιρεῖ. ὅθεν οἱ ἄνθρωποι, οὐ φαινομένων αὐτῶν, διὰ τὸ ἐξαίφνης ἀφανεῖς γενέσθαι εἶπον ὅτι ἀπωρνιθώθησαν.

36. Περὶ τῶν Ἡλιάδων.

Ταύτας φασὶν ἐξ ἀνθρώπων αἰγείρους γενέσθαι. οὐ τοῦτο δέ, ἀλλὰ διὰ τὸ πάθος τοῦ ἀδελφοῦ εἰς τὸν Ἡριδανὸν αὐτάς ἔβαλον. διὸ οἱ ζητοῦντες, ἐπὶ τὸν ποταμὸν παραγενόμενοι καὶ τὰς μὲν οὐχ εὐρόντες, τρία δὲ στελέχη αἰγείρων, ὑπέλαβον αὐτάς ἀποδενδρωθῆναι. [ὄνομα δὲ αὐταῖς Φοίβη, Λαμπετώ, Αἴγλη].

37. Περὶ Πανόπτου.

Τοῦτον πάντα βουλόμενον ἀκούειν καὶ ὁρᾶν ἐν παντὶ τῷ σώματι ὀφθαλμοὺς ἔχειν ἐπλάσαντο. ὅθεν ἔτι καὶ νῦν τοὺς τοιούτους πανόπτας καλοῦμεν.

38. Περὶ Ἐνδυμίωνος καὶ Σελήνης.

Λέγεται ὅτι καθεύδοντος αὐτοῦ Σελήνη ἐρασθεῖσα καταβᾶσα ἐμίγη αὐτῷ. εἴη δ' ἂν

Ἐ narrado que se tornaram pássaros: uma era uma andorinha, a outra, um rouxinol, e ele, uma poupa. Porém, isso pode ter acontecido assim: elas, após assassinares Ítis e devastarem a sua casa, embarcaram em um bote qualquer e executaram uma fuga rápida. E Tereu matou a si próprio, visto que, mesmo as perseguindo, não as alcançou. Daí, eles não apareceram mais, e as pessoas, por causa do desaparecimento repentino, falaram que tinham sido transformados em pássaros.

36. Sobre as Heliades.

Dizem que essas passaram de mulheres a álamos negros. Porém, não é isso; é que elas se jogaram no rio Erídano por causa do infortúnio do seu irmão. Logo, aqueles que as procuravam, após chegarem ao rio e não encontrarem as mulheres, mas sim três troncos de álamos negros, pensaram que elas tinham sido transformadas em árvores. Os nomes delas eram Febe, Lâmpeto, Egle.

37. Sobre Panoptes.

Inventaram que esse tinha olhos por todo o corpo porque queria ouvir e ver tudo. Por isso, até mesmo ainda hoje chamamos tais indivíduos de panópticos.

38. Sobre Endimião e Selene.

É dito que, enquanto ele dormia, Selene ficou apaixonada, desceu e se juntou a ele.

ὁ μὲν Ἐνδυμίων ποιμὴν ἄπειρος γυναικός,
ἐπιθυμητικῶς δὲ σχοῦσα γυνὴ αὐτοῦ ***
ἐρωτηθεῖσα παρὰ τινος τίς εἴη, ἔφη
„Σελήνη“.

Porém, o Endimião teria sido um pastor sem experiência com mulheres, mas uma mulher tinha atração por ele e, quando alguém perguntou quem ela era, respondeu: “Selene”⁴⁷.

39. Περί τῶν Ἡλίου βοῶν.

Περὶ τούτων οὕτως εὔρον ἡλληγορημένον
ἐν Ἰλιάδι. οὐκ ἐξῆν τοῖς ἀρχαίοις ἱεροθυτεῖν
βοῦς ἐργάτας. καὶ τοῦτο φησὶ μὲν καὶ
Ἄρατος, δῆλον δὲ καὶ ἐξ αὐτῆς τῆς
ποιήσεως. φησὶ γὰρ Ἑκάβη πρὸς Ἀθηναῖν
σοὶ δ’ αὖ ἐγὼ ῥέξω βοῦν ἦνιν εὐρυμέτωπον
ἀδμήτην ἦν οὐπω ὑπὸ ζυγὸν ἤγαγεν ἀνὴρ.
οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ Ἡλίου βόας τούτους
ἐκάλουν ὡς τὴν γῆν ἐργαζομένους καὶ ἡμᾶς
τρέφοντας. οἱ δὲ τοῦ Ὀδυσσέως ἐταῖροι οὐχ
Ἡλίου βοῦς, ἀλλὰ τοὺς ἐργάτας θοινηθέντες
σφῆσιν ἀτασθαλίῃσιν ὑπὲρ μόρον ἄλγε’
ἐπέσπον.

39. Sobre o gado de Hélios.

Encontrei na *Ilíada* a seguinte alegoria sobre o gado de Hélios. Para os anciões, não era permitido sacrificar bois que trabalham no campo. Arato⁴⁸ também diz isso, e também é evidente na própria obra poética, pois Hécuba diz para Atena⁴⁹: “Eu também sacrificarei a ti uma vaca de um ano de idade, de larga frente, não domada, que o homem ainda não conduziu sob jugo”. E não só isso, mas também os chamavam de gado de Hélios, porque cultivam a terra e nos sustentam. Então, os companheiros do Odisseu, por insensatez deles mesmos, enfrentaram sofrimentos além do destino funesto porque se banquetearam não com o gado de Hélios, mas com os bois de trabalho.

⁴⁷ Selene, personificação da Lua na mitologia grega, avistou Endimião, filho de Zeus e Cálice, dormindo em uma caverna do monte Latmos. Ela logo se apaixonou e beijou o rapaz enquanto ele dormia. Depois disso, Endimião nunca mais acordou ou envelheceu (Graves, 2018). Stern (2003) aponta que pode haver lacunas na fala de Endimião nesse capítulo; o tradutor entende que Heráclito explica esse mito ao considerar que o personagem teve uma relação sexual com alguém, inconscientemente enquanto dormia, e assim acreditou que a sua parceira desconhecida teria sido a Lua, um elemento da noite.

⁴⁸ Segundo Hawes (2014), Arato é um poeta do período helenístico, autor de um texto conhecido como *Fenômenos* (*Phaenomena*). A obra está disponível na biblioteca digital Scaife Viewer em: <https://tinyurl.com/mwxbtjt8>. Acesso em 20 abr. 2026.

⁴⁹ A citação corresponde exatamente aos versos 292 e 293 do décimo canto da obra *Ilíada*, de Homero: “σοὶ δ’ αὖ ἐγὼ ῥέξω βοῦν ἦνιν εὐρυμέτωπον ἀδμήτην, ἦν οὐ πω ὑπὸ ζυγὸν ἤγαγεν ἀνὴρ”, disponível na biblioteca digital Perseus Digital Library em: <https://tinyurl.com/ycx975a7>. Acesso em 20 abr. 2026. Apesar disso, assim como Guerra (2009) também destaca, essa fala é de Diomedes, não de Hécuba, como descrito no capítulo de Heráclito.

7. Análise dos *treebanks* e dos alinhamentos elaborados

A partir das anotações nos suportes digitais, foi possível averiguar que algumas ambiguidades do texto grego tendem a causar uma distinção entre as traduções consultadas, e que outras diferenças ocorrem quando a estrutura sintática original, se traduzida literalmente, não é natural aos falantes da língua alvo. Além disso, foram observados casos de acréscimos e apagamentos nas traduções. Durante a análise comparativa, também se destacaram as contribuições dos suportes digitais à visualização e ao entendimento do corpus. Cada diferença está detalhada nas próximas seções.

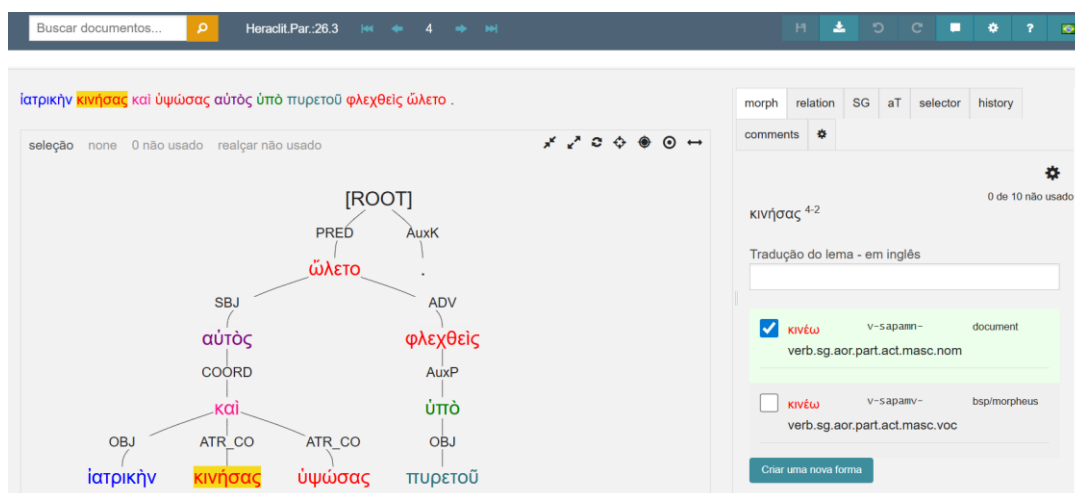
As análises contam com figuras dos resultados obtidos nos suportes digitais, porém, para uma melhor visualização dos *treebanks* e alinhamentos, recomenda-se o acesso aos sites dos respectivos suportes digitais através dos links disponibilizados nas rodas de rodapé da seção 5 deste trabalho.

7.1. Diferenças por ambiguidade

Por ambiguidade entende-se que uma frase ou estrutura menor, como uma palavra ou até mesmo uma declinação, permite mais de uma compreensão do texto. Nas palavras de Zavaglia (2003, p. 240), “[...] a ambiguidade define-se em função das regras gramaticais. E assim, quando uma frase possibilita duas interpretações semânticas ou sintáticas, ela é considerada ambígua”. No texto de Heráclito, a ambiguidade aparece frequentemente em verbos conjugados no particípio. Isso ocorre porque a língua grega, muitas vezes, utiliza o particípio para expressar de forma sucinta, sem conjunções, a ideia adverbial de tempo, causa, condição, concessão e fim (Ragon, 2012).

Por isso, o particípio em grego pode ser traduzido de vários modos: como uma oração adverbial com conjunção (quando, apesar de, após, para que, etc.), uma sentença relativa, atribuindo informações a um nome, ou as formas verbais reduzidas do gerúndio e do particípio. Esse é o caso dos particípios κινήσας (*kinēsás*) e ὑψώσας (*hypsōsás*), presentes no capítulo 26 de Heráclito; pode-se traduzi-los respectivamente por “que desenvolveu e elevou”, “após desenvolver e elevar” ou “tendo desenvolvido e elevado”, dentre outras escolhas a depender da conjunção utilizada na tradução. Apesar dessa ambiguidade, no *treebank* o tradutor pode indicar qual interpretação fez do particípio, como demonstrado na Figura 6 abaixo.

Figura 6: treebank com particípios ambíguos como ATR



Fonte: elaboração própria na plataforma Perseids.

Como indicado na aba *morph* da árvore, os dois particípios estão declinados no singular, no particípio do aoristo e no caso nominativo, o que permite traduzi-los por orações adverbiais ou adjetivas. Como se vê na Figura 6, os dois particípios foram etiquetados como ATR_CO (atributos coordenados) do pronome αὐτός (*autós*, “ele”), ou seja, foram interpretados como

uma sentença relativa, que atribui informações ao pronome “ele”. Seguindo as dependências da árvore, a tradução da frase é: “Ele [Asclépio], que desenvolveu e elevou a arte da medicina, foi inflamado por uma febre e sucumbiu” (Heráclito, 1902, p. 82, tradução própria). Esse é o processo de tradução pelo *treebank*, o tradutor lê a frase e anota as categorias sintáticas aceitáveis gramaticalmente para construir as dependências a partir da sua interpretação do texto.

Por ser capaz de ilustrar as interpretações feitas pelos anotadores, o *treebank* é bem avaliado por autores como Mambrini (2016) e Almas e Beaulieu (2016). Os pesquisadores enfatizam que a árvore sintática de dependências é um meio pelo qual o usuário pode justificar as suas interpretações do texto, ou seja, evidenciar o seu entendimento através das dependências da árvore. Por exemplo, se o usuário interpreta κινήσας (*kinésas*) como um particípio atributivo, tal verbo deve ser etiquetado como ATR em seu *treebank*, assim como na Figura 6.

No entanto, como já explicado, existem outras formas de se traduzir os particípios em grego, e as traduções consultadas escolheram estratégias diferentes para a frase da Figura 6. No Quadro 1 abaixo, estão listadas as traduções estrangeiras dessa mesma sentença do capítulo 26, e os particípios gregos e as suas respectivas traduções estão sublinhados.

Quadro 1: traduções estrangeiras do capítulo 26 de Heráclito

Texto fonte	Traduções estrangeiras consultadas
(Heraclit.Par.26) ιατρικὴν κινήσας καὶ ὑψώσας αὐτὸς ὑπὸ πυρετοῦ φλεχθεὶς ὤλετο.	Stern (2003): Asclepius <u>was an innovator</u> in the art of medicine <u>who brought it to new heights</u> , but then himself died of a burning fever.
	Pereira (2016a): Asclépio <u>foi um inovador</u> na arte e na medicina, <u>que as trouxe para novas esferas</u> , mas então morreu de febre elevada.
	Guerra (2009): <u>Tras impulsar y elevar a lo más alto</u> la medicina, él mismo murió inflamado por unas fiebres.

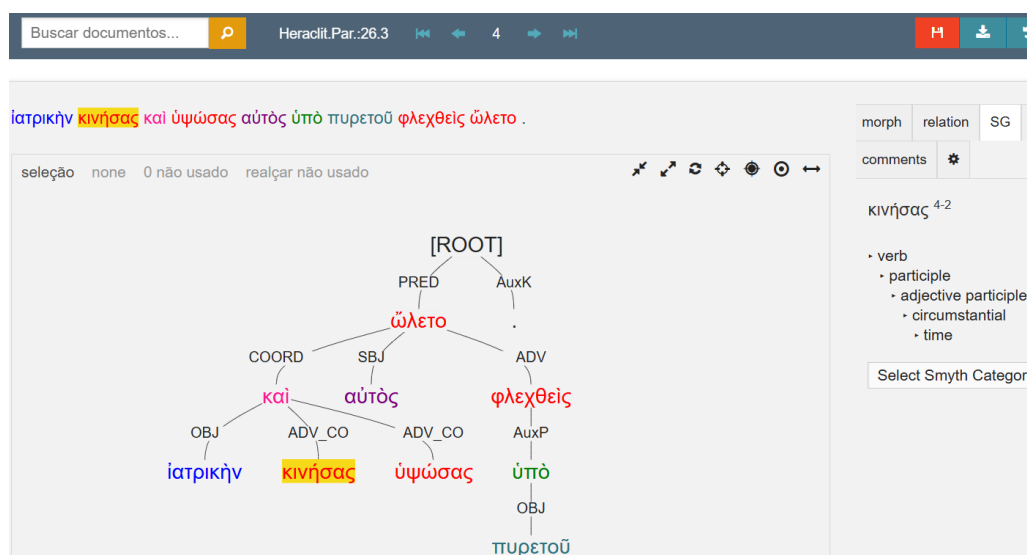
Observa-se que Guerra (2009) traduz os particípios, κινήσας (*kinésas*) e ὑψώσας (*hypsósas*), como orações adverbiais de tempo iniciadas pela conjunção *tras* (“após”), enquanto Stern (2003) opta por transformar o primeiro particípio (*kinésas*) em uma oração principal, traduzindo o segundo (*hypsósas*) como uma sentença relativa, “who brought it to new heights”.

A tradução portuguesa de Pereira (2016a), curiosamente, apresenta uma frequente semelhança às escolhas de Stern (2003), o que também ocorre em tal sentença, composta pelas mesmas adaptações feitas pela tradução em inglês: alteração da sintaxe original para verbos

principais ou para orações relativas. Apesar da semelhança, a transformação do particípio em oração principal é uma escolha comum quando é compreendido como uma oração adverbial.

Assim como dizem Almas e Beaulieu (2016), pode-se utilizar o *treebank* para justificar as decisões de tradução. Então, o usuário também pode utilizar a ferramenta para fazer *treebanks* de acordo com as interpretações de outros tradutores, de modo a esclarecer como o texto foi interpretado por outra pessoa. Por exemplo, no caso da tradução de Guerra (2009), que interpretou os dois particípios como duas orações adverbiais temporais, obtém-se o seguinte *treebank* com as etiquetas de advérbio (ADV).

Figura 7: *treebank* com particípios ambíguos como ADV



Fonte: elaboração própria na plataforma Perseids.

Na Figura 7, os particípios κινήσας (*kinéśas*) e ὑψώσας (*hypsósas*) estão etiquetados como ADV_CO (advérbios coordenados), indicando que são adjuntos verbais do verbo principal da frase, o qual é anotado com a etiqueta PRED (predicado). Logo, pelas dependências e etiquetas da árvore, é possível reconhecer qual foi a leitura do texto feita pelo tradutor. O *treebank* possibilita a anotação de diversas leituras, desde que não ultrapassem as regras gramaticais da língua grega; por exemplo, um termo declinado no caso nominativo nunca poderá ser etiquetado como OBJ (objeto) de um verbo, já que esse caso não pode exercer tal função.

Além disso, como se vê à direita da Figura 7, o usuário consegue visualizar uma explicação das dependências na aba *relation*, e na aba SG também estão dispostas as informações semânticas do termo, as quais também são selecionadas para marcação manual pelo próprio usuário. No caso de *kinéśas* dessa tradução, o SG indica que é um verbo no

particípio, entendido como uma oração circunstancial de tempo; mas, em outra tradução, se fosse entendido como um atributo, estaria marcado como um particípio atributivo.

Crane *et al.* (2023, p. 170, tradução própria) declaram que “Os *treebanks* proporcionaram aos leitores uma maneira de se visualizar representações explícitas das funções sintáticas de cada palavra em uma sentença”⁵⁰. Essa visualização pode auxiliar o tradutor, ou o estudante de línguas clássicas, a refletir sobre a estrutura sintática e o sentido da frase.

Há outras ocorrências de particípios traduzidos de formas variadas. O Quadro 2 abaixo elenca quatro exemplos desses particípios e indica, na última coluna, a categoria da oração criada pelas traduções consultadas. Os particípios gregos, assim como as suas correspondências na língua alvo, estão sublinhados. As traduções com orações principais implicam que o particípio foi transformado no verbo principal da sentença, enquanto as traduções com as demais categorias, implicam que o particípio foi mantido como uma oração dependente (adverbial ou relativa).

Quadro 2: traduções diferentes de particípios gregos

nº	Texto fonte	Traduções dos particípios	Tipo de oração
1	(Heraclit.Par.4) [...] <u>προλέγων</u> δὲ χειμῶνας [...] καὶ δύσεις ἐμυθεύθη φέρειν ἐν αὐτῷ τὸν κόσμον.	Tradução própria: [...] e <u>como</u> <u>predizia</u> tempestades [...] e ocasos, foi narrado que carregava em si mesmo o cosmo.	Or. adverbial
		Stern (2003): He <u>foretold</u> storms [...] and settings of stars, and so the myth arose that he carried the cosmos within himself.	Or. principal
		Pereira (2016a): <u>Previu</u> tempestades [...], bem como posicionamentos das estrelas, pelo que nasceu o mito de que ele carregava o cosmos sobre si.	Or. principal
		Guerra (2009): Y, <u>como</u> <u>predecía</u> las inclemências [...] y sus ocasos, se corrió la leyenda de que llevaba en su cuerpo el mundo.	Or. adverbial
2	(Heraclit.Par.12) [...] εἰσῆλθον εἰς τὴ σπήλαιον γενέσθαι <u>θέλοντες</u> μετ’ ἀλλήλων.	Tradução própria: [...] entraram em alguma caverna <u>porque queriam</u> ficar em companhia um do outro.	Or. adverbial
		Stern (2003): [...] the two of them went into a cave, <u>wishing</u> to be together.	Or. adverbial reduzida
		Pereira (2016a): [...] os dois entraram numa gruta, <u>desejando</u> estar juntos.	Or. adverbial reduzida

⁵⁰ Do original em inglês: “Treebanks provided a way for readers to be able to view explicit representations of the syntactic function of each word in a sentence” (Crane *et al.*, 2023, p. 170).

		Guerra (2009): [...] entraron en una cueva, <u>pues querían</u> acostarse juntos.	Or. adverbial
3	(Heraclit.Par.12) κατὰ τύχην δὲ λέοντες ὄντες ἐν τῷ σπηλαίῳ κατέφαγον αὐτούς·	Tradução própria: Porém, leões, <u>que estavam</u> por acaso na caverna, devoraram-nos.	Or. relativa
		Stern (2003): By chance <u>there were</u> lions in the cave who devoured them.	Or. principal
		Pereira (2016a): Por acaso, <u>existiam</u> leões na gruta, que os devoraram.	Or. principal
		Guerra (2009): Pero dio la casualidad de que en la cueva <u>había</u> unos leones que los devoraron.	Or. principal
4	(Heraclit.Par.9) οἱ γοῦν θεώμενοι, τὸ τάχος <u>θαυμάζοντες</u> , πτερὰ εἶπον προστεθεῖσθαι τοῖς ποσὶν αὐτοῦ [...].	Tradução própria: Assim, os espectadores, <u>admirando</u> a sua velocidade, disseram que ele tinha colocado asas nos pés dele [...].	Or. adverbial reduzida
		Stern (2003): The people who saw him, at any rate, <u>marveled</u> at his speed; they said he had wings attached to his feet [...].	Or. principal
		Pereira (2016a): As pessoas que o viam <u>maravilhavam-se</u> com a sua velocidade; diziam que ele tinha asas presas aos seus pés [...].	Or. principal
		Guerra (2009): Así pues, quienes lo contemplaban, <u>asombrados</u> de su velocidad, dijeron que llevaba alas en los pies [...].	Or. adverbial reduzida

No primeiro exemplo, o verbo *προλέγω* (*prolēgō*, “predizer”) aparece como *προλέγων* (*prolēgōn*), conjugado no particípio presente, singular, masculino e nominativo, e traduzido na nossa tradução por “como predizia”, uma oração adverbial causal. Guerra (2009) também traduz dessa maneira, “como predecia”. Porém, Stern (2003) e Pereira (2016a) fazem uma adaptação diferente, mas com o mesmo sentido causal. Ambos transformam *prolēgōn* no verbo principal, respectivamente “Previu” e “Foretold”, e na próxima sentença do período, Stern (2003) acrescenta uma coordenação “and so”, enquanto Pereira (2016a) cria uma sentença relativa com o pronome relativo “pelo que”.

Como já mencionado, a adaptação do particípio grego a um verbo da oração principal na língua alvo não é uma solução rara adotada pelos tradutores. Nas traduções de Stern (2003) e Pereira (2016a), isso tende a ocorrer quando a frase em grego é relativamente extensa. Esse é o caso da primeira frase do Quadro 1, da qual apenas um trecho está presente no quadro. Trata-se de uma frase que contém quatro verbos (dois particípios e dois verbos finitos). Stern (2003) e Pereira (2016a), aparentemente, consideraram a sentença muito extensa, separaram-na por um ponto final e modificaram os particípios gregos para verbos finitos na tradução. Essa separação parece facilitar a leitura do texto, já que evita construções subordinadas entre as orações.

No segundo exemplo, o particípio presente θέλοντες (*thélontes*), no plural, masculino e nominativo, também recebe traduções distintas. Nossa tradução optou por “porque queriam”, novamente igual à decisão de Guerra (2009), “pues querían”, de modo a explicitar o sentido explicativo por meio da conjunção. Stern (2003) e Pereira (2016a) mantêm a ambiguidade do tempo verbal reduzido ao escolherem o gerúndio, “wishing” e “desejando”.

Ainda nesse capítulo, o verbo de ligação εἰμί (*eimí*) aparece como ὄντες (*óntes*), conjugado no particípio presente, singular, masculino e nominativo, e traduzido como uma sentença relativa em nossa tradução, “que estavam”. Em contraponto, as três traduções estrangeiras trataram *óntes* como o verbo principal: “había”, “there were” e “existiam”. Por isso, o verbo κατέφαγον (*katéphagon*, “devorar”), que compõe a verdadeira oração principal da frase, é modificado a uma sentença relativa: “que devoraron”, “who devoured” e “que devoraram”.

Essa adaptação de uma oração principal para uma relativa não seria possível no *treebank* porque *katéphagon* está conjugado no presente do indicativo, ou seja, um tempo finito que precisa desempenhar o papel do verbo principal da frase. Esse pode ser um caso de estilo, em que o tradutor prefere criar uma frase natural na língua alvo a custo dos aspectos originais da língua fonte (Pedro, 1999).

Já no caso de θαυμάζοντες (*thaumázontes*), presente no nono capítulo e conjugado igualmente a θέλοντες (*thélontes*), apenas a tradução própria opta pelo gerúndio, “admirando”. Guerra (2009) utiliza a forma de particípio passado em espanhol, “asombrados”, enquanto Stern (2003) e Pereira (2016a) novamente escolhem transformá-lo em um verbo principal, “marveled” e “maravilhavam-se”. Essas diferentes decisões demonstram que a tradução do particípio tende a não seguir um caminho específico, e que, apesar das diferenças, o sentido tende a ser o mesmo ou semelhante – fato que se torna mais visível no *treebank* através das etiquetas semânticas, explicitadas na Figura 7 pela aba SG da plataforma.

Além da anotação em *treebank* da plataforma Perseids, há outra forma de verificar as diferentes interpretações referentes a uma mesma palavra do texto original. O site Tundra⁵¹ (Martens, 2013) reúne uma coleção de *treebanks* realizados por pesquisadores em diversas línguas, como o grego antigo, o português, o inglês, o japonês, entre outras. Ao selecionar um grupo de *treebanks* e pesquisar por uma palavra, o site fornece todas as frases que contêm tal termo. Essa busca deve ser feita entre colchetes, por exemplo: [word="palavra"].

⁵¹ Disponível em: <https://weblicht.sfs.uni-tuebingen.de/Tundra/>. Acesso em 10 ago. 2025.

Na coleção Perseus Greek⁵² disponível no Tünder, ao buscar pelo particípio ὄντες (*óntes*) com o comando ([word="ὄντες"]), obtém-se 54 frases, nas quais *óntes* vem acompanhado de diferentes etiquetas sintáticas: SBJ (sujeito), OBJ (objeto), ADV (advérbio) e ATR (atributo). No caso de θαυμάζοντες (*thaumázontes*), aparecem apenas cinco ocorrências, todas etiquetadas como advérbios. Desse modo, o usuário pode averiguar quais etiquetas são mais comuns a um termo específico e quais interpretações costumam ser feitas a seu respeito em determinadas frases.

A partir da comparação entre os diferentes tipos de traduções possíveis aos particípios gregos, vê-se que a língua grega, além de sua complexidade morfológica, possui estruturas ambíguas que possibilitam mais de uma interpretação textual. Palladino (2020, p. 2, tradução própria), pensando nessas dificuldades das línguas clássicas, declara que “[...] um acadêmico de uma língua antiga nunca passa simplesmente de uma palavra para outra com um entendimento assegurado de seu significado”⁵³. Em outras palavras, é necessário refletir sobre cada nível linguístico do texto grego. Essa atividade reflexiva pode ser auxiliada pela disposição visual que os suportes digitais oferecem, assim como outros estudos indicam (Palladino; Foradi; Yousef, 2021; Crane *et al.*, 2023).

⁵² Disponível em: <https://weblicht.sfs.uni-tuebingen.de/Tundra/PerseusGreek/4411>. Acesso em 10 ago. 2025.

⁵³ Do original em inglês: “[...] a scholar of an ancient language never simply goes from one word to another with a secure understanding of their meaning” (Palladino, 2020, p. 2).

7.2. Diferenças por mudança da classe de palavra

Como foi discutido, as interpretações dos participios tendem a originar traduções diferentes. No entanto, outros tipos de distinções foram observados nas traduções, a começar por mudanças nas classes das palavras. No sétimo capítulo, o conjunto formado pela preposição κατὰ (*katá*) e o substantivo σύνθεσιν (*sýnthesin*), cujo significado literal seria “por combinação”, é transformado em verbo na tradução de Pereira (2016a), “juntando os nomes”. A adição da palavra “nomes” também aparece nas outras traduções para explicitar o contexto, já que esse capítulo explica que Minotauro seria a combinação dos nomes Mino e Tauro. No entanto, apenas Pereira (2016a) modifica a classe de palavra.

Esse tipo de modificação é frequente, tendo em vista que a língua grega comporta estruturas sintáticas que não são tão naturais aos falantes das línguas modernas, como o português. No capítulo 13, as três traduções consultadas optaram por transformar em verbo um substantivo preposicionado. A frase em questão é “Mas é provável que três mulheres cegas dispunham de um único guia para viagem” (Heráclito, 1902, p. 78, tradução própria)⁵⁴.

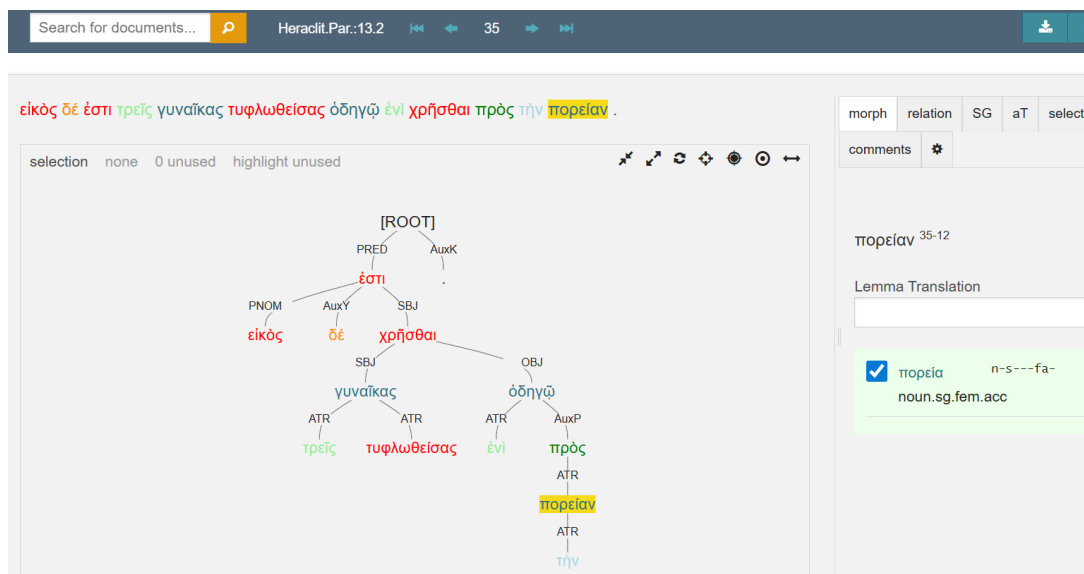
O conjunto preposicionado πρὸς πορείαν (*prós poreían*) significa, literalmente, “para viagem”. Stern (2003) e Pereira (2016a) utilizam a preposição *prós* como uma conjunção final, transformando o substantivo *poreían* em um verbo: “for traveling around” e “para se descolarem”. Guerra (2009) efetua uma adaptação semelhante, mas mantém a classe do substantivo *poreían* (*camino*), e cria uma construção frasal introduzindo um verbo (*indicase*) à expressão inteira, “para que les indicase el camino”.

Apesar dessas traduções não serem literais, o sentido de finalidade permanece o mesmo. O *treebank* também exerce uma função interessante nesse quesito ao sempre manter a classe da palavra original, o que pode contribuir a pesquisas que se ocupam em estudar o nível morfológico do corpus.

A Figura 8 abaixo apresenta o *treebank* da frase com πρὸς πορείαν (*prós poreían*), grifado em amarelo, na qual se vê à direita a aba de morfologia (*morph*) indicando *poreían* como um substantivo feminino no acusativo do singular.

⁵⁴ Do original em grego: εἰκὸς δὲ ἐστὶ τρεῖς γυναῖκας τυφλωθείσας ὁδηγῶ ἐνὶ χρῆσθαι πρὸς τὴν πορείαν (Heráclito, 1902, p. 78).

Figura 8: *treebank* do capítulo 13 de Heráclito



Fonte: elaboração própria na plataforma Perseids.

Na área de tradução, Baker (1992) elege diferentes tipos de equivalência entre as línguas, divididos pelos níveis do texto: nível da palavra, nível acima da palavra, nível gramatical, nível textual, etc. As modificações da classe de palavra, como o caso de *πρὸς πορείαν* (*prós poreían*), encaixam-se no nível gramatical, que inclui as dimensões morfológicas e sintáticas.

As mudanças de nível gramatical são consideravelmente comuns e, até certo ponto, obrigatórias, já que cada língua, de acordo com o seu sistema gramatical único, precisa criar frases com uma determinada organização sintática (Baker, 1992). Tais alterações, aparentemente, são ainda mais frequentes na língua grega, que é regida por declinações em caso, uma categoria morfológica rara em línguas modernas, além de outros pontos complexos como os participípios já discutidos.

A partir das tipologias de equivalência elegidas por Baker e Saldanha (2009), entende-se que a mudança da classe de palavra tende a gerar uma equivalência um-para-muitos; por exemplo, *πρὸς* (*prós*) é uma palavra em grego, e “para que” são duas palavras na tradução de Guerra (2009). No caso de Pereira (2016a) e Stern (2003), *πορείαν* (*poréian*) equivale a duas palavras na tradução (“se deslocarem” e “traveling around”), também sendo uma equivalência um-para-muitos. Essa discussão acerca de adaptações que geram pares diferentes também se fez presente na análise dos alinhamentos multilíngues da seção 8 deste trabalho.

7.3. Diferenças por adaptações na estrutura sintática

Outras diferenças nas escolhas de tradução aparecem em casos de estruturas sintáticas que os tradutores, provavelmente, não consideraram naturais em sua língua materna. No capítulo 12, Heráclito escreve: “Dizem que esses [Atalanta e Hipómenes] foram transformados em leões na montanha, sendo esta uma suposição a respeito deles” (Heráclito, 1902, p. 77, tradução própria)⁵⁵. A oração subordinada reduzida em gerúndio, “sendo”, no original, é um particípio (οὔσης, *oúsēs*), que também poderia ser entendido como uma oração adverbial concessiva, “apesar de esta ser [...]”.

A nossa tradução buscou uma estrutura literal, mantendo os termos (substantivos, preposições e pronomes) e a sintaxe (particípio) originais. Por outro lado, as traduções consultadas adotaram adaptações que soam mais naturais, as quais estão listadas, junto do texto fonte, no seguinte Quadro 3.

Quadro 3: traduções estrangeiras do capítulo 12 de Heráclito

Texto fonte	Traduções estrangeiras consultadas
(Heraclit.Par.12) Τούτους φασὶν ἀπολεοντωθῆναι ἐν τῷ ὄρει, τῆς περὶ αὐτῶν ὑπολήψεως τοιαύτης οὔσης.	Stern (2003): They say that on the mountain Atalanta and Hippomenes were turned into lions. Here is the notion behind that.
	Pereira (2016a): Conta-se que, na montanha, Atalanta e Hipómenes se transformaram em leões. Eis o que sucedeu:
	Guerra (2003): Dicen que éstos se transformaron en leones en el monte, pero lo que se supone que les sucedió fue algo como lo siguiente.

Vê-se que a tradução portuguesa e a inglesa são semelhantes, principalmente quando se trata da sua extensão, que, se comparada ao original e à tradução espanhola, é consideravelmente reduzida: “Eis o que sucedeu” e “Here is the notion behind that”. Guerra (2009) também faz adaptações, como a adição de “que les sucedió” e a transformação do substantivo ὑπολήψεως (*hypolépseōs*) em uma oração substantivada, “lo que se supone”.

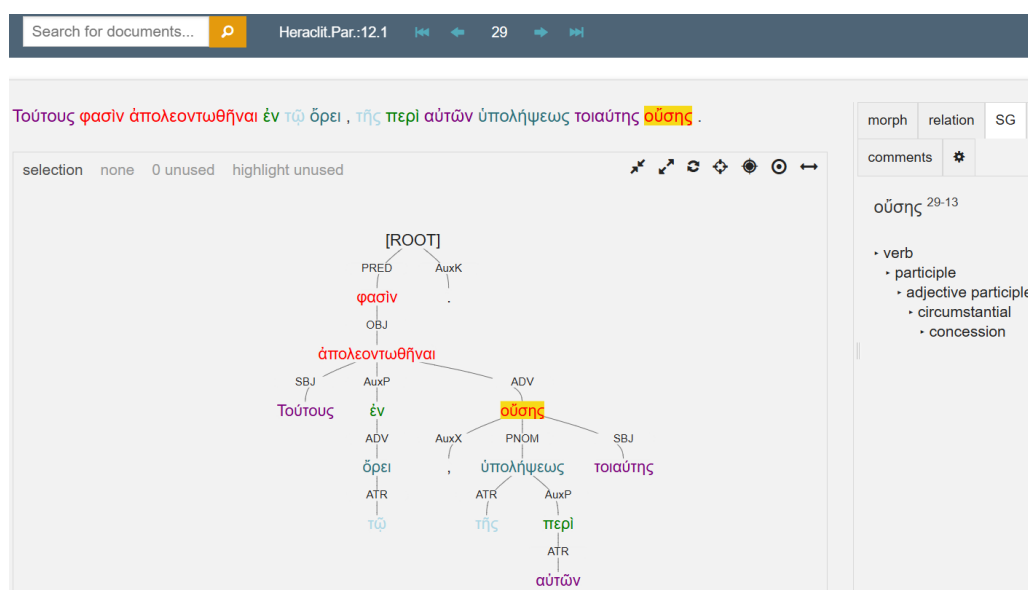
Essa é uma questão comum na área da tradução, ou melhor, um dilema: privilegiar a língua/cultura fonte ou a língua/cultura alvo (Pedro, 1999). Na frase em questão, pode-se dizer que a nossa tradução, em troca da naturalidade do português brasileiro, permanece próxima da

⁵⁵ Do original em grego: Τούτους φασὶν ἀπολεοντωθῆναι ἐν τῷ ὄρει, τῆς περὶ αὐτῶν ὑπολήψεως τοιαύτης οὔσης (Heráclito, 1902, p. 77).

língua grega, enquanto as adaptações feitas pelos outros tradutores adquirem um tom mais natural em troca da originalidade do texto grego. Entretanto, apesar da proximidade, Pedro (1999) afirma que não existe uma tradução perfeita, isto é, aquela que possa traduzir todas as informações implícitas no texto fonte, sem que se percam alguns elementos do texto original.

Quando se trata do *treebank*, essas estruturas incomuns na língua alvo também podem ganhar melhor entendimento por meio das dependências sintáticas. Talvez o leitor se confunda na análise do texto grego ao ler as traduções adaptadas, pois pode haver adaptações e palavras acrescentadas ou apagadas do original. Entretanto, se tiver acesso ao *treebank* da frase correspondente, ele conseguiria visualizar quais palavras estão conectadas a quais, de modo a recuperar as informações linguísticas que existem no original, mas não foram mantidas na tradução. A Figura 9 a seguir ilustra o *treebank* desse período adaptado pelos tradutores.

Figura 9: *treebank* do capítulo 12 de Heráclito



Fonte: elaboração própria na plataforma Perseids.

Pelo *treebank* é possível recuperar as dependências que são apagadas na tradução, como o substantivo ὑπολήψεως (*hypolēpseōs*, “concepção”, “suposição”, “réplica”, etc.⁵⁶), conectado como um predicativo do sujeito (PNOM) ao particípio οὐσῆς, o qual foi interpretado como uma oração concessiva na tradução própria. Esse substantivo, por exemplo, não está presente na tradução de Pereira (2016a), e o sentido concessivo se manifesta na conjunção adversativa *pero*

⁵⁶ Verbete disponível no Dicionário Digital Grego-Português (DDGP) em: <http://hipatia.fclar.unesp.br/3x/gword/37846>. Acesso em 10 ago. 2025.

da tradução de Guerra (2009), mas não aparece na tradução de Stern (2003). Desse modo, o *treebank* também permite avaliar quais informações permanecem nas traduções.

7.4. Diferenças por acréscimos

Assim como a anotação em *treebank*, o alinhamento também é capaz de explicitar as diferenças entre as traduções, principalmente quando há acréscimos e apagamentos em relação ao texto original. Nesses casos, o exercício da busca pelas correspondências e não correspondências nos alinhamentos “[...] torna visível questões que seriam inacessíveis à maioria dos leitores (Crane *et al.*, 2023, p. 172, tradução própria)⁵⁷, uma vez que o leitor do alinhamento possui acesso tanto à tradução quanto à obra original, dispostos lado a lado. Neste trabalho, os alinhamentos de tradução foram propriamente analisados na seção 8, mas alguns exemplos podem ser elencados para enfatizar essa utilidade do suporte digital.

Um exemplo de acréscimo explicitado pelo alinhamento é a adição de “apenas” e “merely” na tradução de Pereira (2016a) e de Stern (2003) no capítulo 28 de Heráclito. A seguir, a Figura 10 corresponde a um alinhamento experimental realizado no Ugarit entre três línguas, o texto original em grego e as traduções em português e em inglês, que marcam igualmente 65% de correspondência em relação ao texto fonte.

Figura 10: alinhamento multilíngue do capítulo 28 de Heráclito

Heráclito Par.: capítulo 28 (Sobre Bóreas e Oritia)
Anderson Vanildo José Alves Moris /

Created on 2025-08-28 19:49:35 Modified on 2025-08-28 19:50:28 Translated by Stern (2003); Pereira (2016) Aligned by Anderson Vanildo José Alves Moris

★ Add to Favorite

Ελληνική	English	Português
Λέγεται ὅτι Βορέας Ὀρείθυϊαν ἥρπασεν . ἦν ὁ βασιλεὺς τῶν τόπων ἐκείνων .	It is said that Boreas abducted Oreithyia : Boreas , however , was merely the king of those regions .	Diz-se que Bóreas raptou Oritia : contudo Bóreas era apenas o rei dessas regiões .
(3) 23% (10) 77% GRC - ENG	(13) 65% GRC - ENG (7) 35% ENG	(13) 65% GRC - ENG (7) 35% ENG

Fonte: elaboração própria no site Ugarit.

Como se vê na Figura 10, as palavras que não foram alinhadas estão em vermelho: o artigo τῶν (*tōn*), *Boreas*, *Bóreas*, *merely*, *apenas*, *the*, *o*. As ocorrências em vermelho indicam que foram feitas adições ao texto original, mas há acréscimos comuns, como o nome próprio *Bóreas*, que possivelmente foi utilizado pelos tradutores para explicitar o sujeito da oração. O acréscimo mais chamativo são “merely” e “apenas”.

Não há esse tipo de advérbio na frase original, mas os tradutores consideraram necessário adicionar essa informação à frase. Em suas notas de tradução, Stern (2003) explica

⁵⁷ Do original em inglês: “[...] make visible issues that would be inaccessible to most readers” (Crane *et al.*, 2023, p. 172).

que esse capítulo de Heráclito se trata de um caso de evemerismo, no qual o paradoxógrafo interpreta a divindade Bóreas⁵⁸ como um rei, capaz de conseguir aquilo que desejava. Por isso, o advérbio “merely” deixa implícito que Bóreas não era um ser com poderes sobrenaturais, mas sim, um mero rei, que simplesmente podia realizar tudo que desejava.

Essa questão retoma a discussão de traduzibilidade de Pedro (1999), pois, para um cidadão grego, conhecedor do mito, o argumento de Heráclito já está implícito. Porém, para um leitor contemporâneo, que desconhece a figura de Bóreas, as informações do texto não seriam suficientes para se entender a argumentação. Dessa forma, os tradutores consideraram necessário adicionar mais palavras ao texto para alcançar uma maior traduzibilidade.

Em contraposição, Guerra (2009, p. 68), assim como a nossa tradução, não faz esse acréscimo, nem retoma o nome próprio Bóreas na segunda frase: “Se dice que Bóreas raptó a Oritía. Es que era rey de aquel país”. O Ugarit possibilita o alinhamento entre até três textos, mas se a tradução espanhola estivesse no alinhamento acima, nela haveria menos termos em vermelhos, indicando que há menos acréscimos ou outras possíveis modificações. Consequentemente, a porcentagem de correspondência em relação ao texto grego seria maior do que 65%.

Palladino (2020) considera o alinhamento como um método de incentivar o lado crítico-reflexivo dos alunos de línguas clássicas, que assumem uma posição ativa no aprendizado ao comparar as escolhas de tradução e compreender, intuitivamente, qual foi a interpretação de cada tradutor a respeito do texto. Dessa forma, os alunos podem investigar as diferentes estratégias de tradução possíveis para um único termo grego. Além disso, o alinhamento destaca diferenças não tão claras no texto, o que pode estimular os usuários a revisitarem as notas dos tradutores para encontrar explicações acerca de suas escolhas, como foi o caso da tradução de Stern (2003).

⁵⁸ Bóreas era filho de Astreu e Eos, tinha asas douradas, caudas de serpente e o poder de metamorfose. Era apaixonado por Oritía e a raptou no templo de Atena Polias, levando-a à Trácia, onde se casaram e tiveram filhos e filhas (Graves, 2018).

7.5. Diferenças por apagamentos

Os apagamentos tendem a ocorrer em relação a palavras sem conteúdo, como artigos, pronomes e partículas da língua grega, mas também há ocorrências de certos substantivos apagados pelos tradutores, como ὑπολήψεως (*hypolēpseōs*), palavra presente na frase do capítulo 12 de Heráclito, já citado durante a discussão acerca da Figura 9. No dicionário grego-inglês de Diggle (2021, p. 1435, tradução própria), ὑπόληψις (*hypólēpsis*), forma de dicionário do termo, é definido como “assunção, suposição, concepção, noção (referentes a pessoas e coisas)”. Trata-se de algo que não é um fato, mas sim uma simples suposição.

No dicionário Liddell & Scott (1996), há outras definições do termo, como resposta, preconceito (julgamento precipitado, suspeita), reputação (opinião pública), e a ação de assumir a sua deixa. O dicionário grego-português de Malhadas, Dezotti e Neves (2006, p. 180), além desses significados, elenca “1. sucessão, substituição; 3. pensamento, ideia; 4. opinião, crença, conjectura; 6. prejudgamento desfavorável”.

Dentro do gênero literário da paradoxografia, esse termo, ὑπολήψεως (*hypolēpseōs*) é consideravelmente importante para a obra de um paradoxógrafo, o qual se ocupa em refutar os mitos e, finalmente, propor qual seria a verdade por trás dessas histórias (Hawes, 2014). Esses escritores supõem o que teria acontecido no passado, e *hypolēpseōs*, aparentemente, estaria enfatizando esse ponto hipotético de seus escritos. Nesse sentido, é interessante que o próprio Heráclito utilize tal palavra, pois assim ele estaria reconhecendo que os seus escritos são pensamentos pessoais, não factuais.

Na tradução própria do capítulo 12 de Heráclito, *hypolēpseōs* foi traduzido pelo substantivo “suposição”. Nas traduções estrangeiras, dois tradutores mantiveram o termo no texto, traduzindo-o de forma diferente. Guerra (2009) modifica-o de substantivo para uma oração substantiva (“lo que se supone”), e o sentido de suposição permanece em seu texto. Stern (2003) traduz o termo para “notion”, com o sentido de crença, uma opinião popular.

A Figura 11 abaixo representa um alinhamento multilíngue, realizado no site Alpheios Alignment Editor, entre o texto grego e as quatro traduções, a tradução própria, a portuguesa (Pereira, 2016a), a inglesa (Stern, 2003) e a espanhola (Guerra, 2009), referentes a essa primeira frase do capítulo 12 que contém a palavra ὑπολήψεως (*hypolēpseōs*).

Figura 11: alinhamento multilíngue do capítulo 12 de Heráclito

Heráclito Paradoxógrafo	Greek	Tradução própria	Portuguese
Τούτους φασὶν ἀπολεοντωθῆναι ἐν τῷ ὄρει , τῆς περὶ αὐτῶν ὑπολήψεως τοιαύτης οὔσης .		Dizem que esses foram transformados em leões na montanha , sendo esta uma suposição a respeito deles :	
		Pereira (2016)	Portuguese
		Conta-se que , na montanha , Atalanta e Hipómenes se transformaram em leões .	
		Eis o que sucedeu :	
		Stern (2003)	English
		They say that on the mountain Atalanta and Hippomenes were turned into lions .	
		Here is the notion behind that .	
		Guerra (2009)	Spanish (Castilian)
		Dicen que éstos se transformaron en leones en el monte , pero lo que se supone que les sucedió fue algo como lo siguiente .	

Fonte: elaboração própria no site Alpheios Alignment Editor.

Na Figura 11, ὑπολήψεως (*hypolēpseōs*) e os seus correspondentes na tradução estão grifados em amarelo porque a seta do mouse estava sobre esse termo, e as palavras em vermelhos, assim como no Ugarit, são as palavras não alinhadas. Vê-se que a tradução portuguesa parece ser a única a omitir *hypolēpseōs*, adaptando a estrutura original para “Eis o que sucedeu”. Assim, o sentido de suposição, opinião, ideia, ou noção como traduz Stern (2003), está ausente nesse texto.

No entanto, na Figura 11, as palavras “sucedió” e “sucedeu”, respectivamente da tradução espanhola e da portuguesa, também não estão alinhadas. Como indica o dicionário grego-português, ὑπόληψις (*hypólēpsis*) pode significar sucessão, além de resposta, réplica. Então, talvez “sucedió” e “sucedeu” façam referência a *hypolēpseōs*, já que aquilo que Heráclito escreve depois dessa frase é a sua resposta acerca do mito apresentado na frase anterior. Porém, o sentido de sucessão em *hypolēpseōs* é o mesmo que em substituição, ação de assumir a situação quando alguém se retira dela (Liddell-Scott; 1996). Na tradução portuguesa, a expressão “o que sucedeu” parece se remeter ao modo com que a história aconteceu, não ao sentido de sucessão ou réplica, que sucede um discurso anterior.

De qualquer modo, a ideia subjetiva e incerta de termos como suposição e opinião não está presente nessa tradução, embora possa haver motivos para a decisão da tradução feita, como a teoria do sentido de sucessão. Se comparada às frases das demais traduções, a sentença “Eis o que sucedeu” (Pereira, 2016a, p. 239) passa uma mensagem mais afirmativa do que, por exemplo, “Here is the notion behind that” (Stern, 2003, p. 78). O alinhamento possibilita uma visualização clara das diferenças nas traduções, o que pode levar o pesquisador a revê-las detalhadamente e encontrar possíveis explicações às escolhas do tradutor.

Em seus experimentos com o alinhamento em sala de aula, Palladino (2020, p. 8, tradução própria) relata que, para os alunos, “A omissão de palavras na língua fonte foi considerada particularmente imperdoável”⁵⁹. Os estudantes tiveram dificuldade em aceitar as omissões justamente porque estariam retirando informações do texto original e eram mais complexas para se estabelecer pares correspondentes. Palladino (2020), por isso, assume que traduções literais são mais aceitáveis pelos alunos, pois facilitam a compreensão do texto grego. A autora também supõe que a cor vermelha, que representa as palavras não alinhadas, possa influenciar os usuários a julgar negativamente as decisões de omissão.

Entretanto, essa é uma questão complexa. É comum que traduções literais, geralmente pensadas para serem alinhadas, obtenham mais pares e um número reduzido de palavras vermelhas, enquanto as traduções mais adaptadas, que não utilizam o método de alinhamento, alcancem um maior número de palavras vermelhas (Palladino; Shamsian; Yousef, 2022b). Vê-se essa diferença na Figura 11, na qual não há palavras vermelhas, isto é, não alinhadas, na tradução própria.

Além disso, há outras questões, como as de entendimento do texto. Por exemplo, se Pereira (2016a) interpretou ὑπολήψεως (*hypolēpseōs*) como “o que sucedeu”, as duas expressões deveriam ser alinhadas e, assim, não haveria palavras vermelhas em seu alinhamento. Palladino, Shamsian e Yousef (2022b) ainda ressaltam que o número de palavras vermelhas pode variar de acordo com os critérios de alinhamentos seguidos pelo anotador, uma vez que diferentes línguas possuem os seus próprios manuais de alinhamento.

Nestas duas últimas seções, foram comentadas as diferenças por acréscimos e apagamentos a partir do alinhamento de traduções. Porém, os pares do alinhamento também podem esclarecer discussões que já foram feitas pelo *treebank* neste trabalho, como a ambiguidade dos participios gregos (Figuras 6 e 7) e as mudanças de classe de palavras nas traduções (Figura 8).

De acordo com os critérios de Ferreira e Reis (2022), o particípio em grego deve ser alinhado com o verbo e as conjunções da tradução. O particípio κινήσας (*kinēsas*) da Figura 6, por exemplo, seria alinhado à “que desenvolveu” na nossa tradução e à “tras impulsionar” na tradução de Guerra (2009), de modo a evidenciar que um tradutor interpretou o particípio como atributivo, uma sentença relativa, e o outro, como um particípio adverbial, uma oração adverbial

⁵⁹ Do original em inglês: “The omission of words in the source language was considered particularly unforgiving” (Palladino, 2020, p. 8).

de tempo. Assim, através dos pares que incluem as conjunções, o leitor pode verificar de qual modo foi traduzido o particípio. A próxima seção do presente trabalho explora mais análises a partir desses alinhamentos multilíngues.

8. Análise comparativa com alinhamentos multilíngues

Os alinhamentos multilíngues, compostos por quatro textos, o original (Heráclito, 1902), a tradução própria, a tradução de Stern (2003), a de Pereira (2016a) e a de Guerra (2009), foram elaborados no site Alpheios Alignment Editor. Os detalhes sobre a elaboração e o acesso aos alinhamentos estão elencados nas seções 4 deste trabalho.

A análise comparativa foi orientada pela quantidade de palavras em vermelho nos alinhamentos multilíngues e pela diferença na tipologia de pares entre o texto grego e as traduções (1-1, uma palavra para uma palavra; N-N, mais de uma palavra para mais de uma palavra; 1-N, uma palavra no original para mais de uma palavra na tradução; e N-1 mais de uma palavra no original para uma palavra na tradução).

A partir dos termos em vermelho, foram observadas decisões de tradução que são diferentes, mas não alteraram consideravelmente o sentido original do texto fonte. Essas ocorrências foram comuns em expressões que, se traduzidas equivalentemente ao original, podem causar um estranhamento no leitor da língua alvo. Um exemplo é o particípio substantivado τεκούση (*tekoúsē*), presente no capítulo 18 e grifado em amarelo na Figura 12.

Figura 12: alinhamento multilíngue do capítulo 18 de Heráclito

Heráclito Paradoxógrafo	Greek	Stern (2003)	English
Περὶ ὕδρας . Πολυκέφαλον ἰστορεῖται θηρίον , οὐχ οὕτως ἔχοντος τᾶληβοῦς . εἰκὸς δὲ νεοσσὸς αὐτὴν ἔσχηκέναι πολλοὺς , οἱ συνόντες αὐτῇ καὶ τεκούση βοηθοῦντες τοὺς προσιόντας ἀπώλλυν μετ' αὐτῆς .		The Hydra . It is recorded that the Hydra was a many - headed beast , but this is not the truth . It is likely that she had many offspring who stayed by their mother 's side , aided her , and along with her killed any who came near .	
		Tradução própria	Portuguese
		Sobre Hidra . Narra - se que é um monstro de muitas cabeças , mesmo não sendo assim a verdade . É provável que ela possuía vários filhotes , que conviviam com ela , socorriam quem tinha os parido , e junto dela aniquilavam os que se aproximavam .	
		Pereira (2016)	Portuguese
		Acerca da Hidra . Conta - se que a Hidra era uma besta com muitas cabeças , mas isto não corresponde à verdade . Provavelmente , ela tinha uma grande prole que ficava junto da sua mãe e , tal como ela , matava quem quer que se aproximasse .	
		Guerra (2009)	Spanish (Castilian)
		Hidra . La historia cuenta que era un animal con muchas cabezas , si bien ésta no era la verdad . Lo lógico es que hubiera tenido muchas crías , que vivían con ella y que acudían en ayuda de la que las había parido ; a los que se les acercaban los mataban en unión de su madre .	

Fonte: elaboração própria no site Alpheios Alignment Editor.

O verbo está no particípio dativo do aoristo, e a sua forma de dicionário é τίκτω (*tíktō*), que significa dar à luz um filho. Na Figura 12, o texto diz que os filhotes da Hidra ajudavam aquela que os deu à luz, ou seja, a sua mãe. A tradução própria e a de Guerra (2009) optam por uma estrutura próxima do original, “socorriam quem tinha os parido”, considerando *tekoúsē* como complemento do verbo βοηθοῦντες (*boēthoûntes*, “ajudar”).

Já Pereira (2016a) e Stern (2009) adaptam o verbo para o substantivo “mãe”, mantendo o sentido da figura materna que o verbo carrega. Nota-se também que ambos entendem *tekoúsē* como complemento do verbo συνόντες (*synóntes*, “estar com, conviver com”), e Pereira (2016a) é a única que não traduz *boēthoúntes*. Pode-se dizer que essas duas traduções preferem uma equivalência semântica a uma estrutural, realizando adaptações do texto fonte.

Desse modo, os termos em vermelho no alinhamento funcionam como um indicador de traduções com maior ausência da equivalência referente ao estilo e à estrutura do original. Entretanto, nem todas as ocorrências em vermelho podem ser consideradas como indicadores, uma vez que a maioria delas trata-se de artigos, pronomes, preposições e conjunções, ou seja, classes de palavras que não afetam consideravelmente o sentido do texto.

Além disso, os critérios de alinhamento podem se diferenciar em certas línguas; na *guideline* do inglês, por exemplo, quando o sujeito está implícito em grego e o seu verbo correspondente é traduzido acompanhado de um pronome reto (*I, He, She, It* ou *They*), o pronome deve ser alinhado junto ao verbo, pois o sujeito sempre deve ser explícito na língua inglesa (Palladino; Shamsian; Yousef, 2022a). Isso não acontece no alinhamento em português e espanhol, já que são línguas que, assim como o grego, permitem usos implícitos do sujeito. Logo, os pronomes retos são alinhados em inglês, enquanto permanecem desalinhados, em vermelho, nas outras traduções, o que não seria um indicador do tipo de equivalência criada.

Nas traduções de *Sobre o Inacreditável*, há outros casos de palavras em vermelho que demonstram os tipos de equivalências e as escolhas dos tradutores. Essas ocorrências estão registradas no Quadro 4 a seguir, no qual os termos não alinhados da tradução, que originalmente permanecem vermelhos no alinhamento, foram indicados pelo sublinhado.

Quadro 4: diferenças pelas palavras desalinhadas (em sublinhado)

Texto fonte	Traduções alinhadas no Alpheios Alignment Editor
(Heraclit.Par.13) Ταύτας ὑφίστανται μιᾷ ὁράσει χρῆσθαι αἰεὶ πρὸς τὴν χρείαν μεταλαμβάνουσας παρὰ τῆς ἐχούσης.	Tradução própria: Supõem que essas dispõem de um olho só <u>e</u> , por necessidade, sempre <u>o</u> tomam daquela que <u>o</u> possui.
	Stern (2003): <u>People</u> imagine that <u>the</u> Daughters of Phorcys used a single eye, <u>each one</u> getting <u>it</u> in turn for <u>her</u> own use from the one who had <u>it</u> before.
	Pereira (2016a): Pensa-se que <u>as filhas de Fórcis</u> usavam um olho, recebendo- <u>a</u> à vez da <u>anterior</u> , para uso próprio.
	Guerra (2009): Se supone que éstas compartían un único ojo, <u>y</u> que siempre, cuando <u>una lo</u> necesitaba, <u>lo</u> tomaba de la que <u>lo</u> tuviese.

(Heraclit.Par.15) Ταύτην Ὅμηρος εἰκονογραφῶν φησι πρόσθε [...].	Tradução própria: Homero, ao descrever essa, fala [...].
	Stern (2003): Homer describes <u>Chimaera in these words</u> [...].
	Pereira (2016a): Homero descreve <u>Quimera com as seguintes palavras</u> [...].
	Guerra (2009) Homero dice, dibujando <u>la imagen de ésta</u> [...].
(Heraclit.Par.26): ὄθεν διὰ τὴν φλεγμονὴν αὐτὸν κεραυνωθῆναι λέγουσιν.	Tradução própria: Daí, por causa do ardor, dizem que ele foi fulminado por raio.
	Stern (2003): <u>It was on account of the fiery heat of the fever that people say he was struck by lightning.</u>
	Pereira (2016a): <u>Foi devido ao fegoso calor da febre que as pessoas afirmam que ele foi atingido por um raio.</u>
	Guerra (2009): De ahí que dijeran, a causa de <u>su inflamación</u> , que lo había alcanzado un rayo.

Vê-se que é comum a ausência de alinhamento em pronomes oblíquos e outros termos que recuperam informações anteriores, sendo usados para esclarecer o texto ao leitor, como fazem Stern (2003) e Pereira (2016a) na expressão “fiery heat of the fever” e “fegoso calor da febre”, a fim de reiterar que o calor sofrido pela personagem vinha da sua febre, palavra mencionada no começo do capítulo. No original, essa expressão corresponderia a somente um termo, φλεγμονή (*phlegmoné*), que corresponde a uma inflamação de alguma parte do corpo (Diggle, 2021).

Na frase do capítulo 13 do Quadro 4, há alguns acréscimos em inglês, como “each one” e “before”, os quais não estão presentes no original, mas parecem auxiliar a leitura do texto. Heráclito, de acordo com o mito, conta que as filhas de Fórcis⁶⁰ utilizam um mesmo olho em revezamentos, quando alguma delas necessita dele. Stern (2003), provavelmente, acrescentou tais palavras para enfatizar o sentido ocasional de que cada uma pega o olho daquela que o estava usando anteriormente. Pereira (2016a) também utiliza a palavra “anterior”, o que relembra a decisão de Stern (2003).

Essas duas traduções também se assemelham na frase do capítulo 15. O seu verbo principal é φησι (*phēsi*, “fala”), o verbo φημί (*phēmí*, “falar”) na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo. A tradução inglesa e a portuguesa elaboram a mesma adaptação para *phēsi*: “in these words” e “com as seguintes palavras”, enquanto a tradução própria e a

⁶⁰ As filhas de Fórcis e Ceto, também chamadas de Fórcidas, eram Ladão, Equidna, as três górgonas (Esteno, Euriale e Medusa), as três Greias (Enio, Péfredo e Dino) e as três Hespérides (Hespera, Egle e Eritia). O capítulo 13 de Heráclito refere-se às Greias, que, segundo o mito, eram semelhantes a cisnes, com cabelos grisalhos desde nascimento. Elas compartilhavam entre si um único olho e um único dente (Graves, 2018).

espanhola mantêm o verbo principal, “fala” e “dice”. No alinhamento multilíngue, essas distinções e semelhanças entre mais de uma tradução são de fácil visualização através das palavras em vermelho.

Em sua pesquisa de comparação entre traduções, Bushnell (2021, p.4, tradução própria) afirma que, pelo método de alinhamento, “[...] os textos fontes e as traduções podem ser alinhados para se medir a equivalência por meio de concordâncias paralelas, nas quais o texto traduzido e a sua fonte podem ser consultados simultaneamente”⁶¹. Essa visualização simultânea é ainda mais dinâmica no site Alpheios Alignment Editor, já que o usuário pode escolher o modo de visualização: ver o original e todas as traduções juntas ou apenas uma tradução, ou talvez escolher duas traduções que são semelhantes para visualizá-las separadamente e confirmar a possível semelhança. A Figura 13 abaixo ilustra esse último tipo de visualização, no caso do capítulo 26 de Heráclito.

Figura 13: visualização entre o texto fonte e duas traduções alinhadas

Heráclito Paradoxógrafo	Greek	Pereira (2016)	Portuguese
Περὶ Ἀσκληπιοῦ Λέγουσιν αὐτὸν κεκραυνῶσθαι . εἴη δ' ἂν πιθανώτερον οὕτω . ἱατρικὴν κινήσας καὶ ὑψώσας αὐτὸς ὑπὸ πυρετοῦ φλεχθεὶς ὤλετο . ὁθεν διὰ τὴν φλεγμονὴν αὐτὸν κεραυνωθῆναι λέγουσιν .		Acerca de Asclépio . Conta - se que Asclépio foi atingido por um raio . O seguinte seria mais plausível : Asclépio foi um inovador na arte e na medicina , que as trouxe para novas esferas , mas então morreu de febre elevada . Foi devido ao fogo calor da febre que as pessoas afirmam que ele foi atingido por um raio .	
		Stern (2003)	English
		Asclepius . They say that Asclepius was struck by a thunderbolt . The following would be more plausible : Asclepius was an innovator in the art of medicine who brought it to new heights , but then himself died of a burning fever . It was on account of the fiery heat of the fever that people say he was struck by lightning .	

Fonte: elaboração própria no site Alpheios Alignment Editor.

As palavras não alinhadas, como já mencionado, evidenciam a semelhança entre “fogos calor da febre” e “fiery heat of the fever”, e outras ocorrências como a retomada do nome do personagem do capítulo, Asclépio. Também há proximidade entre “mas então” e “but then”, “Foi” e “It was”, termos ausentes no original. Palladino, Shamsian e Yousef (2022b) apontam que, quando há muitas palavras não alinhadas na língua alvo, pode haver uma tendência a expansões ou paráfrases pelo tradutor. Esse parece ser o caso desse capítulo, visto que há uma preocupação por parte do tradutor de reiterar informações do texto.

Ainda em relação a expansões, a tradução espanhola, que tende a uma equivalência estrutural, próxima ao estilo do original, marcou um número considerável de palavras não

⁶¹ Do original “[...] source texts and translations can be aligned to measure equivalency by means of parallel concordancing, where a translated text and its source can be searched simultaneously” (Bushnell, 2021, p.4).

alinhas no capítulo 17, “Sobre os touros cospe-fogos”. A tradução, composta por 52 palavras, contou com 16 palavras vermelhas. Em comparação, Stern (2003) tinha nove palavras vermelhas de 50 no total, Pereira (2016a) com 12/57, e a tradução própria com 2/46. A Figura 14 mostra, isoladamente, o alinhamento desse capítulo com a tradução espanhola.

Figura 14: alinhamento da tradução de Guerra (2009) do capítulo 17 de Heráclito

Heráclito Paradoxógrafo	Greek	Guerra (2009)	Spanish (Castilian)
Περὶ πυριπνόνων ταύρων .		Los toros que espiraban fuego .	
Τίς ἂν ὑπολάβοι θνητὴν φύσιν πῦρ πνεῖν ἐξ αὐτῆς , ὃ πάντων ἐστὶν ἀναιρετικόν ; ἄγριοι δὲ καὶ τραχεῖς ὄντες πρὸς τὴν ἀναίρεσιν τῶν ὀραθέντων ὀξεῖς ἦσαν . τὸ οὖν ἐν τάχει περὶ αὐτοὺς ἀναιρετικὸν εἰκάσθη πυρί .		¿ Quién podría pensar que una criatura mortal pudiese espirar fuego , siendo como es lo más mortífero ? Eran criaturas indómitas y salvajes que perseguían con gran rapidez , hasta matarlos , a los que veían . Así pues , su capacidad de matar de manera tan veloz fue comparada con el fuego .	

Fonte: Elaboração própria no site Alpheios Alignment Editor.

Dentre as palavras não alinhadas na tradução espanhola, a maioria pertence a classes de palavras sem conteúdo, como preposições, artigos, conjunções, mas também expressões inteiramente desalinhadas, como “criaturas”, “que perseguían con gran” e “de manera tan”. Nenhuma dessas três últimas expressões estão presentes no original, e Guerra (2009) não traz notas de rodapé que expliquem essas expansões. No corpus original, da edição de Festa (1902), também não há comentários extras que indiquem possíveis adições de palavras.

Mesmo assim, os acréscimos se justificam pelas escolhas de tradução. No caso de “que perseguían con gran rapidez”, a construção faz menção a esta parte do texto: “Mas eles, sendo selvagens e agressivos, eram ágeis para a destruição daquilo que era avistado” (Heráclito, 1902, p. 79, tradução própria)⁶². Na tradução de Guerra (2009, p. 65), “Eran criaturas indómitas y salvajes que perseguían con gran rapidez, hasta matarlos, a los que veían”, o tradutor talvez tenha combinado a acepção de duas palavras, ὀξεῖς (*okseís*) e ἀναίρεσιν (*anaíresin*), que caracterizam os touros da história.

O adjetivo ὀξεῖς (*okseís*) significa ágeis, aguçados, resolutos, com acepções de velocidade, “mover-se com velocidade ou força intensa”, e outras que remetem à violência, “rápido ao ataque ou aguçado intensivamente” (Diggle, 2021, p. 1014, tradução própria). Já ἀναίρεσιν (*anaíresin*), substantivo advindo do verbo ἀναιρέω (*anairéō*, “aniquilar”), significa destruição, assassinato e ruína, tendo outros significados de acordo com o contexto. O texto, em seu sentido literal, diz que os touros eram ágeis à destruição de tudo que avistavam. Guerra (2009), possivelmente, está enfatizando a velocidade dos touros ao utilizar o verbo *perseguir*,

⁶² Do original: ἄγριοι δὲ καὶ τραχεῖς ὄντες πρὸς τὴν ἀναίρεσιν τῶν ὀραθέντων ὀξεῖς ἦσαν (Heráclito, 1902, p. 79).

pois *okseis* remete à velocidade de ataque. Ao invés de escrever que são rápidos para destruição, o tradutor constrói outra estrutura: eles perseguem a presa velozmente até a matarem.

Ocorrências como essa reforçam a teoria de que, assim como também apontam Bushnell (2021) e outros autores, os métodos de anotações digitais, particularmente o alinhamento de traduções, são capazes de revelar implicações ocultas na superfície dos textos. Foi a partir das palavras não alinhadas, em grande número em comparação às outras traduções, que foi possível identificar interpretações e decisões pessoais que Guerra (2009) efetuou no capítulo 26.

Além disso, como destaca Panou (2013), as teorias acerca da equivalência entendem que mais de um tipo de equivalência pode ser usada de forma paralela pelo tradutor. Na tradução de Guerra (2009), são mais comuns estruturas próximas ao original, seguindo a mesma função sintática e morfologia do texto grego, mas também há ocorrências de traduções adaptadas, que modificam a estrutura original, como o caso do adjetivo ὀξεῖς (*okseis*). Assim, o tradutor pode priorizar ora equivalências formais, ora equivalências dinâmicas.

Outro tipo de diferença identificada nos alinhamentos multilíngues foram determinadas escolhas de traduções que geraram alinhamentos distintos, principalmente do tipo 1-N e N-N. Isso ocorre quando as traduções utilizam mais de uma palavra para traduzir somente uma palavra em grego (1-N), ou quando, ao invés de traduzir as palavras separadamente, o tradutor combina mais de uma palavra do original, traduzindo-as em mais de uma palavra (N-N). Alguns desses casos estão elencados no Quadro 5 abaixo.

Quadro 5: alinhamentos 1-N e N-N em casos de adaptações

nº	Texto fonte	Traduções alinhadas no Alpheios Alignment	Alinhamento
1	(Heraclit.Par.7) ἀκοινωνήτου	Tradução própria: incompatível	1-1
		Stern (2003): impossible to consummate	1-N
		Pereira (2016a) impossível de consumir	1-N
		Guerra (2009): que no tenía nada en común	1-N
2	(Heraclit.Par.7) εἴκαζον	Tradução própria: comparavam	1-1
		Stern (2003): they said looked like	1-N
		Pereira (2016a): diziam que se parecia	1-N
		Guerra (2009): encontraban parecido	1-N
3	(Heraclit.Par.11) ἄπειρον εἶναι	Tradução própria: que é / ignorante	1-N; 1-1
		Stern (2003): that he was / ignorant	1-N; 1-1
		Pereira (2016a): que desconhecia	N-N
		Guerra (2009): que no entendía	N-N
4	(Heraclit.Par.24)	Tradução própria: manter / puro	1-1; 1-1

	ἄφθορον διατηρήσαι	Stern (2003): to keep from being defiled	N-N
		Pereira (2016a): evitar de ser contaminado	N-N
		Guerra (2009): preservar / indenne	1-1; 1-1
5	(Heraclit.Par.25) διὰ τὴν ἀμέλειαν	Tradução própria: por causa / da / negligência	1-N; 1-1; 1-1
		Stern (2003): because of / indifference	1-N; 1-1
		Pereira (2016a): devido / à / indiferença	1-1; 1-1; 1-1
		Guerra (2009): porque / no se preocupaban	1-1; 1-N
6	(Heraclit.Par.31) ἀνθρωποφάγους εἶναι	Tradução própria: que eram / andrófagas	1-N; 1-1
		Stern (2003): that were / man-eaters	1-N; 1-1
		Pereira (2016a): que se alimentavam de homens	N-N
		Guerra (2009): que comían carne humana	N-N

Na terceira coluna do Quadro 5, as barras entre as palavras indicam como são alinhadas separadamente; por exemplo, a anotação “que é / ignorante” significa que *que é* foi alinhado a um termo grego (εἶναι, *eînai*), e *ignorante* foi alinhado a outro (ἄπειρον, *ápeiron*). A última coluna, por sua vez, mostra a classificação dos pares do respectivo alinhamento, e o ponto e vírgula corresponde à separação entre barras da terceira coluna. Logo, “que é / ignorante”, alinhados a palavras gregas diferentes, equivale a “1-N; 1-1” (*eînai* alinhado a *que é*, e *ápeiron* alinhado a *ignorante*).

Nos exemplos 1 e 2 do Quadro 5, as ocorrências de alinhamentos 1-N ao invés de 1-1 são comuns nas traduções consultadas quando se trata de termos que não soam tão naturais na língua alvo. É o caso do adjetivo ἀκοινωνήτου (*akoinōnḗtou*), difícil de ser traduzido como um simples adjetivo por significar: não colocado em comum, não partilhado, que não pode ser comunicado (Malhadas; Dezotti; Neves, 2006). No capítulo 7, “Sobre Pasífae”, Heráclito usa *akoinōnḗtou* quando diz que a relação da rainha Pasífae⁶³ com um animal seria incompatível, pois não compartilham da mesma natureza, ou seja, não é uma relação partilhável entre eles.

Pela complexidade semântica de *akoinōnḗtou*, as três traduções estrangeiras transformam o adjetivo em conjuntos, “impossible to consummate”, “impossível de consumir” e “que no tenía nada en común”. Dentre elas, a espanhola parece ser a que mais explicita o sentido da palavra, esclarecendo que se trataria de uma relação entre seres que não têm aspectos

⁶³ De acordo com o mito, Poseidon, por súplicas de Minos, o rei de Creta, fez surgir um touro branco do mar, o qual Minos incluiu ao seu próprio gado pela sua beleza, sem sacrificá-lo aos deuses. Como vingança, Poseidon fez Pasífae, esposa de Minos, apaixonar-se pelo mesmo touro branco.

comuns entre si. Já a tradução própria é a única que registra um alinhamento 1-1, optando pelo adjetivo *incompatível*.

Trata-se do dilema de Humboldt descrito por Pedro (1999), já mencionado neste trabalho; os dois tipos de traduções, próximas ou distantes do original, têm os seus custos. Os pares 1-N, distantes do original, talvez proporcionem uma leitura mais fluída, enquanto os 1-1, próximos do original, correm o risco de gerar dúvidas ao leitor. Entretanto, como diz Pedro (1999), não existe uma tradução perfeita, sem perdas da língua alvo ou da língua fonte.

A partir desse exemplo, também é possível associar o alinhamento 1-1 à equivalência focada na estrutura original, e o alinhamento 1-N à equivalência focada na comunicabilidade do texto ao leitor. Essa classificação relembra as tipologias listadas por Baker e Saldanha (2009): a equivalência um-para-um e a equivalência um-para-muitos, respectivamente os alinhamentos 1-1 e 1-N. Dessa forma, a diferença dos pares entre as traduções, assim como as palavras em vermelho, funcionam como indicadores do tipo de equivalência das traduções.

Quanto aos alinhamentos N-N, presentes nos exemplos 3 e 4 do Quadro 5, a ocorrência é frequente em traduções que utilizam antônimos para traduzir frases gregas que carregam alguma forma negativa, seja na negação de verbos, seja em termos com prefixos de negação. Na frase 3, ἄπειρον εἶναι (*ápeiron eînai*, “ser ignorante”), há o alfa privativo⁶⁴ no termo *ápeiron*, e Guerra (2009) converte-o a uma forma negativa em espanhol, “que no entendía”, enquanto Pereira (2016a), de forma semelhante, transforma o conjunto no verbo “que desconhecia”. Ambas as adaptações são percebidas no alinhamento por conta da classificação N-N, uma vez que o conjunto poderia ser traduzido separadamente, como na tradução de Stern (2003), “that he was / ignorant”, gerando outra classificação (1-N; 1-1).

Outro caso de alinhamento N-N é o exemplo 4 do Quadro 5, com o conjunto ἄφθορον διατηρῆσαι (*áphthoron diatērēsai*, “manter puro”). A expressão contém um adjetivo e um verbo, que são mantidos na tradução própria e na espanhola, gerando assim dois pares de alinhamento 1-1. Já Pereira (2016a) e Stern (2003) elaboram uma combinação: “evitar de ser contaminado” e “to keep from being defiled”, convertendo as palavras em seus antônimos. O verbo *diatērēsai*, que pode significar vigiar, guardar ou manter, torna-se “evitar” e “to keep from”, enquanto o adjetivo *áphthoron*, de significado positivo (não corrompido ou puro), é convertido a um negativo (“contaminado” e “defiled”).

⁶⁴ O sufixo ἄ- (*a-*), ou ἄν- (*an-*), chamado de alfa privativo na língua grega, exprime negação, correspondendo aos prefixos *a-*, *des-*, *in-* do português, como em ἄδικος (*ádikos*), que significa *injusto* (Ragon, 2012).

O alinhamento, normalmente, poderia ser feito entre os dois termos correspondentes (*áphthoron* - puro; *diatērēsai* - manter), mas o uso de antônimos modifica o sentido original das palavras gregas. No caso das duas últimas traduções, não é possível criar pares 1-1, porque, isoladamente, *áphthoron* não corresponde a “corrompido” ou “defiled”. Portanto, como essa adaptação foi feita a partir justamente dessas duas palavras gregas, o alinhamento deve abranger o conjunto inteiro, tornando-se N-N (*áphthoron diatērēsai* - evitar de ser contaminado), pois a tradução, com antônimos, somente faz sentido se alinhada à expressão original inteira.

Na visualização simultânea das quatro traduções no Alpheiios Alignment Editor, quando há um conjunto alinhado em N-N em certa tradução, esse conjunto aparecerá sempre grifado, mesmo se as outras traduções formam pares 1-1, sem traduzi-lo como um conjunto. A Figura 15 a seguir ilustra esse caso pelo conjunto *áphthoron diatērēsai*, que aparece juntamente grifado de amarelo quando uma das palavras é selecionada pelo cursor do mouse. Os alinhamentos da imagem estão configurados na visualização Short.

Figura 15: alinhamentos 1-1 e N-N de ἄφθορον διατηρῆσαι (*áphthoron diatērēsai*)

1)		2)	
Greek	Portuguese	Greek	Portuguese
ς ἔφευγον Ἑλλη καὶ Φρίξος , ὁ	manter Tradução própria	ς ἔφευγον Ἑλλη καὶ Φρίξος , ὁ	puro Tradução própria
ιαρίου μικροῦ χειμῶνος ὄντος ἔφυγεν		ιαρίου μικροῦ χειμῶνος ὄντος ἔφυγεν	
την ἔκπεσεν εἰς τὴν θάλασσαν (ὅθεν	to keep from being defiled Stern (2003)	την ἔκπεσεν εἰς τὴν θάλασσαν (ὅθεν	to keep from being defiled Stern (2003)
ωθέντος ἐπιθυμητικῶς ἔχειν τὸν Αἰήτην ,		ωθέντος ἐπιθυμητικῶς ἔχειν τὸν Αἰήτην ,	
ἄφθορον διατηρῆσαι τὸν Φρίξον ,	evitar de ser contaminado Pereira (2016)	ἄφθορον διατηρῆσαι τὸν Φρίξον ,	evitar de ser contaminado Pereira (2016)
σαλευθῆναι , χρυσοῦν δὲ προσαγορευθῆναι		σαλευθῆναι , χρυσοῦν δὲ προσαγορευθῆναι	
	preservar Guerra (2009)		indemne Guerra (2009)

Fonte: Elaboração própria no site Alpheiios Alignment Editor.

Assim, havendo pares N-N em alguma tradução, o grifo amarelo sempre abrangerá o conjunto em grego, mas, como se vê na Figura 15, o usuário ainda pode checar se há pares diferentes quando: 1) passa o cursor por *διατηρῆσαι* (*diatērēsai*), e o site indica à direita os pares 1-1 alinhados na tradução própria e na espanhola, respectivamente, “manter” e “preservar”; 2) passa o cursor por *ἄφθορον* (*áphthoron*), e são indicado os pares 1-1, “puro” e “indemne”. Outra maneira de visualizar os pares 1-1, sem que os termos gregos sejam grifados em conjunto, é remover temporariamente as traduções com pares N-N através do botão à esquerda do site, embora isso impossibilite a visualização simultânea de todo o corpus.

Dentre as diferenças analisadas, as modificações que geram pares N-N, evidentemente, são as mais destacáveis por alterarem o estilo do original. Palladino, Shamsian e Yousef (2022b),

na sua pesquisa avaliativa de traduções, classificam como consistentes e aderentes ao texto original as traduções que demonstram maior número de pares 1-1 e de ocorrências de palavras alinhadas. Os mesmos autores ressaltam que esse número pode mudar conforme os critérios de alinhamento utilizados, e que pares com mais de uma palavra podem ser justificados pelo objetivo, público-alvo e contexto da tradução.

O conjunto N-N de ἄφθορον διατηρῆσαι (*áphthoron diatērēsai*) elucidou essa teoria de Palladino, Shamsian e Yousef (2022b), uma vez que as adaptações, isto é, o uso de antônimos, realizadas pelos tradutores distanciam-se do estilo do texto fonte. Desse modo, pares N-N seriam indicadores de maiores modificações na tradução, com algumas exceções a depender dos critérios de alinhamento, como por exemplo expressões formadas por artigos e preposições, que produzem pares N-N nos critérios brasileiros de Ferreira e Reis (2022).

Os exemplos restantes do Quadro 5 trata-se também de casos de pares 1-N e N-N derivados de certas decisões dos tradutores. No exemplo 5, Guerra (2009) traduz o substantivo ἀμέλειαν (*améleian*, “negligência, indiferença”) para um verbo com negação, “no se preocupaban”, gerando um alinhamento 1-N, *améleian* alinhado ao conjunto “no se preocupaban”. Os demais tradutores registraram pares 1-1.

Já no exemplo 6 do Quadro 5, a tradução espanhola e a portuguesa adaptam a expressão ἄνθρωποφάγους εἶναι (*anthrōpophágous eînai*, literalmente “ser andrófago”) para “que comían carne humana” e “que se alimentavam de homens”, ambos sendo pares N-N. Por outro lado, Stern (2003) e a tradução própria criaram um par 1-N (*eînai* - que eram) e um par 1-1 (*anthrōpofágous* - andrófagas). A lógica do par N-N nas duas primeiras traduções é semelhante à do conjunto ἄφθορον διατηρῆσαι (*áphthoron diatērēsai*), já que parece ser necessária a presença de todo o conjunto, *anthrōpofágous eînai*, para que a tradução ganhe sentido.

Vale ressaltar que a conjunção *que* é alinhada junto ao verbo da tradução porque εἶναι (*eînai*) está no infinitivo, funcionando como um complemento verbal, e os critérios de Ferreira e Reis (2022) sugerem que orações completivas no grego sejam alinhadas ao seu correspondente verbo e à conjunção integrante na tradução. Então, no exemplo 6, mesmo sem adaptações, a tradução própria e a de Stern (2003) geraram pares 1-N referentes a *eînai*. Em pesquisas interessadas na contagem dos pares, é essencial levar em considerações os critérios utilizados, visto que certas regras podem alterar a classificação dos pares (Palladino; Shamsian; Yousef, 2022b).

Por fim, além das diferenças identificadas, notou-se que o alinhamento multilíngue expõe, de forma didática e evidente, as traduções diferentes de certos termos complexos, como o verbo παραδίδωμι (*paradídōmi*). Esse verbo está presente em três capítulos de Heráclito e é traduzido de diferentes formas até pelo mesmo tradutor, como Stern (2003), que opta por “The tradition is that” em um capítulo, e “has been handed down that” em outro. No Dicionário Digital Grego-Português⁶⁵, *paradídōmi* conta com oito acepções, dentre elas: entregar ou confiar algo a alguém, deixar algo como herança, transmitir algo pela tradição oral, entre outras. No contexto de *Sobre o Inacreditável*, o significado correspondente seria o de transmissão de histórias pela oralidade.

Nas três ocorrências desse verbo na obra, Heráclito utiliza-o nas frases que iniciam os seus capítulos e apresentam, brevemente, os mitos ao leitor para, em seguida, refutá-los. Assim, *paradídōmi*, às vezes é usado junto do substantivo μῦθος (*mythos*), com o sentido de que o mito é transmitido oralmente pelo povo grego, ou é usado isoladamente, sugerindo que a tradição oral transmite uma história de uma certa maneira.

Um exemplo de uso isolado do verbo está no quarto capítulo de Heráclito, “Sobre Atlas”, no qual aparece o termo παραδέδοται (*paradédotai*), conjugação do verbo παραδίδωμι (*paradídōmi*) na terceira pessoa do singular, no perfeito do indicativo e na voz média. A Figura 16 a seguir apresenta o alinhamento multilíngue desse capítulo, configurado na visualização *Sentence Context*, que mostra apenas a sentença da palavra selecionada em amarelo.

Figura 16: alinhamento multilíngue do capítulo 4 de Heráclito

Περὶ Ἀτλαντος . Οὗτος παραδέδοται φέρων οὐρανὸν ἐπὶ τῶν ὤμων , ὃ ἀδύνατον ὑπὸ οὐρανὸν καὶ αὐτὸν ὄντα . ἀνὴρ δὲ σοφὸς ὢν τὰ κατὰ ἀστρολογίαν πρῶτος κατώπτευσε , προλέγων δὲ χειμῶνας καὶ μεταβολὰς < ἀνέμων καὶ ἐπιτολὰς > ἀστρων καὶ δύσεις ἐμυθεύθη φέρειν ἐν αὐτῷ τὸν κόσμον .	Conta a tradição que esse carrega o céu nas costas , o que é impossível , estando ele mesmo debaixo do céu também . Tradução própria
	Atlas The tradition is that Atlas carries heaven on his shoulders , which is impossible , even though Atlas himself is under heaven . Stern (2003)
	Português Acerca de Atlas Tradicionalmente , Atlas carrega o céu nos seus ombros , o que é impossível ainda que Atlas esteja sob o céu . Pereira (2016)
	Spanish (Ca Atlante Según la tradición , éste soportaba sobre sus hombros el cielo , lo cual es imposible aun hallándose también él bajo el cielo . Guerra (2009)

Fonte: Elaboração própria no site Alpheios Alignment Editor.

⁶⁵ Verbete do verbo παραδίδωμι (*paradídōmi*) no Dicionário Digital Grego-Português (DDGP) disponível em: <http://hipatia.fclar.unesp.br/3x/gword/38925>. Acesso em 20 abr. 2026.

Vê-se que as traduções carregam o mesmo sentido, mas se diferem na estrutura sintática. Pereira (2016a) transforma o verbo em advérbio, “Tradicionalmente”, uma escolha próxima da tradução de Guerra (2009), “Según la tradición”. Stern (2003) cria um conjunto verbal, também adicionando o substantivo *tradição*, “The tradition is”, e a tradução própria opta por uma solução semelhante com o conjunto “Conta a tradição”.

Apesar das traduções diferentes, os pares no alinhamento indicam que todas elas correspondem a um mesmo verbo, facilitando a visualização dos seus significados. Assim, o método de alinhamento de tradução, além de possibilitar a visualização de diferenças, também pode ser explorado no aprendizado de línguas, não só da língua fonte, como da língua alvo. A partir dos pares, o usuário consegue visualizar, claramente, como uma mesma expressão pode ser manifestada em diferentes línguas.

No caso de παραδίδομι (*paradídōmi*), observa-se que a língua grega possui um único verbo para expressar a ideia de uma história transmitida pela fala, o qual, aparentemente, é intraduzível por uma única palavra em outras línguas. Ao discutir a intraduzibilidade de textos, Pedro (1999) comenta que essa questão está fortemente condicionada à cultura da língua fonte, um elemento que não pode ser traduzido. O verbo *paradídōmi* vem de uma civilização que convivia em meio à tradição oral, seja no canto dos poemas, seja na transmissão de mitos. Talvez essa cultura oralizada, não tão presente hoje, justifique a complexidade de se arranjar para esse verbo uma tradução simples, que utilize um só termo.

Dessa maneira, observa-se que os pares diferentes nos alinhamentos multilíngues podem indicar, além de acréscimos, apagamentos e adaptações do texto fonte, possíveis termos complexos da língua fonte que não possuem uma correspondência exata na língua alvo, como foi o caso de παραδίδομι (*paradídōmi*) nas traduções do quarto capítulo de Heráclito.

9. Considerações finais

As anotações em *treebank* e em alinhamento proporcionaram discussões acerca das estruturas do próprio texto grego, o qual pode comportar certa complexidade morfológica e sintática, e acerca das diferenças entre as traduções estrangeiras, que, a princípio, podem estar ocultas na superfície do texto, mas são expostas por meio da visualização dinâmica nos suportes digitais.

Na análise dos *treebanks* e alinhamentos, verificou-se que as traduções se distinguem em relação às: a) decisões de traduções referentes a participípios ambíguos, que podem ser traduzidos como orações adverbiais ou atributivas; b) modificações realizadas na classe de palavra, como preposições transformadas em conjunções e substantivos transformados em verbos; c) adaptações de estruturas sintáticas da língua fonte que não soam naturais na língua alvo; d) acréscimos ou apagamentos de palavras significativas à compreensão do texto.

O *treebank* demonstrou contribuições para o entendimento das complexidades da língua grega, como as possíveis interpretações do participípio. Já o alinhamento se destacou na análise dos acréscimos e dos apagamentos nas traduções ao explicitar essas ocorrências por meio das palavras não alinhadas, indicadas em vermelho. Sobretudo, o ponto mais interessante dos suportes digitais foi a sua capacidade de incitar reflexões sobre o texto fonte e as estratégias de tradução de cada tradutor, além de questões de traduzibilidade da língua grega.

Na análise comparativa entre os alinhamentos multilíngues, foi possível observar, simultaneamente, as ocorrências das palavras não alinhadas e dos diferentes tipos de pares gerados pelas quatro traduções. A partir disso, viu-se que a tradução de Stern (2003) e a de Pereira (2016a) apresentam certa semelhança, pois tendem a uma equivalência dinâmica, focada em transmitir a mensagem do texto fonte, enquanto a tradução própria e a de Guerra (2009) tendem a uma equivalência formal, aderente à estrutura original do texto fonte.

No entanto, isso é meramente uma tendência, uma vez que, em alguns casos, a tradução espanhola criou equivalências com adaptações do texto fonte, e a portuguesa e a inglesa, por sua vez, também apresentaram casos de equivalências próximas ao original. Em outras palavras, um uso de um determinado tipo de equivalência não impossibilita o uso de outros; o tradutor pode optar por equivalências distintas em um mesmo texto, conforme considerar necessário ao contexto (Panou, 2013).

Dentre as diferenças verificadas, as palavras não alinhadas e os pares 1-N (um termo para mais de um termo) e N-N (mais de um termo para mais de um termo), foram indicadores

de que determinadas traduções produzem equivalências dinâmicas, com mais adaptações na língua alvo. Os pares N-N, especificamente, revelaram maior distanciamento da tradução em relação ao estilo e à estrutura do texto fonte. Em contraponto, os pares 1-1, foram indicadores das escolhas de tradução mais próximas ao original.

Desse modo, a classificação dos pares nos alinhamentos (1-1, 1-N, N-1, N-N) pôde ser assemelhada às categorias de equivalências, como as mencionadas por Baker (1992): equivalência um-para-um, um-para-muitos, e assim por diante. Esses dados também contribuem à identificação de outras nomenclaturas de outros autores, como a equivalência formal de Eugene Nida e a equivalência comunicativa de Peter Newmark, e outras elencadas no estudo de Panou (2013).

Conforme afirmam Baker (1992) e Pedro (1999), as questões de traduzibilidade e de equivalência não são simples, nem sequer chegaram a uma conclusão. Em meio a essas discussões tradutológicas, o *treebank* e o alinhamento permitem uma leitura aprofundada do texto fonte e das suas traduções. A árvore sintática de dependências evidencia a morfologia, a sintaxe e a semântica da língua fonte, enquanto o alinhamento de tradução revela as diferenças entre as traduções nas línguas alvo. Dessa maneira, com os suportes digitais, é possível supor quais termos os tradutores consideraram traduzíveis e intraduzíveis, e quais equivalências preferiram construir.

Assim como nos estudos de Almas e Beaulieu (2016) e de Palladino (2020), também se verificou que os suportes digitais carregam um potencial didático em relação ao aprendizado e ao ensino do grego antigo. O *treebank* auxilia a compreensão das sentenças por meio das dependências sintáticas, apresentando a interpretação que o aluno fez da frase, enquanto o alinhamento pode ser usado como uma base para propor análises de traduções já existentes a partir dos pares alinhados, a fim de estimular uma posição crítica e reflexiva dos alunos diante o texto.

Além de seu uso para fins didáticos, o *treebank* pode contribuir a pesquisas linguísticas que se ocupam em estudar o nível morfológico do corpus, visto que algumas traduções, ocasionalmente, modificam a classe da palavra do texto grego, mas, no *treebank*, a classe permanece a mesma. Ainda na área da Linguística, o alinhamento detém utilidades amplas, sendo capaz de embasar pesquisas que investigam o estilo de diferentes traduções, a ausência de um determinado termo em uma tradução, o modo como um mesmo termo é traduzido mais de uma vez no corpus, entre outros elementos linguísticos.

Espera-se que este trabalho possa atuar como base a essas possíveis pesquisas da Linguística e do campo de ensino e aprendizado de línguas que se interessem pelo uso de tais suportes digitais. Além disso, a tradução própria da obra *Περὶ Ἀπίστων* (*Perí Apístōn*), do Paradoxógrafo Heráclito, publicadas digitalmente no Ugarit, é a primeira tradução brasileira do corpus e pode instigar estudos acerca da paradoxografia como um gênero literário, os quais são escassos na área, e estimular novos leitores que apreciam a mitologia grega, mas ainda não tiveram acesso à obra.

Referências bibliográficas

- ALMAS, B; BEAULIEU, M.C. The Perseids Platform: Scholarship for all!. In: **Digital Classics out of the Echo-Chamber: Teaching, Knowledge Exchange & Public Engagement**, London, England: Ubiquity Press, p. 171-187, 2016.
- ALPHEIOS Alignment Editor. The Alpheios Project, 2019. Disponível em: <https://alignment.alpheios.net/index.html>. Acesso em 10 ago. 2025.
- BAKER, M. **In Other Words: a coursebook on translation**. 1. ed. New York: Routledge, 1992.
- BAKER, M.; SALDANHA, G. **Routledge encyclopedia of translation studies**. 2. ed. Inglaterra: Routledge, 2009.
- BAMMAN, D.; CRANE, G. The Ancient Greek and Latin Dependency Treebanks. In: SPORLEDER, C.; VAN DEN BOSCH, A.; ZERVANOU, K. (Ed.). **Language Technology for Cultural Heritage: Selected Papers from the LaTeCH Workshop Series**, Berlin Heidelberg: Springer-Verlag, p. 79-98, 2011.
- BAMMAN, D.; CRANE, G. **Guidelines for the syntactic annotation of Ancient Greek dependency treebank: version 1.1**. Tech. rep., Tufts Digital Library, Medford, 2008.
- BUSHNELL, M. Reconstructing Gavin Douglas's translation practice in the Eneados using a corpus linguistics-based method. **DH Benelux Journal**, v. 3, p. 13-38, 2021.
- BOAS, E. V. E.; RIJKSBARON, A.; HUITINK, L.; BAKKER, M. **The Cambridge Grammar of Classical Greek**. 1. ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2019.
- CELANO, G. G. A. 2014. **Guidelines for the annotation of the Ancient Greek Dependency Treebank 2.0**. Disponível em: <https://tinyurl.com/5w2kum58>. Acesso em 10 ago. 2025.
- CRANE, G.; ALMAS B.; BABEU, A.; CERRATO, L.; HARRINGTON, M.; BAMMAN, D.; DIAKOFF, H. Student Researchers, Citizen Scholars and the Trillion Word Library. In: **Proceedings of the 12th ACM/IEEE-CS Joint Conference on Digital Libraries (JCDL 2012)**, Washington, D.C.: ACM Digital Library, p. 213-222, 2012.
- CRANE, G; BABEU, A.; CERRATO, L. M.; PARRISH, A.; PENAGOS, C.; SHAMSIAN, F.; TAUBER, J.; WEGNER, J. Beyond translation: engaging with foreign languages in a digital library. **International Journal on Digital Libraries**, v. 24, n. 3, p. 163-176, 2023.
- DEMŠAR, J. et al. Orange: data mining toolbox in Python. **Journal of machine Learning research**, v.14, n.1, p.2349-2353, 2013.
- DICIONÁRIO DIGITAL GREGO-PORTUGUÊS (DDGP). UNESP/Araraquara. 2021. Disponível em: <http://hipatia.fclar.unesp.br/3x/>. Acesso em 10 ago. 2025.
- DIGGLE, J. **The Cambridge Greek Lexicon**. 1.ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2021.

FERREIRA, A. A. G. D.; REIS, M. F. **Crítérios ou convenções de alinhamento do grego às traduções em português**. 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/2b6ftvnw>. Acesso em 10 ago. 2025.

FERREIRA, A. A. G. D. **Guidelines para treebanking**. 2022. In: Recursos para o Mutirão em Clássicas Digitais. Disponível em: <https://tinyurl.com/3fjcupt7>. Acesso em 10 ago. 2025.

FESTA, N. **Mythographi Graeci**: vol. III, fasc. II. Palaephati ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ, Heracliti qui fertur libellus ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ, Excerpta vaticana (vulgo anonymus de incredibilibus). Leipzig: B. G. Teubneri, 1902. Disponível em: <http://stephanus.tlg.uci.edu/Iris/Cite?1553:001:0>. Acesso em 20 ago. 2025.

FOWLER, R. L. Mythos and logos. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 131, p. 45-66, nov. 2011.

GUERRA, J. B. T. **Mitógrafos griegos**: Paléfato, Heráclito, Anónimo Vaticano, Eratóstenes, Cornuto. Madrid: Editorial Gredos, 2009.

GREIMAS, A. J. O contrato da veridicção. In: GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. São Paulo: Nankin/ EDUSP, 2014 [1983], p. 115-125.

GRAVES, R. **Os mitos gregos**: volumes 1 e 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

HAWES, G. **Rationalizing myth in antiquity**. First edition. Oxford; New York: Oxford University Press, 2014.

HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies. **Translated**, v. 2, p. 67-80, 1972.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LIDDELL & SCOTT. **A Greek-English Lexicon**. Oxford. Clarendon Press. 1996.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, C.; NEVES, M. H. (coords). **Dicionário grego-português**. v. 1-5, São Paulo: Ateliê, 2006-2010.

MAMBRINI, F. The Ancient Greek Dependency Treebank: Linguistic Annotation in a Teaching Environment. In: **Digital Classics out of the Echo-Chamber**: Teaching, Knowledge Exchange & Public Engagement, London, England: Ubiquity Press, p. 83-96, 2016.

MARTENS, S. TüNDRA: A Web Application for Treebank Search and Visualization. In: **Proceedings of The Twelfth Workshop on Treebanks and Linguistic Theories (TLT12)**, p. 133-144, 2013. Disponível em: <http://bultreebank.org/TLT12/TLT12Proceedings.pdf>. Acesso em 10 ago. 2025.

OSMUN, G. F. Palaephatus. Pragmatic Mythographer. **The Classical Journal**, v. 52, n. 3, The Classical Association of the Middle West and South, p. 131-37, 1956.

PANOU, D. Equivalence in translation theories: A critical evaluation. **Theory and Practice in Language Studies**, v. 3, n. 1, p. 1-6, 2013.

PALLADINO, C. Reading texts in digital environments: applications of translation alignment for classical language learning. **The Journal of Interactive Technology and Pedagogy**, v. 18, 2020.

PALLADINO, C.; FORADI, M.; YOUSEF, T. Translation alignment for historical language learning: a case study. **Digital Humanities Quarterly**, v. 15, n. 3, 2021.

PALLADINO, C.; SHAMSIAN, F.; YOUSEF, T. **Translation Alignment: Ancient Greek to English. Annotation Style Guide and Gold Standard. (1.0)** [Data set]. 2022a. Zenodo. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7362097>. Acesso em 20 ago. 2025.

PALLADINO, C.; SHAMSIAN, F.; YOUSEF, T. Using parallel corpora to evaluate translations of ancient Greek literary texts: an application of text alignment for digital philology research. **Journal of Computational Literary Studies**, v. 1, n. 1, 2022b.

PEDRO, R. R. The translatability of texts: a historical overview. **Meta**, v. 44, n. 4, p. 546-559, 1999.

PEREIRA, R. M. T. ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ (Sobre Fenómenos Inacreditáveis). **Journal of Ancient Philosophy**, v. 10, n. 2, p. 140-302, 2016a.

PEREIRA, R. M. T. Poltergeist: quem tem medo de φαντάσματα? **Revista De Estudos Clássicos**, v. 43, p. 211-232, 2016b.

PERSEIDS platform. The Perseids Project (Tufts University). Disponível em: <https://www.perseids.org/perseids-platform>. Acesso em 10 ago. 2025.

PERSEUS Digital Library. Gregory R. Crane, editor-in-chief. Tufts University. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/>. Acesso 10 ago. 2025.

PRIETO, M. H. T. C. U.; PRIETO, J. M. T. C. U.; PENA, A. N. **Índice de nomes próprios gregos e latinos**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

RAGON, E. **Gramática grega**. Tradução de Cecília Bartalotti. São Paulo: Odysseus, 2012.

REIS, M. F. **A emergência de um classicista digital: uma perspectiva linguística sobre a atividade de trabalho**. 2021. 430 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/205055>. Acesso em 10 ago. 2025.

ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.) **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

STERN, J. Heraclitus the Paradoxographer: Περὶ Ἀπίστων, On Unbelievable Tales. **Transactions of the American Philological Association**, v. 133, n. 1, p. 51-97, 2003.

STERN, J. **Palaephatus, ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ**: On Unbelievable Tales, with notes and Greek text from the 1902 B.G. Teubner edition. Wauconda, IL: Bolchazy-Carducci. 1996.

TLG. Thesaurus Linguae Graecae: A Digital Library of Greek Literature. University of Californie: Irvine, 2014. Disponível em: <https://stephanus.tlg.uci.edu/index.php>. Acesso em 20 ago. 2025.

UGARIT. Translation Alignment Editor. Alexander von Humboldt-Lehrstuhl für Digital Humanities, 2016. Disponível em: <https://www.ugarit.ialigner.com/index.php>. Acesso em 20 ago. 2025.

VELUDO, G. **Le cose indredibile di Palefato**. Veneza: Gio. Cecchini. e comp. 1843.

YOUSEF, T.; PALLADINO, C.; SHAMSIAN, F.; FERREIRA, A.A.G.D; REIS, M.F. An automatic model and Gold Standard for translation alignment of Ancient Greek. In: **Proceedings of the Thirteenth Language Resources and Evaluation Conference**, 2022, Marseille. European Language Resources Association, p. 5894-5905, 2022.

ZAVAGLIA, C. Ambigüidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 19, p. 237-266, 2003.